



MYRIAM FRAGA

MÍNIMAS
ESTÓRIAS
GERAIS

Admiral Costa

Mínimas Estórias Gerais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F811m Fraga, Myriam, 1937-2016.
Mínimas estórias gerais [recurso eletrônico] / Myriam Fraga. –
Salvador : Oiti, 2021.
1 recurso eletrônico (2.345.103 bytes).

Reedição sob Selo Myriam Fraga do livro “Mínimas estórias gerais”
através do Programa Aldir Blanc Bahia.
Crônicas publicados originalmente na coluna Linha D’Água do
jornal A Tarde, Salvador (BA).
ISBN 978-65-89858-01-0 (e-book).

1. Literatura Brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDD 869.8

O que vou escrever agora, neste diário de bordo, talvez não lhes diga respeito. O balouço do navio é que torna trêmulas minhas letras. Estou só no convés. Diante de mim, vejo a ilha. Mais adiante, a difícil passagem. Amanhã tentarei. Os outros dormem, pois teremos pela frente um dia difícil. Na linha da arrebentação, na praia defronte, começo a perceber vultos escuros que se esgueiram. São eles. Devem ser eles. Sinto um baque no coração, como se as águas todas do mar refluissem em meu peito. Súbito, um alarido, e, na praia, todos os fogos se acendem. Aqui termina a viagem.

Myriam Fraga

As vastas mínimas navegações de Myriam Fraga

Carlos Ribeiro

As *Mínimas Estórias Gerais* que compõem este livro nos trazem uma vertente pouco conhecida e ainda não devidamente apreciada da obra de Myriam Fraga. Nelas, diversamente da lírica poética, em versos, da escritora, abarcada por onze títulos — de *Marinhas* (1964) ao recém-lançado *Poemas* (2017) —, desenham-se contos e crônicas publicados, de forma esparsa, ao longo de vinte anos, na coluna Linha D'Água, assinada pela autora no jornal *A Tarde*, de Salvador.

Daquela coluna, algumas crônicas já haviam sido reunidas no livro *Ventos de verão*, em 2016. Mas é aqui, neste volume, que a densidade de sua prosa ficcional ganha maior visibilidade e relevância, na iluminação de suas epifanias, percorrendo os territórios mapeados de sua *Ars Poetica*, plena de temas e personagens mitológicos, reinos fictícios, luxos de fantasia, labirintos da infância, sótãos e porões, barcos à deriva, unicórnios, crepitar de abelhas, mas também o devaneio de uma mulher num final de tarde, o prosaico relato de marido infiel em dia de Carnaval, a Ilha de Itaparica, artistas de cinema, ruas e objetos familiares, tristeza,

melancolia, tédio. E, sobretudo, as evocações de um tempo antigo, o sopro da poesia que vem de um longe — para lá da arrebentação — de um tempo em que as ilhas eram verdes. *O mundo real aqui e o vento uivante lá fora.*

Na pequena nota introdutória que antecede os escritos, extraída da belíssima crônica “Navegações”, Myriam refere-se a este livro como um *diário de bordo*. Diário de uma viagem que se transfigura, em cada palavra dita, em jornada existencial que inclui um múltiplo repertório de histórias não contadas cuja força maior está no não dito. Seu combustível é, ao mesmo tempo, a força do mito, da lenda, e o cotidiano prosaico marcado pelo desencanto de seus personagens, pelo narrador (redivivo) e pela força da narrativa. Narrar, aqui, é ultrapassar os limites da prosa e a própria capacidade de dizer, aceitando os contrastes e os paradoxos como elementos inevitáveis do ser.

Nesse diário de bordo, pode-se entrever, aqui e ali, o mito revisto pelo olhar feminino, como no primoroso conto “Ressurreição”. A recuperação das *estórias* contidas na *história* pelas vozes que foram silenciadas. A recriação do mundo, da história do mundo fora das muralhas impostas pelo patriarcalismo redutor. A ressurreição de tempos pretéritos, remotos, sob a luz do século XXI, mas que já não se prendem aos limites dos calendários. O elemento mágico. O fantástico. O sonho. A grandeza do momento perfeito em contraste com a consciência de sua brevidade. A vaga percepção de um ponto de passagem para um mar profundo, um oceano maior. A liberdade. A corrida. A bebida. A sobremesa. O amor. O sexo. A magia da cidade. O desejo violento de fuga.

A felicidade entrevista. A beleza do instante. O sentimento da perda. O reencontro e o eterno renascimento.

Em suas *Navegações*, Myriam exerce com maestria a arte de viajar sem sair de casa. Tal como a poeta Emily Dickinson, cuja “vida foi sempre uma permanente viagem. E, no entanto, ela nunca saía de casa”, suas viagens se realizam aqui, pela imaginação, pela poesia, pela arte da palavra. Evocação de lugares distantes e distintos, reais e imaginários. Silêncio, revelação, graça. E cujas referências estão, no final das contas, na própria Literatura, tendo o mar como símbolo maior da Odisseia que é o viver. “Para os que ainda não conhecem os segredos dessas navegações, esclarecemos que as melhores viagens são sempre as marítimas. Não há nada que se assemelhe ao barrufo das ondas numa tarde calma ou ao nascer do dia num navio singrando águas profundas quando o céu, tingindo-se de vermelho, salpica de sangue as espumas como se fossem pássaros degolados”.

Consagrada, desde cedo, por sua notável obra poética — na qual, conforme definição precisa da ensaísta e professora Evelina Hoisel, “[...] estabelece-se intensa interlocução com uma tradição literária, apropriando-se dos mitos e dos símbolos que constituem o patrimônio cultural do Ocidente, postos em diálogo com os elementos de uma vivência local, paisagens e cenários, atravessados por personagens da história da Bahia e do Brasil” —, Myriam parece ter, ela mesma, dado menor atenção à sua produção em prosa. Talvez, quem sabe, pela reserva em aceitar-se também como prosadora de alto nível e, podemos afirmar agora, das mais expressivas entre os ficcionistas contemporâneos. Ou pela

consciência de que é, em tudo o que fez, essencialmente, poeta. Inclusive, conforme depoimento do poeta, letrista e editor Claudius Portugal, como administradora cultural à frente da Fundação Casa de Jorge Amado, na qual ocupou, durante trinta anos, a presidência.

Diz Claudius:

[...] Saibam todos que aquela casa azul, fisicamente aberta nas suas portas e janelas para o Largo do Pelourinho, é uma das antenas da Bahia com o mundo, feita com trabalho e sonho, e é ela também mais um poema de Myriam. Poesia não se faz somente com versos. A vida tem de ser — creio nisso cada dia mais, haja o que houver —, em tudo, uma permanente arte poética.

Como escritora e administradora cultural; como mãe, amiga e avó; como “madrinha” de um grande número de autores revelados nos projetos e concursos promovidos por ela em instituições como a Fundação Cultural do Estado da Bahia e a própria Fundação Casa de Jorge Amado; como membro atuante da Academia de Letras da Bahia, à qual se dedicou por longos trinta anos e na qual ocupava o cargo de vice-presidente no momento último de sua presença física entre nós, Myriam conseguiu exercer a arte mágica de dissolver fronteiras — entre pessoas, entre gêneros (literários, jornalísticos, acadêmicos), entre ideologias e instituições.

Voltando ao campo da escrita, das páginas e dos livros, percebe-se claramente, nestas *Mínimas Estórias Gerais*, a dissolução de uma fronteira na qual estaria, de um lado, a produção poética que coloca a autora de *Purificações ou o*

sinhal de talião entre os mais importantes poetas líricos da segunda metade do século 20 — aqueles textos “nascidos da necessidade” e de uma “alquimia” ou espécie de “magia”, conforme ela mesma disse em seu depoimento ao projeto *Com a palavra o escritor* — e, do outro, a prosa (contos e crônicas, sobretudo estas últimas), como uma espécie secundária de textos circunstanciais, mais fáceis, dirigidos ao “leitor comum”, não iniciado nos insondáveis mistérios da arte poética.

Nada mais ilusório. Na verdade, o que o leitor encontrará aqui, nesta seleção feita pela própria autora, poucos anos antes de atravessar a fronteira do insondável, “encantando-se”, como diria o grande Rosa, é um conjunto de textos que a coloca também entre os mais refinados contistas e cronistas brasileiros contemporâneos (penitencio-me aqui pelo escrúpulo besta de não dizer *universais*). O conto, a crônica e o poema, *de e em* Myriam Fraga, são como três praias distintas nas quais as marés cambiantes da poesia circulam, ora em ondas cristalinas, ora em misteriosos e insondáveis redemoinhos.

Sumário

As vastas mínimas navegações de Myriam Fraga

Carlos Ribeiro 7

Mínimas estórias gerais

No labirinto	19
O sonho	22
A intrusa	24
A viagem	26
Pavão real	29
Barco à deriva	32
Carta	35
O unicórnio no jardim	38
Última noite em Sodoma	40
A oitava praga	43
Ressurreição	45
Navegações	48
A loba	51
História antiga	53
Ciao, Marcelo	55
A predileta	58
Neve no quintal	61
Uma alegria para sempre	64
Ritos de passagem	67

A fênix	70
Final de labirinto	72
A última ceia	74
Os oráculos	76
Os ventos uivantes	78
Um homem de coragem	80
Escorpião	84
O arquipélago e os ventos	86
Reflexões de Elizabeth Taylor ante a notícia da morte de Richard Burton, seu quarto (Ou quinto) marido	89

Crônicas da província

A casa de Valdete	93
Águas do São Francisco	96
Assombrações E guardas noturnos	98
Circuito na comunicação	101
Do porão à clarabóia	103
Feliz aniversário	106
Fragmentos de um retrato de mulher	109
História de um poema	112
Lembranças de um poeta	115
Lembranças de um poeta (II)	117
Lindoca	120
Maneiras de gostar	124
Meu cavalo por um reino	127
Natal	129
O caso das baleias	132
Uma rua chamada saudade	135

A casa do Rio Vermelho	139
Minha amiga Auta Rosa	142
Totoca	146
Um cão do Tibet	149
Um gato, de manhã	154
Malhado	157
As lanchas de mar grande	161
Lembranças	164
Santo Antônio rogai por nós	166

Esparsas

As adolescentes voadoras	171
Crônica nostálgica à Cidade da Bahia	173
Devoções	176
Elegia para um morto em sua cadeira	180
Fundo de gaveta	181
Janelas	183
Jorge Amado, para sempre	185
Lisboa revisitada	188
Maratona	192
Nostradamus não está com nada (ou o amargo sabor das profecias)	194
O calor da fogueira	196
Pássaros	198
Réquiem para um poeta assassinado	200
Hermafrodito	201
Tristeza	203
Metamorfose	205
Papai Noel não existe	207

A difícil travessia	212
Caminho sem volta	214
<i>Cave ne cadas</i>	216
Um retrato no jornal	218
Nós somos o mundo	220
História natural	222
Menudos	224
<i>Sic transit...</i>	227
Gralhas & gralhas	229

Mínimas estórias gerais

No labirinto

Era um bebê muito estranho. Tinha a face peluda e grandes olhos líquidos. E um focinho rosado com ventas que sopravam um bafo morno sobre o seio da mãe, onde mamava sem cessar com um apetite de monstro.

A princípio, fizeram o possível para escondê-lo. O pai, horrorizado, recolheu-se aos aposentos reais (porque era um rei, isto é preciso que se diga) e odiou o filho e a mãe. Aquilo era castigo, só podia ser castigo. Onde já se viu um mortal, ainda que fosse um rei, afrontar um deus, assim, impunemente? Eis no que dera despertar a *hybris* divina, a terrível inveja dos deuses. Agora, o resultado estava ali. A poderosa cabeça equilibrando-se no corpinho que se fazia atlético. Aquela criança dividida entre dois mundos, entre desejos opostos, entre opostas vontades.

Assim o tempo foi passando...

Já estava quase adolescente, e sua força era descomunal. Vencia a todos nos jogos, sempre. Vivia pelos corredores do palácio a passear sozinho, em púrpuras, as pontas dos chifres aflorando, perigosamente afiadas, cruelmente polidas.

Um dia, pela primeira vez, matou um pássaro. Foi durante a festa das colheitas. Não quis explicar por que matara o pássaro. Ou talvez não pudesse. Havia tantas coisas sem explicação em sua natureza contraditória. Quando devorou o bicho, o gosto do sangue fez-lhe mal. Vomitou sobre o mar

de Creta todo o nojo, todo o pasmo de sua humana condição. Mas, no fundo, alguma coisa lhe dizia que isso era apenas o começo. Seria sempre assim. Um eterno e cruel devorador de inocentes.

Por muitos dias, dias e noites a fio, sentira o gosto amargo do sangue. A língua se enrolava na boca, lacerava-se. Aí então, ele deixava o palácio, sozinho, às escondidas, e ia correr pelos campos, solto e bravio como um touro selvagem. Voltava exausto. Fiapos de relva e flores enrolados nos chifres, e no coração um cansaço feliz de bicho inocente, de puro animal sadio.

Quando isso acontecia, sua mãe o acariciava e chorava. E ele via em seus olhos desenhar-se um remorso, revolver-se um desejo e, então, sabia que ela também não era feliz e tinha medo.

Crescer era assustador. Havia sempre pairando no ar um propósito, um projeto homicida. Viu, ou antes, pressentiu quando as pedras foram sendo amontoadas à sua volta, cuidadosamente cimentadas, cautelosamente empilhadas. A cada manhã ao acordar, elas estavam mais próximas, elas estavam mais perto, e a realidade era sua aspereza cinzenta e o caminho cada vez mais difícil, no emaranhado de paredes que se multiplicavam.

E cada vez mais longe a inocência das fugas noturnas, a correria de animal livre pelos campos. Agora, só a solidão e aquelas pedras como flores crescendo, como um pólipó gigantesco, aquelas pedras e a solidão, mais nada.

O vento, à noite, infiltrava-se pelas frestas, uivando como um lobo faminto e, então, ele tinha medo e se tornava

cruel. Percorria sem cessar o longo labirinto de salas e corredores que se comunicavam e se sucediam, até encontrar-se novamente no salão dos espelhos, onde grandes placas de metal polido refletiam sua imagem embaciada, para que soubesse sempre, para que nunca esquecesse por que estava ali e não lamentasse seu destino.

E, então, ele soltava um urro como um grito de fera e debatia-se com fúria contra paredes decoradas com desenhos de grandes chifres curvos e figuras de machados duplos que se multiplicavam por toda parte, inexplicavelmente.

De manhã, a cada manhã, ouvia o mar batendo nos rochedos. Sentia, então, um leve perfume no ar, e o som de cânticos abafados invadia docemente o silêncio das pedras.

Mas, em algumas ocasiões, os cantos se alteavam, e havia grande clamor e alarido. Então, ele sabia que logo teriam início os rituais de sacrifício. Durante toda a noite, seus lábios de touro ruminariam flores e ervas aromáticas. E, ao despertar da madrugada, estaria quase apaziguado.

Mas, no fundo de seu coração de homem, haveria uma inquietação, uma ansiosa expectativa. As vítimas lhe seriam apresentadas, uma a uma. E não haveria complacência.

O sonho

O sonho começara com os tambores. Era o sinal. Pulei, pulou da cama — rede, jirau? — num átimo.

— Preciso ver Jim Hawkins — ele disse. — Eu espreitava.

E partimos a cavalo. Ele na frente. Notei que montava ligeiramente de lado, meio adernado. E tinha a graça e a elegância de um barco. Eu mais atrás, orgulhosa de olhá-lo. O casaco de couro, franjas ao vento, as botas altas. Havia calma e decisão nos gestos. Eu, confiante, no rastro. Adivinhava-lhe a força na cintura delgada. Cavalgava. Era ele ou era eu, quem cavalgava?

Chegamos à aldeia pela tarde. Era um campo de xadrez. Um tabuleiro. Dos quadros pretos, as cabanas se elevavam, distribuídas em grupos, salteadas. Cones perfeitos na luz que se alongava e incidia nos rostos de bronze, parados, nas estátuas. Eles também esperavam.

Deslizávamos em silêncio, e o silêncio pesava na anca dos cavalos. De repente, os tambores novamente, os tantãs ritmados. No fundo e à direita, o conselho dos velhos, em círculo. Nosso destino estava ali, na brasa dos cachimbos. Foi então que vimos o triângulo. Desenhado no chão, prolongado. A base a perder-se no ocaso, e o vértice voltado para nós. Era todo dividido em casas como os jogos que em criança desenhávamos na calçada. E era todo riscado em triângulos menores, em círculos, em pássaros estilizados e escrita sagrada.

Havia uma placa no portão e uma frase. Uma sentença já meio apagada:

HESITAR É MATAR-SE

Às nossas costas, as águas se fecharam. Não haveria retorno. Assim estava escrito. Só o lento caminhar em círculos. O galope pesado, os cascos como chumbo. O alarido. O acusador e seu dedo encurvado.

Vi quando o derrubaram com suas achas. Ele voltou para mim o rosto pálido, o lado esquerdo do rosto. Seus olhos, incrédulos, perguntavam:

— Por quê?

— Também não sou culpada — gritei —, caímos na emboscada. — E senti duas flechas ardentes nas espáduas.

— Acordar é renascer de um sonho que nos mata?

Tentei regressar. Decifrar o triângulo enorme como um mapa. Talvez a chave estivesse em seu bojo, em seus pássaros hieráticos. Cerrei os olhos com raiva. Dormir. Voltar. Mas, nas pálpebras fechadas, deslizava o vazio de um sono sem mácula.

Isso o Tenebroso já sabia. Em seu monte de solidão e esterco, há milênios sabia, adivinhava. O momento é um peixe que salta, um lampejo de prata. Nenhum caminho regressa, nenhum rio.

Não se sonha duas vezes o mesmo sonho — isto eu me lembro — estava escrito na décima casa.

A intrusa

Um belo dia ela chegou e abancou-se ali, naquela cadeira. A casa toda se alvoroçou. Houve um rebuliço geral, um desmanchar de paredes, um balançar de alicerces. Logo de saída, ela declarou sua verdadeira intenção:

— Eu cheguei para ficar e vou mudar tudo — ela disse.

E foi aí que os habitantes da casa se entreolharam e sorriram, alguns. Outros apenas suspiraram. E o telefone não parou mais de tocar, e as visitas se avolumaram, os cochichos se multiplicaram.

— Esta casa está muito mal administrada — ela disse — e a governanta empalideceu. — Vou trocar o carro, o motorista, a cozinheira, o jardineiro. E, por falar nisso, é preciso remover, imediatamente, aquele louco do jardim. Aumentem a segurança, levantem os muros, ponham cadeados nas portas, ferrolhos nas janelas. — Ela disse isso mesmo e rodou entre os dedos seu longo colar de pérolas de Maiorca.

Dia após dia, noite após noite, ela ali sentada, como uma rainha em seu trono. Ao redor, a casa se movendo como um satélite gigantesco, cada vez mais devagar, cada vez mais lentamente. Os antigos donos já não tinham sossego. A presença da Outra na sala afligia-os, incomodava. Onde estava sua antiga paz, a alegria de família bem-humorada e briguenta? Agora, não ousavam dar mais festas, estranhos em sua própria casa. Falavam baixinho, olhando para os lados, sentindo-

se vigiados pela multidão de robôs que invadia os corredores. Em todas as portas, um invisível cartaz dizia: “Proibido”. E ela, na cadeira, sentada, empanturrando-se de doces.

Todos os dias, manhãs e tardes, semanas a fio, meses sem conta. A erva começou a crescer no pátio, e os ferrolhos rangiam nas portas por falta de graxa; só os robôs passavam lentamente com seus olhos vidrados. Uma goteira infiltrou-se no teto e derreteu os livros. Ela não se importou nem um pouco, mas ficou furiosa quando começaram a atirar pedras nas janelas. Eram pedras redondas e brilhantes e desprendiam um odor forte de limões maturados.

Foi, então, que um antigo serviçal da casa respirou bem fundo este cheiro adstringente e, sem pressa alguma mas sem qualquer hesitação, disse alto e bom som que não aguentava mais a insólita presença. Ela se fez de surda e continuou a devorar pacotes de bombons e litros de suco artificial sabor morango.

Há vários dias não aparece, trancada na biblioteca. Os robôs estão agitados e levantaram mais uma fileira de tijolos no muro dos fundos. Há em redor um ar pesado de insatisfação e conivência. Desde a manhã, todos esperam o trinco argentino da pedra nos vidros. Ela parece calma. Pela tarde, escreveu três cartas e duas conferências, mas, quando ouviu o barulho na vidraça e o cheiro limpo da primeira pedra espalhou-se na sala, compreendeu, pela primeira vez, vagamente, que ficar ali talvez fosse suicídio.

A viagem

A estrada era longa e, no caminho poeirento, a marca das sandálias deixava um rastro comprido que se perdia no horizonte. Tantas léguas, meu Deus, tanta distância... Tantos dias caminhando naquela secura, naquela arenosa e infindável travessia. Um desconforto, um calor que subia das entranhas, dos panos que cobriam o corpo seco, tentando em vão preservar o que ainda restava de umidade na pele desidratada.

Chamavam àquilo caminho, mas era só um traço apagado na vasta planura de onde, havia muito, a vegetação desertara. Somente cactos, raras bromélias sugando a frescura das pedras amontoadas a esmo. Xique-xiques, um ou outro umbuzeiro teimoso, e o sol multiplicando-se no brilho das areias, nos infinitos mínimos cristais com que é feito um deserto.

De tempos em tempos, o grito áspero do gavião cortando o silêncio e o círculo dos urubus negreando no cobalto do céu indicavam que a vida e a morte ainda cumpriam o curso de seus jogos enigmáticos.

Caminhavam lentamente, amparando-se um no outro, e, embora não estivessem propriamente sozinhos, pois uma vizinhança, igualmente silenciosa, seguia-lhes os passos, a solidão construía a seu redor uma tão espessa proteção, que era como se fossem únicos sobre a terra.

À noite, descansavam à beira da estrada, recostados

em algum tronco caído ou no parco almofadado das trouxas, tentando não pensar no que o dia seguinte lhes reservaria, tentando acreditar na misericórdia divina e nos desígnios de Deus, às vezes tão difíceis de aceitar.

Um casal como tantos outros que por ali caminhavam. Ela quase uma menina, disfarçando a silhueta volumosa numa túnica que mal encobria o ventre que se destacava no corpo magro. Ele, mais velho, marcado pelo cansaço e pelo sofrimento, os braços robustos e as mãos calejadas, sempre a amparar o passo da mulher que ora gemia baixinho e parecia desfalecer no desespero da caminhada, ora se punha a tagarelar sobre coisas incompreensíveis; sobre anjos que apareciam às vezes ao cair da tarde e estrelas e emissários. E, então, seu rosto se punha subitamente a brilhar, e ela, em lágrimas, batia no peito e se dizia escolhida, dizia-se bem-aventurada.

Embora não compreendesse, ele adivinhava que alguma coisa misteriosa estava acontecendo, algo muito além do seu parco entendimento de operário, de homem temente à lei de Deus e dos homens, cumpridor de deveres e de obrigações. Mas, embora reconhecendo sentir por aquela mulher um amor desmedido, talvez preferisse que as coisas se passassem de outro modo.

Temia por ela e pela criança ainda por nascer, e dava-lhe um frio no coração vê-la sentada à noite a contemplar o céu, procurando uma estrela — a mais brilhante, a maior, a mais bela das estrelas — que viria avisá-la de que a hora era chegada.

Naquele dia, haviam caminhado mais do que nunca — ou seria o cansaço que dobrava as distâncias? Ao chegarem

à vila já repleta de romeiros, perambularam de porta em porta à procura de um abrigo. Mas todas as portas se fechavam, e não havia hospedaria em qualquer parte que pudesse recebê-los.

Na última casa da última rua, ela já quase desfalecendo, foram, enfim, atendidos por uma alma compassiva que, apontando-lhes um estábulo, permitiu-lhes que ali se alojassem aquela noite. Embora cansado, procurou acomodar a mulher da melhor maneira possível, improvisando-lhe uma cama sobre as palhas, e tremeu de medo quando ela lhe disse que era chegado o momento.

Ela arfava suavemente, e de novo sua face resplandecia. Mas não soltou um grito, sequer um gemido. E, quando o menino nasceu, embalou-o cantando cantigas muito estranhas.

Naquela noite, muitos viram quando a estrela — a maior, a mais bela, a mais perfeita e brilhante — riscou o escuro do céu e pareceu equilibrar-se na ponta do telhado. Muitos viram, mas, embalados pela música, pelas danças, pelo vinho, não entenderam o sinal. Apenas alguma pobre gente que por ali pastoreava ovelhas e cabras percebeu, ao raiar do dia, aquela estrela que se apagava lentamente, com sua cauda brilhante cortando o céu como uma faixa de aljôfar, e aproximou-se curiosa para conhecer o milagre.

Mas encontraram apenas uma mãe amamentando seu filho e um homem cansado que tentava inutilmente reacender o borralho. E ele contou-lhes que a criança nascera naquela noite e que se chamava Messias.

Pavão Real

Para Evandro de Castro Lima, in memoriam

O grito soava estranho no silêncio da noite. Misto de uivo e grasnido, essa noturna voz, agourenta e inquietante como a voz de um fantasma. Era, no entanto, apenas o rouco apelo da beleza, a súbita explosão de um arco-íris em cio.

Nas malhas finas da infância, no tortuoso labirinto que é a infância sempre lembrada, havia um pavão real passeando majestoso o espanto de suas penas. Não era como uma realidade palpável, grafito decalcado nos muros da memória. Apenas uma impressão de passagem, um hóspede do espanto, um desdobrar de cores, um súbito cintilar de azul no amarelo das chamas.

Ali, plantado no quintal, era uma ave ou uma fogueira? Uma radiosa aparição, um milagre repetido no desdobrar da cauda em leque. Cem olhos vigiando nossa indefesa inocência.

Um homem indefeso admirou-se, mais uma vez, no espelho. Os cem olhos da infância lhe devolveram o segredo. Seus olhos azuis brilharam mais que as pedras azuis, mais que o cobalto azul dos vidrilhos ofuscantes. A perfeição colou-se a seu corpo a cada nó de laçada, a cada ponto de bordado, a cada gota de miçanga. De muito longe, ainda lhe chegavam os ecos, aplausos da avenida, a multidão extasiada ao resplendor de seus brilhos, ao luxo da fantasia.

Agora, no silêncio do quarto, era apenas um homem sozinho à mercê do imprevisto, nas garras do implacável. Um homem e seus olhos azuis desenhando fantasmas nos corredores do espelho.

Seria a realidade aquele brilho azul dos vidrilhos acesos, a naftalina dos armários amontoados de mantos, cetros, arminhos, a coroa do príncipe, a flecha dos arqueiros? Ou o ciscar dos galos no velho quintal da casa onde a infância dissolvera-se aos gritos, e partir ou ficar era apenas a linha sutil que divide os precipícios?

A verdade era aquele tanque limoso e os bigodes crespos do pai, a repartir o pão, sentado como um deus na cabeceira da mesa, enquanto as sombras invadiam, lentamente, o espaço da sala?

Ou a fúria da revelação, o opróbrio, o anátema? E a bênção negada na hora da partida. A bênção negada, quando nada mais havia a esperar além das lágrimas, além de todo além, como a crueldade dos galos dilacerando-se no pátio?

Apenas um homem sozinho e cansado. O triunfo talvez não lhe pesasse tanto, agora que ele começava a despir-se devagar, como uma crisálida rompendo, cautelosa, as fibras do casulo.

Quando a dor o pegou de surpresa, com um golpe seco no peito, lembrou-se novamente do galo caindo ensanguentado a seus pés, num rodopio de penas. Mas isso fora há muito tempo, no velho quintal sombreado de mangueiras.

Isso fora há muito, muito tempo, e era uma noite escura, embora fosse dia, e a rejeição doesse em seu coração

com a mesma violência das bicadas que estraçalhavam o coração dos galos, e o desprezo, escorrendo dos bigodes do pai, como restos de sopa, tingisse de sangue os punhos da camisa.

Agora, só restavam mesmo as lembranças e as penas azuis do pavão, a cauda imensa com cem olhos abertos na penumbra do quarto. Mais uma bicada feroz no coração e o choro desatado da mãe naquela noite, há tanto tempo... E novamente um cansaço infinito, um cansaço, um cansaço...

Barco à deriva

A princípio, ninguém queria acreditar que estava mesmo acontecendo. Afinal, nenhum alarme soara, nenhuma sirene, nada perturbara a rotina de bordo. Os passageiros moviam-se calmamente, lentamente, e a tripulação parecia estar tão ocupada! Havia mesmo no convés uma azáfama desusada, um arrastar de baldes, um brunir de metais, um esfregar de vidros. Como se, de repente, tudo dependesse de uma boa escovadela, e o destino de todos pudesse ser decidido mercê da destruição das traças e das teias de aranha.

No convés superior, tudo estava tranquilo. Alguns se espichavam sonolentos nas espreguiçadeiras, mantas fofas nas pernas, olhos perdidos em livros ilegíveis ou, bem longe, seguindo o voo altíssimo de sereníssimas gaivotas. Os mais jovens, divertiam-se na piscina com um barulho infernal, pernas e braços batendo na água clorada, aos gritos, atirando-se bolas de borracha e respingos azulados.

À noite, os passageiros mais graduados seriam convidados a jantar com o comandante e, então, fariam vagamente de suas vidas passadas, dos problemas e aventuras que tinham deixado bem longe, na cidade encravada nas encostas da baía.

Na segunda classe, mocinhas assustadas repeliam as investidas dos oficiais mais afoitos, sonhando com o dia em que poderiam ir ao baile com os cabelos arrumados,

vestidas de tafetá e rendas de Bruxelas. Elas seguravam os seios nas mãos e suspiravam debruçadas na amurada vendo o navio deslizar, como um peixe enorme, na superfície das águas. E, às vezes, até cuspiam e ficavam distraídas olhando as espumas engolirem o rastro de saliva, e era como se um pouco delas mesmas ficasse ali rolando, eternamente.

Do porão, nem se tinha notícias. Daquele povo que ficava tão lá embaixo, perto do coração do navio, ouvindo o pulsar das máquinas e respirando um enjoativo bafo de alcatrão e maresia. Por sobre as trouxas, amontoadas, dormiam crianças, e as mulheres dividiam tristezas, náusea e comida enlatada.

O primeiro aviso chegou de madrugada. Um ligeiro estalido, e um rato precipitou-se, apressado, por uma fresta da vigia. Houve também um leve estremecer de enxárcias quando a proa embicou, desgovernada, contra a crista das ondas e rodopiou em seguida. Todas as estrelas giraram no céu, e a marinagem, assustada, entreolhou-se. Não havia comando! Na ponte vazia, a ausência falava mais claro que todos os sinais. O comandante sumira. Uma deserção? Um motim? Um acidente qualquer?

Debalde, os oficiais se esforçavam para camuflar o acontecido. Uns amarravam o leme, outros estudavam as cartas, alguns observavam o horizonte, e outros tentavam, em vão, decifrar os portulanos. Mas, com a ausência, crescia a sensação da orfandade.

Todo mundo fingia acreditar que seguiam um roteiro, mas, no fundo do coração, lhes faltava coragem de admitir que navegavam em círculos.

Como se nada estivesse acontecendo, todos mantinham a calma e tentavam continuar com as costumeiras tarefas. O que ninguém ousava perguntar era até quando poderiam resistir, desde que descobriram que o leme também estava quebrado.

Carta

Foi só então que reparou como a luz se adoçava em tons de cinza. Esfriara de repente, e os olhos fatigados procuraram refrigério no verde das árvores, ali, bem em frente, no que ainda restava da antiga Mata Atlântica, no bosque lavado pela chuva da véspera, que, como uma ilha silenciosa, cercada pelos longínquos mil ruídos da cidade ao redor, garantia-lhe a fatia de paz, a ração mínima que ainda sobrava a defendê-la do cotidiano a lacerar-se nos vidros, nos muros, nas imperfeições, nos prodígios.

Diante de si a carta. A longa estória sofrida, inventada, repetida, a triste realidade do que nunca existira, mas que se fazia tão presente, cristalizando-se em letras esparramadas sobre o branco do papel, que acabava por acreditar que realmente existira. Ou será que existira realmente? A verdade é uma construção de múltiplos espelhos refletindo apenas a imagem que cada um deseja ver. O resto é ficção.

Por trás das árvores, atrás do delicado perfil das copas, sobrepostas em tons rosados, fiapos de nuvens de um azul sombreado destacavam-se na transparente cúpula esverdeada do céu que se abismava no mar, além, muito além do presumível horizonte.

Subitamente, os ruídos da noite se adensavam. O ciciar monótono das cigarras misturando-se ao coaxar dos sapos, ao martelar dos grilos e, antecipando-se ao séquito dos habitantes do escuro, o gargarejo agourento das corujas.

A longa, inesperada carta, tão cheia de amargura a queimar-lhe os dedos, tão destituída de qualquer esforço, por mais leve que fosse, de entendimento ou de perdão. Cruamente, loucamente, insensatamente, antigas estórias reinventadas, episódios sem nenhuma importância interpretados com uma fúria meticulosa e confusa. A confusão organizada dos doentes, dos que só enxergam o mundo através das lentes gelatinosas de sua própria demência.

A carta pesando em suas mãos como o último tijolo de um templo arruinado, como um mapa onde as linhas se emaranhassem, embaralhadas pelo rancor, pelo azedume, pela amargura, num roteiro sem sentido e sem direção.

A mulher que está sentada na varanda, naquele fim de tarde de outono, com os olhos abismados no verde lavado pela chuva, sabe que um dia ainda será atingida pelos estilhaços, sabe que aquela fúria desatada e ao mesmo tempo serena não se contentará com nada que não seja o repisar cruel de fatos dos quais nem ao menos se tem certeza de terem existido realmente, mas ardem, em seu coração revoltado, como brasas de vez em quando sopradas.

Pensa no tempo — quanto tempo! — desperdiçado com esse sofrimento que lhe corrói as entranhas, que lhe salga as palavras, que a impede de viver como todo mundo seus pequenos momentos de alegria. Pensa na carta, nas que vieram antes e nas que ainda virão.

Estremece ao vento frio que sopra de longe, daquele ponto de mar cinzento que se percebe à distância, e chega à conclusão de que não pode carregar para sempre a culpa por um crime que não cometera, que talvez nunca tenha

acontecido realmente, e que a persegue como o calor de
chamas mordendo o papel que aos poucos se enovela e se
desfaz em cinzas, apagando de uma vez por todas (até quan-
do?) a solidária tentativa de suicídio ou de perdão.

O unicórnio no jardim

Sei que você vai rir, meu jovem amigo. E vai até pensar que eu sou uma mulher meio louca à procura de papo. Sei também que, provavelmente, não lhe interessa nem um pouco esta nossa conversa. Mas, de manhã, quando eu acordei, tinha um unicórnio pastando em meu jardim. Talvez você nem saiba direito o que é um unicórnio, mas se se der ao trabalho de procurar num bom dicionário, encontrará com certeza: unicórnio, animal fabuloso, semelhante um cavalo com um único e longo chifre na testa, etc... etc...

Eu sei, eu também tive um choque e pensei a mesmíssima coisa. Por que, afinal, perder tempo com um animal que não existe? No entanto, ele está lá, bem no meio de um canteiro de begônias. Mais real que uma girafa, mais plausível que um rinoceronte. Seu longo chifre espiralado toca de leve as flores do jasmineiro, e seus pés delicados pisam as pedras sem mágoa; os casquinhos, brilhantes como nácar, desmunhecando levemente a cada nova pisada. Ah! E o pelo! Branco, com reflexos prateados. Os olhinhos esbugalhados revirando-se medrosos com um faiscar de ametistas.

E agora, o que fazer? Que armadilhas, que laços, que propostas farei para que ele se aproxime? Para que paste em minha mão com seu focinho morno e sua língua inocente? Um unicórnio é um bicho encantado. Que se saiba, nunca, em tempo algum, alguém conseguiu alcançá-lo. Para isto é

preciso muita astúcia, muita paciência e uma absoluta força de vontade. Dizem que o método mais seguro é armar-se um laço de seda em sua trilha e, perto daí, colocar-se uma virgem como isca. Eles são loucos por uma virgem, isto é certo e sabido. Assim ele virá com seus passinhos miúdos e, aos acenos da outra, vai esquecendo a prudência e zás! cai no laço. O que torna as coisas mais difíceis é que tem de ser uma virgem autêntica, daquelas que cobrem os joelhos ao mínimo cúpido olhar e coram de pudor à mais leve tentativa de assalto. Uma virgem dessas é hoje quase tão difícil quanto um verdadeiro unicórnio.

Bem, uma vez laçado, o animal é fácilimo de conduzir. A mansidão em pessoa. Só que alguns não se dão bem no cativeiro; simplesmente, enlanguescem e morrem, ou consomem-se numa chama azul sem deixar rastro nem cinza.

Bem sei que esta conversa está comprida e maluca. Mas tem um unicórnio pastando em meu jardim. Não sei de onde veio. Surgiu pela manhã entre brumas e orvalho, e eu o quero para mim. Sei que será difícil pegá-lo. Vou tentar me aproximar aos poucos, suavemente, em perfeito equilíbrio entre desejo e recato. Não usarei laços nem virgens. Apenas nós dois no jardim, olho no olho, longas tardes a fio. A cada passo um recuo, a cada ausência um retorno. Mas ele há de comer um dia em minha mão — disto eu tenho certeza —, sem artificios, sem armadilhas.

Última noite em Sodoma

Nesta cidade, Sodoma, eu cresci como uma árvore. Pés enraizados no chão, cabelos como folhas soltas ao vento. A princípio, entre as tendas cor de areia, misturada a outras crianças e às cabras e ovelhas dos rebanhos que alimentam meu povo. Depois, numa casa de tijolos cozidos ao sol, onde às tardes me deitava aos pés de meu pai e ouvia de sua boca muitas canções de guerra e aflições e longos relatos de heroísmo e crueldade. Minha casa, de assoalho polido e largos portais lavrados, protegida do sol, amortecendo o calor nos úmidos reposteiros. Ainda guardo, recortada e nítida na memória, a lembrança das manhãs em que minha mãe lavava roupa no tanque de arenito, e minha irmã passava unguentos em seu longo cabelo acobreado.

Nesta cidade, Sodoma, aprendi muitos ritos, mas guardei, como meus pais, a fé de meus antepassados como relíquia, sob o fogo das trípodes. As chamas no altar me falavam em sacrifícios, em longas esperas, em perseguições, em tribos inteiras que morreram cantando. E era nisso que eu pensava naquelas tardes suaves pontilhadas de moscas e sombras de palmeiras.

Às vezes, desenhava na memória o perfil dos zigurates, e a face estranha de um homem surgia em meus sonhos com a persistência de um perfume. Sei — sempre soube — que, do outro lado das paredes, mulheres bailarinas arroxear-

vam as pálpebras e arregaçavam os vestidos, e seu corpo era uma oferta permanente, um permanente desperdício. Mas só os deuses entendiam seu ciciar de serpentes. Os homens apenas as tomavam, e seu sexo era como sarça ardendo no deserto, e o prazer era um jogo difícil, um difícil equilíbrio entre o gozo e o malefício. Mas o meu Deus é o Deus de meus pais, e só a Ele sacrifico. Às vezes, me parece cruel, e sua longa mão inflexível chicoteia-me o corpo com a força das lendas.

Isso eu pensava enquanto minha mãe tecia vestidos de linho grosso com suas mãos que tinham a ligeireza das falenas. Um dia, minha irmã perdeu-se com um guardador de camelos, e eu fui dada como esposa a um homem muito santo. Assim são cumpridos os desígnios de Deus e os costumes da tribo. Agora, minha pele de tâmara madura explode ao verão deste ardente solário. Em meus pés, borbulham águas de algum oculto rio. Foi aqui, onde as águas se juntam, bem no alto das coxas, que concebi duas filhas. As orações, como óleo, escorrem da boca murcha de meu idoso marido. As tâmaras fervilham nos cestos com um zumbido de abelhas.

Lembro, agora, aquela noite em que vieram os mensageiros. Ouvi quando na sala falaram em voz baixa decretando a falência de todos os vícios. Havia, lá fora, um resplendor de guizos. No escuro da sala, orações e um levíssimo palpitar de asas agitadas. Naquela hora, pensei no imperador com suas barbas frisadas dormindo em palácio com as suas mil concubinas: o pecado era uma fruta redonda e macia maturando em alguma parte ao crepitar das abelhas. Com o rosto em fogo e mãos que tremiam, servi figos secos e

vinho aos hóspedes desconhecidos. A fimbria de minha túnica roçou de leve as sandálias do viajante, nossos olhos se encontraram, e eu soube naquele momento que deveríamos partir ou seríamos destruídos.

Lá fora, o povo cantava entre fogos e alarido. Pensei que talvez fosse bom caminhar novamente entre os becos furtivos até as margens do rio. Mas não havia mais tempo, nem seria prudente. A multidão ululava, e custava muito acalmá-la com palavras que meu virtuoso marido arrancava do coração como pedras de um saco. Os hóspedes se retiraram deixando-nos uma grande aflição e três pães ázimos que comemos em silêncio.

Juntamos os objetos, os indispensáveis utensílios. Para trás, ficou a infância, as tardes de sono, os aquecidos aposentos com seus tijolos coloridos e seus reposteiros esvoaçantes.

Quando amanhã subir a colina, não olharei para ver a destruição da cidade. Não devo olhar para trás, não devo olhar. Mas alguma coisa me diz que esta viagem será para mim o último sacrifício.

Não olharei para trás, talvez. Mas pressinto a força do sal nas lágrimas que deslizam.

A oitava praga

De um dia para o outro, chegaram os gafanhotos. Eles vieram em nuvens negras, infinitos, vorazes. Nada escapou de sua sanha devoradora. Nem os campos plantados, nem as rosas, nem mesmo as altas palmas dos coqueiros. Até os homens foram molestados. Os bichos grudavam-se nos cabelos, embrenhavam-se nas roupas, invadiam desvãos, entupiam gavetas, mergulhavam na sopa, esponjavam-se na salada ou, simplesmente, não faziam nada. Postavam-se imóveis diante de sua vítima, olhando-a fixamente com seus olhinhos saltados, bolas de cristal girando, observando. Olhos que verumavam, que incomodavam em sua claridade, na absurda limpidez de sua opalescência.

Eles vieram no bojo da noite, prenúncios de medo e escuridão. Ao cair da tarde, um vento abrasador soprou sobre o campo, as cancelas se abriram, e todo o gado sumiu como se tragado por um redemoinho que se abismava na treva. No horizonte, um sol vermelho, sangrento, dizia que tudo estava escrito. No silêncio que se adensava, ouvia-se o rumor dos gafanhotos que cobriam a terra, como um grande monstro negro devorando as pastagens.

O mesmo vento agreste soprou e destruiu a cidade. Telhas voaram, postes retorcidos, árvores arrancadas. A ventania durou apenas dois minutos. Todos viram quando o rapaz atirou a mãe pela janela. Na urna de vidro, os gafa-

nhotos se agitaram. Antes ele tentara estrangulá-la. Enfiou-lhe os polegares goela a dentro, deu-lhe dois pontapés no ventre, pois odiava a matriz onde fora gerado. O parapeito era alto, mas nada lhe parecia impossível, pois estava fortíssimo e tinha a fúria a guiá-lo. Quando o corpo tombou com um movimento de folha, ele mordeu as mãos e entregou-se à polícia.

Bateram no sujeito até matar. Seu sangue esboçou na parede uma mancha vermelha, fantástico desenho de algum pintor futurista. Guarde-nos Deus do amor que pode nos levar à morte.

A fome faz com que as feras fiquem como os homens. Assim elas devoram a carne dos incautos. O lobo é o homem do lobo. Se pudéssemos detectar os sinais, o nó das profecias... Desde muito antes, quando as águas se transformaram em sangue, e os peixes todos morreram, e as margens putrefatas recendiam a podridão e morte, e batráquios enlouquecidos invadiam as casas, num coaxar ensurdecedor, podia-se ler os sinais de um novo cataclismo. A casa do prazer virou mansão de Hades. E agora, que centauros ousarão transpor as portas malditas?

Mas o mágico tirou da cartola um pombo degolado. E novamente os gafanhotos rodearam as lâmpadas e apagaram a candeia. O repórter, na televisão, fala de coisas terríveis: de casas destruídas, cidades inteiras destruídas, pessoas sendo retiradas aos poucos, mortos vivos, dos escombros.

Não tem nenhuma importância. Estamos todos anestesiados.

Ressurreição

Evieram umas mulheres de longe e se assentaram na pedra, frente ao sepulcro. Um calor abafado fazia tremular o ar em volta e tornava quase enjoativo o perfume dos bálsamos que elas haviam trazido. Durante toda a noite, trovejara e, já perto do amanhecer, um grande abalo, como um terremoto, sacudira a terra. Talvez por isso a grande pedra estivesse revirada, e a boca do túmulo se encontrasse aberta.

As mulheres tinham vindo de uma longa noite de agonia e estavam cansadas. Ao amanhecer, depois de recolherem ervas aromáticas, óleos e perfumes, encaminharam-se ao local do sepultamento, para que, lavando o morto e o envolvendo em bálsamos, pudessem demonstrar, mais uma vez, a extensão do seu amor e do seu padecimento. Mas agora estavam ali, paradas, sem coragem de penetrar na fumaça sombria, sem forças para encontrar o corpo amado coberto de manchas, lacerado de pregos, aviltado e corrompido em sua humana carnadura.

Um sopro de ar fresco bafejou-lhes o rosto afogueado. Um sopro perfumado, saído do oco sombrio, uma brisa vivificante como um hálito de primavera. E foi, então, que elas entraram e viram. O sangue quase lhes faltava, petrificadas de espanto diante do inesperado. O morto não estava ali. Em seu lugar, apenas uma ausência como um contorno nítido na lembrança. Os panos do sudário, revolvidos, ainda guardavam manchas do

sangue, mal estancado, apesar de todo o cuidado que tiveram na preparação do corpo; as feridas lavadas com óleo fino, com sumo de ervas e essências fortes. O morto não estava ali, e sua ausência era quase um desamparo, uma orfandade multiplicada pela dupla perda, pela dor da morte agora renovada.

Entreolharam-se assustadas, sussurrando entre si palavras de espanto e mágoa e temor. Quem poderia ter levado o corpo, se havia guardas armados à porta, velando toda a noite, e a ordem era prender qualquer suspeito que se aproximasse? Elas próprias tinham conseguido passar porque eram apenas pobres, fracas mulheres, com seus potes perfumados, cumprindo um ritual de dor e caridade. Pobres, fracas mulheres sem nenhuma força além do amor desesperado que as guiava.

Mas agora estavam ali diante do imprevisto. A imensa pedra revirada, os lençóis que O amortalhavam atirados a um canto, e os guardas, quando os encontraram, pareciam paralisados de horror, olhos fixos, transtornados por uma visão que os cegara mais que a sua própria maldade. Eles estavam mudos, petrificados. E suas armas, no chão, já não serviam para nada.

E foi, então, que elas viram, na sombra, surgir o adolescente. Talvez ele estivesse ali, desde o primeiro instante, desde o primeiro susto. Mas só agora, maravilhadas, davam-se conta de sua insólita presença. Estava sentado na pedra, bem no lugar onde a cabeça do morto repousara. Seu rosto resplandecia, e suas vestes brilhavam. Na penumbra azulada, adivinhavam-se as asas. Elas queriam perguntar pelo morto, que destino tomara, mas a voz em suas gargantas

parecia que estancara. Queriam perguntar quem era, o que fazia ali, sentado e sereno, enquanto elas, agoniadas, buscavam uma resposta, uma explicação, um consolo.

Mas havia entre eles um vazio sem palavras; apenas o fulgor dos olhos e o tremular suavíssimo das asas. E, então, elas compreenderam e deram graças.

Navegações

Para Emily Dickinson, poeta nascida no século passado, em Nova Inglaterra, Estados Unidos, a vida foi sempre uma permanente viagem. E, no entanto, ela nunca saía de casa. Em seu quarto-navio, vivia constantemente elaborando roteiros, sempre vestida de branco, como uma vestal, a serviço da poesia.

Para os que ainda não conhecem os segredos dessas navegações, esclarecemos que as melhores viagens são sempre as marítimas. Não há nada que se assemelhe ao barrufo das ondas numa tarde calma ou ao nascer do dia num navio singrando águas profundas, quando o céu, tingindo-se de vermelho, salpica de sangue as espumas como se fossem pássaros degolados.

E o que dizer das noites enluradas, nas pequenas enseadas, quando o barco, a jusante, estica a corda da âncora no quase limite do suportável, e a gente se debruça e olha a linha da praia ali defronte com seus coqueiros esguios e os olhos doces dos nativos espiando disfarçados entre as moitas escuras da vegetação que desce até a praia. Ah, noites encantadoras nos ancoradouros das ilhas!

Pode-se também pegar um cargueiro e atravessar o Mar do Norte. Em certas épocas do ano, os *ffjords* ficam levemente rosados, e uma bruma macia envolve o navio, e é como se fôssemos marujos fantasmas num veleiro perdido.

Também se pode perfeitamente ir aos polos. Ao norte, a temperatura é mais amena, sobretudo na primavera, quando as flores amarelas cobrem toda a superfície gelada. Mas não é preciso ir tão longe para assistir às auroras boreais. De vez em quando, regulo o calendário e posso vê-las, tranquilamente, sentada em meu jardim. A última foi lindíssima, como se todos os arco-íris do mundo desabassem subitamente sobre a minha casa. Havia uma música tocando, não sei se Wagner ou Beethoven, algo assim muito grandioso. Creio mais que era Wagner, porque, de repente, umas mulheres muito brancas, em desabalada cavalgada, saíram de uma nuvem e precipitaram-se na fímbria do horizonte, seguidas por uma multidão de guerreiros loiríssimos. Eram walkírias, certamente.

Há também umas viagens muita bonitas e que se pode fazer de balão, sobrevoando os desertos dourados; um susto no coração ao mais leve engrossar dos ventos, pois o simum é um sopro poderoso e, quando sopra com raiva, nem as cegonhas de Tebas nas colunas derrocadas fitando o morno céu escapam à sua fúria. As nascentes do Nilo são belíssimas. As águas brotam de repente de uma espécie de cântaro e vão borbulhando, borbulhando através das dunas escaldantes, e cada grão de areia se torna um tufo de papiro onde as íbis satisfeitas, equilibrando-se em suas longas pernas, pousam para turistas munidos de paciência e moderníssimas Pentax.

Mas, cuidado! Viajar é uma arte difícil que requer uma dedicação total na elaboração dos roteiros. Qualquer deslize, qualquer erro de cálculo e tudo estará perdido. É preciso

esconder os mapas dos olhares curiosos, de preferência em velhas arcas flibusteiras. Mas cuidado, cuidado, nada de tabernas! Morgan e seus asseclas vigiam nossos passos. E à noite, quando o vento assobia nas charnecas, fujam depressa ao ouvir o som agourento das passadas de Flint.

* * *

O que vou escrever agora, neste diário de bordo, talvez não lhes diga respeito. O balouço do navio é que torna trêmulas minhas letras. Estou só no convés. Diante de mim, vejo a ilha. Mais adiante, a difícil passagem. Amanhã tentarei. Os outros dormem, pois teremos pela frente um dia difícil. Na linha da arrebentação, na praia defronte, começo a perceber vultos escuros que se esgueiram. São eles. Devem ser eles. Sinto um baque no coração, como se as águas todas do mar refluíssem em meu peito. Súbito, um alarido, e, na praia, todos os fogos se acendem. Aqui termina a viagem.

A loba

O uivo cortou o ar, e as duas metades da noite se abriram como fruta. Um cheiro de sumos, de folhas, de raízes encheu o espaço vazio entre as árvores da floresta. Perto, se ouvia o rio, seu rumor, seu marulho. Um focinho úmido aspirou o vento que vinha de longe carregando os perfumes da terra, o cheiro forte de corpos que se moviam na sombra, de bichos rastejantes, de animais na tocaia. Viver, naquele instante, era estar sempre alerta. Orelhas aguçadas aos ruídos do escuro. Músculos preparados para o súbito bote, para a fuga ou o ataque. Sentia-se fraca. Apenas uma fêmea desgarrada da alcateia, uma cachorra rejeitada pelo bando, deixada para trás sem piedade ou remorso. Deixada para traz com seu sofrimento, seu parto angustiado, sua ninhada perdida. O abandono doía-lhe como um espinho na pata. Novamente, o uivo cortou o ar e prolongou-se em latidos, curtos e selvagens, desesperados e aflitos. Parou por um instante e lambeu o pelo molhado, limpando o que ainda restava de sangue e líquido de placenta. Uma sede profunda guiou-lhe os passos ao rio, e ela se arrastou ganindo em busca da frescura das águas.

Com a sede aplacada veio o sono, e ela dormiu como só dorme um animal cansado. E dormiu toda a noite e a madrugada, até que os raios do sol aquecendo-lhe o pelo a despertassem com novas forças e sede renovada. Outra vez, dirigiu-se à margem do rio em passos miúdos, os ouvidos

acesos temendo emboscadas. Súbito, um cheiro de homem penetrou-lhe as narinas. Um cheiro adocicado e meio estranho. Não o cheiro habitual do inimigo conhecido, do que enfrentava o bando furioso em suas noturnas caçadas. O que protegia os rebanhos e revidava com força quando atacado. Um cheiro de homem, sim, mas um cheiro suave. Um cheiro de filhotes!

Estavam dentro de uma espécie de cesto e tiritavam, apesar do sol quente que iluminava brandamente seus corpos pelados. Estavam ali como refugos da enchente. Mexiam-se de vez em quando e, de vez em quando, soltavam um vagido débil como um ganir de cachorrinhos. Como seus cachorrinhos ganiam enquanto tentava, inutilmente, amamentá-los. Parou, de súbito, auscultando em torno, tentando ouvir passadas, aspirando o ar que vinha do rio, suave e cristalino como a transparência das águas. Os vagidos se altearam um pouco, e ela assustou-se e retrocedeu, quedando-se imóvel como uma estátua, a pata esquerda levantada e o focinho fremindo ao vento frio que soprava. O estômago contorcido por uma fome antiga, por um impulso ancestral que lhe corria pelas fauces como uma saliva grossa, travando-lhe os caninos e escorrendo-lhe pela goela que ansiava saciar-se.

Por um momento apenas, breve tempo, desejou devorá-los. Mas, quando seu focinho sequioso tocou de leve os corpinhos gelados, ela sentiu o peso do leite nas tetas machucadas e, então, deitou-se a seu lado e deu-lhes o calor do corpo e os peitos. E eles mamaram até fartarem-se.

História antiga

— Sou tão feliz! — disse Níobe, sacudindo as tranças negras. — Quem é mais poderosa do que eu, descendente dos deuses? Princesa desta casa, destes muros de Tebas, soberana? Por isso não vejo por que deva sacrificar a Latona, minha rival, que é uma deusa, sem dúvida, mas em nada melhor do que eu. Dizem até que sua ascendência não é lá essas coisas. Não tem, como eu tenho, séculos e séculos de realeza no sangue. Deuses são como os homens, semelhantes paixões, as mesmas fraquezas. E eu sou mais do que ela, pois, além do mais, tenho sete filhos varões e sete moças. Sete e mais sete de invulgar formosura. Por isso todos me admiram e me chamarão para sempre bem-aventurada. Enquanto ela... Bem, seus filhos, Artemísia e Apolo, são divinos, com efeito, mas são apenas dois. Como pode ela comparar-se comigo quando vou ao templo coroada de flores, cercada pela prole do divino Anfion, meu esposo muito amado? Anfion, o da flauta maravilhosa, o construtor de muralhas. Quando ele tocou a sua flauta sagrada, as pedras se juntaram, e as muralhas se ergueram. Alguns preferem contar que foi com uma lira e talvez falem a verdade, pois este é o instrumento que mais se assemelha aos cornos de um novilho, e todo mundo sabe das estórias que correm sobre as origens de Agenor, fundador desta cidade e seu primeiro soberano...

Enquanto isso, no Olimpo, Latona — a devorar potes

de ambrosia sabor baunilha, sorvendo, deliciada, longas taças de néctar —, sentindo-se desafiada, chamou seu par de filhos: Diana, a caçadora, conhecida também como Artemísia, e Febo, o Sol (ou Apolo, dá no mesmo) e segredou-lhes seu despeito, sua ira sagrada.

Infelizes os que ousam despertar a inveja dos deuses!

Toda a cidade de Tebas ouviu o zumbido sinistro. E viu quando as flechas começaram a cravar-se, uma a uma, no coração dos infelizes príncipes. Apolo, certo, flechava os rapazes, e Diana, sua irmã, sempre escoltada por galgos alvíssimos, perseguia as meninas.

Enquanto isto, Níobe, aos berros, imprecava Latona até que o último de seus filhos deu o último suspiro, e ela, estalando de dor, se transformou em pedra. De seus olhos, porém, continuaram a jorrar lágrimas copiosas. Hoje é uma fonte cristalina. Mas ninguém bebe de sua água. É salgada.

Ciao, Marcelo

Sentada na sala. Cercada de papéis vermelhos rasgados e de lembranças. A um canto a árvore, pinheirinho enfeitado de estrelas, de bolas, guirlandas prateadas e fiapos de neve artificial, tão deslocados e insólitos nos ramos verdes, na quentura que se irradiava, além das janelas abertas, para a escuridão da noite com seu silêncio compacto, entrecortado às vezes por vozes longínquas, risos, músicas que chegavam em ondas, tornando ainda mais impenetrável a penumbra que se adensava em torno da mulher ali sentada, com os pés ligeiramente doloridos nos sapatos novos e as finas mãos de unhas polidas cruzadas no regaço.

Mais um ano que findava. Mais um ano, menos um ano. Um cheiro enjoativo de nozes, de peru, de champanhe azedando nas taças seu líquido ouro desbotado inundava agora a casa.

Há pouco, luzes acesas, a grande mesa posta e a família reunida na troca de presentes. A solidariedade de ser feliz quando é preciso, porque, senão, seria o desconcerto, o caos, a face opaca do ignoto. Mas todos se foram e, sozinha na sala, ela resiste à tentação do balanço, à contabilidade amarga dos dias passados, dos múltiplos natais refletidos nas bolas de aljôfar, como pequenos espelhos rutilantes.

Numa das bolas, a menina sorri no vestido de cambraia caprichosamente bordado. Sapatos pretos de verniz,

meias brancas de seda. Nas mãos, um urso amarelo talvez grande demais para seus bracinhos curtos. Em outra bola, a menina, mais crescida, estica a coleira de um cão, abrindo espaço a uma série de meninas a espiar de dentro do vidro iridescente com seus olhos brilhantes e o sorriso ainda imune ao tempo e sua pátina.

Subitamente, o pinheiro a farfalhar ao vento e o medo de ir ao fim, de saber-se ali tão vulnerável e só, diante do tremeluzir das bolas coloridas. Um rosto grave de mulher, a debruçar-se entre as folhas, emerge do vidro prateado, testemunhando que alguma coisa mudou, que insidiosamente o tempo cravou as suas garras na testa vincada, nos parênteses da boca, na flacidez do rosto outrora tão perfeito.

À medida que a noite avança, o calor parece cristalizar-se em ondas concêntricas, irradiadas a partir do clarão bruxuleante das velas queimando lentamente em castiçais de prata. A penumbra concentra-se além do círculo de luz da única lâmpada acesa no canto mais remoto, sob uma cúpula leitosa de opalina.

O corpo resvalou sobre almofadas macias. Um torpor a dividiu-la entre o sono e a vigília. No devaneio, como num filme na tela dos cinemas, uma figura muito loura, muito branca, exuberante em suas formas redondas a escapar dos vestidos, e um frescor de águas, um cantar leve de fontes, um apelo de sereias quando a transgressão ainda se fazia possível.

Deitado entre flores, na foto do jornal, o homem era bonito, mas parecia cansado. Um certo ar perplexo, um desamparado jeito de menino, que faziam seu encanto, defini-

tivamente apagados. Por ele choravam, agora, a bela Sofia, a estonteante Catherine, a apaixonada Flora.

Por ele choravam tantas mulheres no escuro das salas de cinema, onde telas brilhantes buscavam por momentos driblar a morte, reinventando um tempo paralelo em que não se envelhece nunca, jovens eternizados em celuloide, a própria Terra do Nunca condensada em rolos.

E ela chorava desamparada, na penumbrosa noite que se abria em gomos como uma fruta madura; ela chorava por ele e por um mundo que não existia mais e do qual pouca coisa restara além do desejo infinito de ainda ser possível lavar os pecados da inércia, ao final de uma longa noite de loucuras, nas frias águas cristalinas da Fontana de Trevi.

A predileta

A comunicação da chegada causava sempre um certo re-buliço. A carta, escrita com a fina caligrafia inimitável, anunciava a próxima vinda, como se fosse a coisa mais natural do mundo visitar-se a família depois de tantos anos de silenciosa abstinência, indiferente às notícias de casa, tão distante e olímpica, como se nunca tivesse pertencido àquela gente.

Embora procurasse disfarçar a ansiedade, a mãe não cabia em si de alegria e, com alvoroço, buscava atender a todos os requisitos julgados indispensáveis ao conforto da ingrata que não era capaz de lembrar-se sequer dos aniversários e que, no Natal, enviava cartões convencionais ou presentes caros e inúteis que eram cuidadosamente guardados no fundo dos armários.

E tinha início, então, o ritual de preparação ao grande acontecimento. Das cômodas antigas, trancadas a sete chaves, eram retirados os lençóis de linho bordados, restos da antiga opulência, para que, lavados, perfumados e engomados, vestissem a cama alta da velha mobília de madeira torneada, que permanecia em desuso no quarto principal, na penumbra das persianas fechadas, à espera do momento glorioso em que seus pés pisassem as tábuas enceradas a capricho, e ela espalhasse seu arsenal de cremes e frascos de perfume no mármore da penteadeira, mirando-se com enfado nos espelhos bisotados, enquanto distribuía, no vasto

armário de quatro portas, uma verdadeira coleção de roupas da mais variada e fina procedência.

Na véspera do grande dia, a casa impecável, o assoalho de largas tábuas já lavado e encerado, tudo tão limpo e escovado, recendendo a detergente de limão; os tapetes batidos, as cortinas arejadas, a mãe sentava-se na sala — ao pé do grande relógio de bronze, onde uma ninfa languidamente media o tempo de sua ansiedade — e concentrava-se em saborear o prazer do próximo encontro, da oportunidade cada vez mais rara de ter a filha ao pé de si, de abraçá-la, beijá-la, ajeitar-lhe o cabelo, como fazia quando era criança, prendendo-lhe os cachos rebeldes com grampos dourados e fitas de tafetá.

Os outros filhos mordiam-se de ciúmes e, em vão, maldosamente, invocavam as ingratidões da predileta, seus silêncios inexplicáveis, sua aparente indiferença, seu tédio para com tudo o que se referisse à família.

Eles ali, sempre tão próximos, tão presentes, tão solidários, não mereciam gozar dos privilégios daquela que, como o filho da parábola, também se fora um dia, sem explicações e sem remorsos.

E agora que voltava, como sempre, tão superior e tão cheia de não me toques, a mãe desdobrava-se para atendê-la em todos os caprichos: travesseiros de pena, comidinhas especiais em pratos de Limoges, os talheres de alpaca das grandes ocasiões nas toalhas adamacadas sobre a mesa da sala, onde se reuniam para a costumeira vassalagem, para a contemplação embasbacada dos vestidos elegantes, dos sapatos e bolsas admiravelmente combinados, dos cabelos impecáveis, da maquilagem caprichada, da beleza que resis-

tia bravamente ao tempo e que parecia fazê-la tão especial e invejada.

E ela chegava com ares de dona, com poses de princesa. Criticava tudo sem a menor cerimônia, guardava as almofadas de cetim e as estatuetas de bronze, trocava a posição dos móveis que julgava deselegantes e antiquados. Passava tardes inteiras nessas arrumações que a deixavam satisfeitíssima e causavam grande desgosto à mãe, habituada a manter tudo do mesmo jeito desde que, enviuvando, viera morar naquela casa, que, embora não guardasse o fastígio de outrora, tinha um certo ar senhorial no pé direito alto e nas portas que abriam para as sacadas, onde podia apreciar a rua e distrair-se na sua existência solitária.

Com olhos apaixonados e submissos, seguia os movimentos da filha, deixando que ela virasse a casa pelo avesso diante da admiração dos outros, que nunca conseguiam que se mudasse um simples bibelô de cima da prateleira. O prestígio da outra era indiscutível.

Depois de algum tempo, dando por finda a temporada, a visitante partia mais uma vez, deixando a mãe em prantos e os irmãos aliviados.

Meia hora após a partida, ainda com os olhos inchados, a mãe chamava a empregada e fazia tudo retornar ao que era antes: os móveis, as estatuetas de bronze, os relógios, os pratos na parede, até não restar nada fora de seus antigos lugares.

Só então, se recolhia ao quarto e, abrindo a grande escrivaninha de madeira, guardava bem no fundo o inútil e caro presente que jamais seria usado e, desfiando, resignada, as contas escuras do velho rosário, começava a sonhar com o próximo regresso.

Neve no quintal

Numa manhã de domingo, um homem acordou e, ainda sonolento, dirigiu-se para a janela do quarto e abriu a cortina.

O jardim brilhou diante de seus olhos com uma extraordinária brancura. Neve! Estava nevando! Flocos brancos ainda tremulavam na ponta dos galhos e docemente despencavam como se fossem pétalas de uma flor invisível.

— Como pode ser isso — perguntou-se, admirado, — se nesta terra nem inverno temos?

Olhou novamente como quem quer certificar-se, e lá estava a pequena fonte, no meio do gramado, rebrilhando seus cristais e seus peixinhos congelados.

— Devo estar louco — ele falou, com uma voz tão alta e exaltada que a mulher, que ainda dormia, suspirou qualquer coisa.

Ainda meio incrédulo, ele tentou acordá-la:

— Tá nevando lá fora.

Ela olhou para ele como quem olha uma porta que lentamente se abre: curiosidade e temor. Mas, em seguida, pensou melhor, virou-se para o outro lado, ajustou as cobertas e tentou continuar a dormir. Antes resmungou alguma coisa, mas ele não teve coragem de perguntar o que era. Conhecia bem a sua cólera se ousasse insistir.

O homem caminhou lentamente até o banheiro, cum-

priu religiosamente todos os seus rituais cotidianos e, só então, novamente olhou para fora.

Estava tudo do mesmo jeito: os pequenos canteiros cobertos de flocos brancos, as árvores reluzentes de estalactites brilhantes, a varanda com palmo e meio de gelo na soleira.

— Não pode ser —, balbuciou.

Desceu as escadas e abriu a porta, louco para certificar-se, para tocar com o dedo, para destruir a miragem. Uma lufada de vento frio cortou-lhe a respiração. Era neve mesmo, límpida e fria, com seus mínimos cristais refletindo a luz do sol que explodia no azul de um céu sem fronteiras.

Não podia haver dúvida. Até o muro, onde sua vista esbarrava, era tudo uma brancura só, pontilhada do verde lavado da grama e dos restos do que era um canteiro de rosas.

Com o coração batendo forte, ele voltou para dentro e telefonou ansioso para seu melhor amigo.

— Esta noite nevou aqui em casa. Está tudo gelado.

— Hum... Acho que você bebeu um pouco demais ontem à noite...

— Não, não, está tudo coberto de neve. Tudo gelado.

— Hum...

— Você não acredita, não é? Então, por que não dá um pulo aqui, agora, para ver com seus próprios olhos?

— Acho melhor você se deitar novamente. Vai ver quando acordar terá passado a ressaca.

— Tá bem, tá bem. É melhor desligar, você não acredita.

Havia um grande silêncio em toda a casa. Lá fora, a neve recomeçara a cair, suavemente, quietamente. Na varanda, o canário congelado em sua gaiola, os peixinhos imóveis no tanque gelado.

O homem sentou-se no sofá e ficou olhando através da vidraça os flocos alvíssimos caindo sem cessar, horas a fio. Em breve, alcançaram o peitoril e continuaram caindo, caindo. Até nada mais restar ante seus olhos além do branco espaço vazio da vidraça sepultada.

Uma alegria para sempre

É difícil dizer que a vida não é bela e digna de ser vivida. Enfiando na boca a última garfada, sentiu com delícia o gosto delicado do peixe suavemente perfumado com manteiga e alcaparras. Não, não podia haver nada mais delicioso; e, apesar do calor, sentiu-se bem ali, naquele restaurante sobre o mar, o azul do dia perigosamente azul iluminando tudo, tocando com a magia de sua luz as velhas ruínas entrevistas ao longe e o perfil recortado das ilhas emergindo do mar na fosforescência da baía. Ah! Como era bom sentir na garganta as borbulhas de gás da água bem gelada e antever com delícia o gosto do pudim desmanchando-se na boca! Porque assim tinha deliberado. Aquele teria que ser um prazer completo até o fim. Até o momento de dobrar delicadamente o guardanapo e pagar ao garçom, generosamente, uma farta gorjeta. Reparou, então, numa árvore que se debruçava sobre o abismo, despencando uma chuva de flores amarelas contra o esmalte do céu. Tanta beleza meu Deus! E o coração bateu forte.

O coração bateu, e ela suspeitou que aquele seria um momento inesquecível. Como aquele dia em que voltava de Mar Grande, de lancha, numa manhã cinzenta de chuva fina e subitamente entreviu, através da bruma, a fileira dos barcos como grandes aves pousadas lado a lado, ou aquela outra manhã quando, fazendo a mesma travessia, um bando de

pássaros marinhos subitamente levantou voo, bem na proa do barco, como espuma que se volatizasse.

Sentindo um gosto de sal na boca, de muito longe pressentiu ou escavou de bem dentro de si mesma um destino marinho. Alguma rosa dos ventos tatuada bem no fundo da memória como um mágico mandala a indicar-lhe o ponto exato, a exata passagem para um oceano maior e mais profundo onde navegaria sem fronteiras.

Por um momento, apenas por um instante, átimo de segundo, sentiu-se imponderável. Flutuava no ar sustentada apenas pelo calor que subitamente se adensava em ondas e subia como nuvem do asfalto fervente.

Equilibrou-se perigosamente entre a vontade de chorar e o desejo de esquecer. De onde virá, pensou, a magia desta cidade, desta ilha de sal e maresia, espetada de torres, com sua densa oleosidade lambuzando as ruas, corrompendo as fachadas, o salitre minando as almas, destruindo as casas, corrompendo as vontades. Beleza é o seu nome. E, no coração, uma mágoa antiga novamente sangrou.

Ah! Esta cidade é um destino carregado demais de ansiedades, queixumes, vagas impertinências, um desejo violento de fuga, de navios partindo em madrugadas cinzentas, daquilo que vagamente sempre intitidou de liberdade! Esta cidade que navega em suas veias como enguias selvagens percorrendo sempre o mesmo roteiro, buscando eternamente as mesmas nascentes e refluindo perigosamente a cada nova batida do coração perpetuamente aflito.

Felicidade poderia ser aquele momento? Um desenhar de flores amarelas num céu polido como metal azulado?

Nada poderá ser tão perfeito como um instante de beleza. “A thing of beauty is a joy forever”, sentenciou um poeta.

Lá embaixo, o mar cantava como um eco: “For ever, for ever, for ever”. Uma alegria para sempre, a beleza. Uma cruel, terrível, insuportável alegria.

Cuidadosamente, cruzou os talheres e bebeu o último gole. Para trás, ficara o momento, perfeito e impalpável, guardado entre os vidros da memória, preservado e palpitante como um gênio em sua lâmpada.

Ritos de passagem

Acordou esquisita. Um peso no coração, um gosto amargo na boca. Um sentimento de perda iminente, um desconforto. Não tinha nada de errado, nada fora dos trilhos. Tentou raciocinar, lembrar com calma se havia algum motivo, alguma coisa desagradável que acontecera e agora lhe escapava. Mas nada, nada.

Mas, então, por que aquela sensação de peso lhe oprimindo o peito? Aquele mal-estar, aquele estranhamento? Sentia o corpo opaco e alheio como se não lhe pertencesse. Pernas e braços boiando numa estranha geleia, num caldo espesso que se infiltrava por toda parte e sufocava.

Não estava infeliz, não, nem era propriamente tristeza. Era somente alguma coisa doendo vagamente, como uma areia no sapato, como uma pequena ferida já meio sarada, e que a gente toca de leve com o dedo para ver se ainda está viva, para sentir a gostosura da dor já meio domesticada.

Tomara que passe, meu Deus, tomara que já passe. Mas passar o que, afinal? Que rio fundo, que túnel, que obstáculo? Todo ano a mesma coisa, todo final de ano. Mas que bobagem, apenas convenção, apenas isso.

A passagem do ano. De noite, iria a uma festa chatíssima, de vestido branco, e beberia champanhe sem vontade. E, à meia-noite em ponto, todos se abraçariam e fingiriam estar contentes. E fingiriam esquecer que a vida é uma espiral sem fim, uma voragem, um abismo.

Era preciso sempre muito barulho. Apitos, fogos de artifício, muita luz, músicas estridentes. E, se possível, beber um pouco além da conta, ficar um pouco bêbada para não sentir o empuxo, o rastro da passagem cortando o tempo em duas bandas, como se corta o lado podre de uma fruta e joga fora.

Quando era criança, sempre imaginava que alguma coisa mágica iria acontecer. Uma virada, um estrondo ou mesmo uma labareda, dividindo o céu em dois pedaços: o final e a chegada de algo que não sabia bem o que era. Tinha medo e curiosidade, como quando se sente a iminência do mistério.

Tentara, muitas vezes, ficar acordada, olhos abertos na penumbra do quarto, esperando, esperando o grande momento, a terrível passagem. Mas, vencida pelo cansaço, adormecia para acordar no dia seguinte, quando tudo já estava serenado e um novo ano começava igualzinho ao antigo.

Até que uma vez, quando já quase desistira, conseguiu que a babá cumprisse a promessa feita e a acordasse bem na hora, na horinha exata do espocar dos foguetes.

E ficaram as duas debruçadas na janela da grande casa vazia, rescendendo ao perfume que se espalhava pelas salas, ainda ecoando dos risos, do farfalhar dos vestidos que os demais, os adultos, tinham deixado como um rastro de sua alegre debandada a caminho das festas.

E elas ficaram, as duas na janela, vendo apenas no céu o riscar dos foguetes, pingentes coloridos a desfazerem-se em lágrimas. Nada mais aconteceu. Nenhuma página vira-

da com estrondo no livro aberto do céu, nenhum carro de fogo trazendo o Ano Novo como um bebê saudável e esperançoso e regressando com o decrépito Ano Velho para o céu longínquo onde, na certa, iam parar todos os velhos.

Nem sequer um simples arco-íris dividindo o tempo como o risco de cor do giz dividia, no pátio, as casas da “amarelinha”. Nenhum salto, nenhuma ponte jogada sobre o abismo. Apenas uma noite comum igual às outras, com fogos de artifício pipocando ao longe e um leve sentimento de abandono, ali, naquela janela à meia-noite, numa casa vazia.

A fênix

Renasço a cada passo. A cada manhã, renovo minhas penas. Ontem foram as brasas. Meu corpo frágil, meu ser de indecisa textura, ardeu em chamas, devorou-se inteiro ao calor de sua própria fogueira. No fim, restou um pouco de pó, cinzas escuras. Mas, ao romper da manhã, os carvões se agitaram. Débil ruflar de asas, um espichar de remígios e, novamente pássaro, me ultrapasso. Para o alto, para o alto! Atrás são cinzas mortas, pó desfeito, uma pequena coivara onde crepitam ainda, rescaldantes, os restos do braseiro.

Aos poucos, lentamente, recupero os sentidos. Aos poucos, lentamente, reaprendo os caminhos, me oriento devagar pelas velhas pegadas. Aqui, sem dúvida, já estive. É meu este traço, este espalmado rastro. Sinto que há ainda em mim um vestígio de abismo. Um chamuscado leve, uma fina cicatriz no encontro das asas. E uma lembrança quase morta, uma recordação abafada da ferroadada das chamas, do dilacerante calor brotando das entranhas.

Mas renasci. Renasço todo o tempo. E meu tempo é este constante oscilar, este pêndulo esticado entre o toque de morrer e a hora do resgate. Ainda há pouco, eu era apenas um montículo de pó, resíduos calcinados. Mas uma nova força revive de minhas brasas, asas soltas no espaço.

Agora, o céu é meu. E todo este dia glorioso com seu hálito de jasmims, com seu sopro de plumas. Meu é este dia,

o espaço deste dia. E a força de viver bate forte nas veias. Respiro com prazer e me engolfo no vento. Mais uma vez, retomo meus cantares. Mais um dia! Mais um dia! Sei que, breve, de novo morrerei. Sei que nova mortalha de pó e cinza velará a minha face. Outro fogo me espera, outro mergulho ao cerne da fornalha.

Mas agora me equilibro na força de minhas asas. Todo o horizonte me pertence, tudo o que embaixo respira e se renova. Ventos bruscos do céu, arco-íris, auroras. Um dia, de novo, enfrentarei o holocausto. E novamente arderei até a poeira final, o restolho, o borralho. Mas não importa. Sei que tudo isto é apenas passagem. E renascerei de novo de minhas cinzas. Íntegra e radiante para novas batalhas.

Final de labirinto

Para Jorge Luis Borges, no 1º aniversário de sua morte.

Havia um pressentimento no amor. Eco da palavra, rosas brancas e um nome: Maria. E havia o tédio da vida, o inútil labirinto. Praça de touros sem touro. E o pó das ruínas circulares onde um homem sonhava sua sombra. Aqui as veredas se bifurcam. Voltam... jamais. Jamais a nuvem cor-de-rosa, o cristalino mar em volta das pupilas cegas. Agora, rosas despetaladas sobre a terra leve e os passos de Maria, tão despida de tudo e tão sozinha.

A outra morte acontecerá depois. Em Uqbar, revisitada pelos tigres, um poeta novamente decifrá o Destino na polida face luminosa dos espelhos. Devo chamar de alegria este riscar de unhas sobre os muros do cárcere? A escritura de um deus sobre os portais de Babilônia?

Nas paredes de Babel, resplandece o Aleph, os curvos cornos do touro como um sinal da passagem.

Afinal, foi em Genebra, onde sentiu pela primeira vez, deslumbrado, a revelação de Tácito e Virgílio, que ele chegou, finalmente, ao fundo do labirinto.

No seu trono de ouro, o Minotauro, cercado de tigres alados e de espelhos, decifrava a última e única metáfora. Em letras de sangue, na parede, o Aleph. Tranquilos, eles se olharam nos olhos; o devorador e o devorado. Os olhos cegos do viajante subitamente iluminados pela luz radiosa

das pupilas do touro. O homem estava cansado mas desperto. Atravessara intrincados corredores, percorrera a pé todos os caminhos do jardim, todas as entradas das ruínas circulares. Os olhos, ele os cegara na biblioteca de Babel e, agora, estava ali à espera do milagre: a passagem para Teön, a decifração deste mistério construído por homens, a loteria em Babilônia. O machado de dois gumes faiscava ao pé do trono e, nos afrescos da parede, as donzelas sorriam coroadas de flores.

O touro soprou sobre o livro, e o selo rompeu-se revelando a escritura. A solidão pesando na garganta, o homem olhou pela última vez os olhos vítreos do touro e, ao súbito estalar dos vidros, voltou-se lentamente cortando o fio como os dentes. Com um farfalhar de cartas, o labirinto ruiu.

A última ceia

Alguma coisa lhe dizia que aquela seria uma noite especial. Depois de tanto tempo, tantos desencontros, traições, mentiras... a voz ao telefone prometia, insinuava... um jantar a dois depois de tudo o que passaram... Deu dois passos para trás e admirou-se no grande espelho do guarda-roupa. Ainda podia ser considerada uma bela mulher. A fisionomia um pouco abatida pela recente perda de peso guardava traços da beleza de outrora. Vestira-se esmeradamente, caprichando na maquilagem. Duas gotas de perfume atrás da orelha, um ajustar de meias nas pernas bem feitas, e estava pronta. Sorriu confiante para a outra que a olhava do espelho: “Tchau, vou em busca do destino, deseje-me boa sorte”.

A pequena mesa de canto no restaurante tinha ramo de flores de cheiro enjoativo. Sentaram-se frente a frente. Ele estava mais que solícito, até parecia querer conquistá-la, mas seus olhos procuravam o relógio a todo instante, e, quando os cálices se tocaram num brinde, sua mão tremeu um pouco.

“Meu Deus”, ela disse, de repente aflita, “nós pedimos vinho branco para acompanhar o peixe. E, de repente, me servem vinho tinto. Por que só a mim serviram este vinho cor de sangue?”

Naquele momento, compreendeu que estava tudo perdido. Não quis sobremesa nem tomou café. Nem sur-

preendeu-se ao vê-lo pagar a conta com notas novinhas. Colocou o guardanapo sobre a mesa e sentiu-se de repente nauseada. “Como é enjoativo o cheiro destas flores. Parece cheiro de velório.”

Lá fora, a noite estava bonita, e ela respirou fundo para esquecer o cheiro. Ele, com a elegante displicência de sempre, recompensava o garagista regiamente.

“Será agora ou nunca”, ela pensou, enquanto o carro arrancava.

Os oráculos

Hoje, quebrei a asa do meu último moinho. Inútil prosseguir nesta insana batalha. Melhor mesmo é descansar no meu leito de rosas e mover-me como sombra na sombra das acácias. Todos desertaram. Peões, alabardeiros, é tudo um vasto campo de guerreiros mortos. Tudo memórias de alegria, tudo invenção de um lírico caolho.

Agora, mansos carneiros brancos pastam, apaziguados, o fígado dos senhores. Nada mais resta além dos ossos. Recolhidos os ossos, nada mais, além de observar a chegada dos monstros. Eles virão aos poucos, devagar, as enxúndias balouçantes. Eles se sentarão no trono bichado de seus antecessores.

Eles virão, os gordos donos da verdade. Suas carnes flácidas, suas ordens tonitroantes. Seus oráculos. Todos os campos estarão minados. Todas as saídas, bloqueadas. Cercas brotarão por toda parte com seus fios eletrificados. E meu velho rocim galopará sozinho até a morte. Nem mesmo um cão restará para lambe as feridas.

E saber que nada posso contra o alarme deste exército. Nem as amadas se salvarão. Nem as amadas, agitadas ao vento como bandeiras. E nem mesmo o Príncipe: olhos verdes de jade, prata nos cabelos. Agora, nada me resta além de lembrar o tempo dos moinhos e adormecer na relva como quem morre, como quem...

Como quem quebra a pata dos insetos. Como quem esmaga entre os dedos o verde da esperança. Paciência, irmãs, os cães estão dormindo. Asas de anjos negros palpitam no esconderijo, nos desvãos das paredes, nas ruínas, velhas casas assombradas onde palpita ainda a infância.

Inútil prosseguir quando, mais tarde, saberei que sempre é muito tarde, e a vida foi apenas o que ficou, destroços no caminho. Sentada neste círculo, neste risco de giz arrisco meu limite. Talvez ainda conserve o dom das profecias. Velha sibila, neste tarô procuro minha sorte. Já consultei mandalas, i-ching, as conchas sagradas. Omfale, a pedra, guardou-me seu segredo. Amanhã, quando me acharem, eu estarei doente de lembranças. Nenhum remorso, nenhum possível resgate. Somente o silvo fino das serpentes. Hoje, porém, estou sozinha e forjo um inventário. Talvez ainda guarde um pouco de silêncio. E a ventura de transitar livremente no Distante País do Sonho, além, muito além da Terra dos Espelhos.

Os ventos uivantes

Da primeira vez que dormiram naquela casa, os ventos uivavam, e a noite estava solta e arquejante como besta no cio. Não se lembrava de mais nada. Nem da excitação de toda a chegada nem do cansaço da mudança. Só do vento lá fora sacudindo as folhas e do quarto suspenso do escuro como um barco vergastado por um mar invisível. E um grande medo no coração, um desassossego que vinha de outras noites, de muitas outras noites que adivinhava indormidas e que se abismavam no fundo da memória tangidas pelo mesmo vento indomável que naquele instante soprava. Deitada na caminha nova, sabia-se, então, uma criança assustada, tão indefesa e assustada naquele universo de adultos cansados, de vultos apressados que explicavam, consolavam, acalmavam, verificando frestas, calçando ferrolhos, cobrindo, embalando e indo embora; deixando apenas o medo e a solidão e o vento uivante lá fora.

O vento como um cachorro vadio e aquela casa diluída no tempo, aquela casa com sua claraboia escondendo os tesouros de um sótão inalcançável, misterioso e secreto território cheio de indagações e caixas de azulejos.

O vento, sempre. Um medo no coração, goteiras e a aflição dos outros enxugando os ladrilhos e o açoite da chuva nos vidros das janelas. E ela, pequena e sozinha ali naquela casa enorme com seu degrau que estalava, e os ga-

tos como almas vadias no escuro, como crianças esgoeladas embolando-se nas ribanceiras cobertas de boninas e cachos de mamona.

Tão indefesa e assustada com seu grande medo embrulhado em colchas de linho naquela cama grande como um barco, e ela ali tão pequena e indefesa e assustada com aquele quadro na parede, com aquela santa com olhos que a seguiam a toda parte e aquele menino nos braços, aquele menino com uma camisolinha e um cabelo esquisito, tão indiferente e distante com seu rosto de boneca e seu sorriso vazio.

Tão indefesa e assustada como agora, quando da casa não resta pedra sobre pedra, só a lembrança das noites como esteira de um barco que navega e se abisma nos longes da memória, e o vento, o vento, o vento...

Um homem de coragem

Há algum tempo, tinha tudo acertado. Desta vez, não iria dar bobeira. Afinal de contas, tinha o direito de se divertir; sem mulher, sem meninos, principalmente sem a sogra que não lhe saía do pé, sempre a dar penadas, a se meter em tudo — um encosto! —, desde que, ficando viúva, resolveira morar com a filha, abrindo mão de tudo o que o finado deixara. Tudo! Uma casinha velha em Itapagipe, dois ou três móveis que ela, orgulhosamente, chamava de “antigos”, mas que não passavam de cópias ordinárias, e um sítio na Estrada Velha do Aeroporto, que nem sede tinha e onde, nos domingos de poucas oportunidades, passavam a tarde a catar pitangas e jogar pelada no campinho de capim ralo que a mulher intitulava, pomposamente, de gramado.

Ah, que vida besta, meu Deus! Rotina de funcionário público, salário achatado pelos planos econômicos do governo em quem votava sempre e de quem falava mal impreterivelmente. Até à cervejinha do final de tarde tivera que renunciar, desde que a mulher, alertada pela vigilante genitora, deu para cismar de umas coleguinhas de repartição que teimavam em aderir ao programa, numa suprema afirmação da igualdade dos sexos. Agora, depois do expediente, tomava solitário o caminho de casa, amaldiçoando o dia em que, por causa de uns olhos verdes e de um corpinho delgado, depois de uns apertos no portão, decidira-se, enfim, a anun-

ciar o noivado, caindo na arapuca que lhe armaram com tantos cuidados e tantos cafezinhos e bolachinhas de goma. Daí ao cativeiro foi apenas um passo e, hoje, lá está ele com a corda no pescoço, como boi indo para o matadouro. Os olhos verdes já não brilhavam tanto na sombra das pálpebras avermelhadas, e a cinturinha de vespa arredondara-se definitivamente depois da segunda prenhez.

No calor sufocante de fevereiro, no trânsito engarrafado do final de tarde, o chevette surrado resfolegando nas ladeiras, lá se ia pedindo a Deus que o vizinho não chegasse primeiro e ocupasse a vaga que disputava com ele no condomínio Vivendas da Praia. Apartamento de três quartos, sem varanda e sem praia, comprado em sociedade com a sogra, que se arvorava, por isso mesmo, ares de proprietária, fazendo questão de dizer a todos que, sem a herança do finado, até hoje estariam no aluguel.

Este ano, porém, seria diferente. Com a grana curta, decidiram passar o carnaval na cidade, desistindo da casa emprestada por um parente, em Itaparica. Ficariam por ali mesmo, saindo apenas para ir à praia e, talvez, fim de tarde, ao Campo Grande, para apreciar a saída dos blocos.

O plano parecia perfeito. Às 8 horas de domingo, em pleno carnaval, ligaram para sua casa para comunicar-lhe o trágico desaparecimento de um colega muito querido. Não podendo furtar-se ao dever de solidariedade a esse amigo tão especial, desesperado, ele se despencaria para o velório sem muitas explicações, só devendo voltar depois de realizado o sepultamento.

O encontro seria na casa de Machadinho, no Alto da

Federação, de onde partiriam todos, devidamente fantasiados para unir-se ao resto da turma e desfilar em juntos na famosa Mudança do Garcia, bloco eclético e irreverente que juntava a euforia momesca e a sátira política e social numa bagunça generalizada, que parecia reviver antigos ritos de mitológicas bacanais.

Os dias que antecederam o tão esperado momento foram de apreensão e ansiedade e pareciam arrastar-se na maior lerdeza. O coração aos pulos a cada provocação da jararaca, a cada muxoxo da cara-metade, a cada proposta dos filhos. Ah, mas Deus é grande e não haveria de permitir que o plano, tão cuidadosamente elaborado, fosse dar em nada!

Tudo certo, no dia aprazado, mal podia acreditar na própria sorte. Com um saiote de mulher encobrendo as pernas cabeludas, um bustiê amarrado aos seios fartos e uma máscara de nega maluca a disfarçar-lhe a identidade, lá se ia ele todo contente rodando com garbo a bolsinha recheada de dólares, recortados em papel higiênico. Antes, tomaram várias na barraca de Nandão, no Alto do Garcia. Agora, poderoso, quase onipotente, lá ia ele embalado pela batucada, no ritmo da Mudança. Já quase no Campo Grande, esquina da Leovigildo Filgueiras com o Teatro Castro Alves, avistou a sogra e mais a mulher e os meninos espremidos na arquibancada apreciando o espetáculo.

Ele era realmente muito forte e poderoso. Um homem de coragem, escudado nos caracóis ouriçados da nega maluca, avançou com selvagem alegria para o grupo, decidido a vingar-se:

— Jararaca, boitatá, maracujá de gaveta, vai pra casa,

urubu, que teu lugar é no lixo — isto acompanhado de gestos obscenos e muitas gargalhadas.

De repente, um silêncio gelado pareceu descer sobre ele, apagando os acordes do trio elétrico, a infernal zoeira da batucada, as palavras de ordem de um grupo de sindicalistas que aproveitavam o desfile para protestar contra a carestia. Foi quando a bruxa levantou-se — e como parecia enorme do alto da arquibancada! — e atirou-se irada sobre ele, brandindo a inseparável sombrinha;

— Cachorro, safado, tenha compostura, seu cretino, respeite a família ou, pelo menos, imbecil, abaixe a máscara!

O mundo girou, desconcertado, num rodopio angustiante de cores e ruídos e, antes de desabar pesadamente no asfalto, em meio ao alarido, ainda ouviu a vozinha da filha num soluço apavorado:

— Papai!!!...

Escorpião

Difícil é conviver com este veneno. Esta ansiedade, esta fúria entre o equilíbrio e o caos. De um lado, o convite à solidão, à nostalgia do claustro; do outro lado, o palco com suas luzes, suas máscaras indecifráveis, seus coturnos, seus ritos.

No escuro da noite, um borbulhante faiscar de estrelas desenhando a cauda sinuosa, bífida como a língua dividida das serpentes, sobre o leite derramado nos céus, o escorpião define seus limites.

O penoso navegar em busca da perfeição, pela corrente misteriosa das águas, traz uma espécie de sabedoria, uma consciência das origens que não se encontra na erudição ou na ciência. Somente o coração que explode em sangue sabe avaliar a força exata desta chama que se resolve em amor e ódio e reverbera no muro opaco do inconsciente.

Ah, que longa, cuidadosa jornada! Que impensável desafio o caminhar entre facas, o dominar de antigos ritos, de angústias ancestrais que nos empurram para o abismo das constelações perdidas no fundo das galáxias! O quasar, as estrelas sombrias com suas bocas vorazes, gargantas escuras, redemoinhos sugadores bem no fundo do profundo universo onde vivemos desterrados.

No inexorável deslizar dos signos, buscamos decifrar o enigma. Inútil desatino. De que servem as cartas do tarô,

as mágicas da sibila, os jogos sagrados de Ifá com seus búzios simétricos, se nada nos consola, nada nos aponta as linhas do destino?

Na palma das mãos, o horóscopo consagrado, o risco no veludo, desenho que aumenta dia e noite o silencioso estigma, a peçonha nas veias, o súbito latejar do pulso, o sal da terra aflorando na boca. Um frio intenso na nuca, um refrigério nas faces e, no peito, um ardor que vai do diafragma ao baixo ventre. Um sorvedouro, um torpor.

Tão dúplice, tão daninho, tão fiel. Tão dividido entre a casa da paixão e o quadrado perfeito. Entre a fúria de Deus e a paz dos demônios. Entre a delirante procissão dos embriagados e a delicada operação de descida aos infernos. O resgate do amor por meio da poesia, quando o trânsito do sol anuncia um novo ciclo.

E a crueldade mínima das coisas. Viver é tão difícil. Para além do ciclone, sopra a calma. Só areia nos olhos, e esta lágrima tortuosa a dividir no meio a face. E os rugosos silêncios, e os exatos minutos. O pudor e o desejo, caminhar de pantera nos limites da jaula.

Vem de Antares o sinal, a luz esverdeada. No lento escoar da ampulheta, adivinha-se a divindade que preside os destinos. Tudo passa. Somos apenas sombras na transparência do sol. As areias atropelando-se na fina garganta de vidro parecem indicar que o fim está próximo. Do infinito escuro dos céus, como um crescente rumor de onda, chega o tropel dos centauros.

O arquipelágo e os ventos

No meio do oceano, as ilhas afloravam como picos emergentes de uma cordilheira submersa. Vistos de cima, eram apenas cinco ou seis pontos recortados na imensidão azul, perdidos na superfície das águas, desgarrados vestígios de um continente imaginário, encoberto pelas ondas.

Em terra firme, sentia-se a presença do sal, um silêncio cortado por gritos de aves marinhas e uma música constante e nostálgica falando de partidas, de saudades, de amores dispersos, de longas esperas.

Os que ali nasceram sentem-se condenados, perpetuamente, à diáspora. Ficar seria quase suicídio. A solidão é o seu limite. Seu porto, o exílio. Desde muito cedo, aprenderam a viver da eterna diferença entre ficar e partir, o dilema constante entre entregar-se à mornidão das tardes, em que os crepúsculos doem como chagas, ou atirar-se às ondas na esteira do primeiro navio que ali aportasse.

A essa divisão, cortante como facas, como espelhos que subitamente estalassem, dividindo as imagens, contrapõe-se a sólida estrutura de círculos concêntricos: a praia, os arrecifes, o horizonte.

Em terra, muralhas a desdobram-se, como cercas de pedra, margeando estradas que parecem levar a parte alguma, mas que desembocam, subitamente, em praias desertas, de areias cinzentas como o solo da lua, banhadas por ondas

que se quebram, espumando, como um rebanho de carneiros em fúria.

Para lá da arrebentação, no dorso pacificado das águas, no anil brilhante das grandes vagas onduladas, a silhueta das “gatas”, selvagens, furiosas, com sua tríplice fileira de dentes e suas barbatanas estriadas, cortando a superfície do mar como as velas de um barco.

Suave é o entardecer no porto, hoje deserto de navios. Em alguma taberna abandonada, um marinheiro cego conta estórias de um tempo em que as ilhas eram verdes e os navios não partiam, como agora, inutilmente. Nas águas incrivelmente azuis, com reflexos violeta, passavam correntes marinhas que vinham da África carregadas de febre, de sementes de baobá, de lendas esquecidas e restos de naufrágios.

E, noite e dia, o vento.

Dias após dia, noite após noite, o vento sopra sobre as ilhas seu hálito de sargaços, morno bafo de tigres agachados do outro lado do mar, nas costas selvagens de um perdido horizonte.

E sempre e sempre o vento, trazendo, junto com as areias de um deserto distante, a limalha de esqueletos branqueando nas dunas, rastros de caravanas, o pó de velhas ruínas de templos soterrados.

Vindo de tão longe, o vento, como cavalos doidos sobre as ondas, simum de todas as Áfricas, corroendo, limando, polindo, colando-se nas paredes, infiltrando-se nas almas, sempre o vento, sempre o vento leste a soprar, de um esquecido Oriente, carregado de perfumes, de odor de especiarias e bodum de camelos.

O vento, perpetuamente a zunir, eternamente a soprar sem tréguas, sem descanso, sem remorso. Como um zumbido de abelhas invisíveis.

Não existe defesa contra o vento. Os habitantes das ilhas acostumam-se ao incessante soprar, a boca e os olhos ressecados do quente sabor de areias em rodopio. À noite, sonham com prados verdes e regatos de águas cristalinas. Ao despertar, olham pelas vidraças e contemplam o sol a nascer entre as areias movediças.

Alguns enlouquecem.

Reflexões de Elizabeth Taylor ante a notícia da morte de Richard Burton, seu quarto (ou quinto) marido

Aí estão eles novamente, os repórteres, à minha porta. Tentando me alcançar com suas pinças, seus estiletos, sua curiosidade, seus venenos. Mas que culpa tenho eu destes profundos olhos violetas e desta escandalosa beleza? A infância destruída, a juventude destruída, a saúde destruída, a vida inteira destruída, espezinhada, atolada em casamentos, frustrações, diamantes como faróis, safiras gigantescas, esmeraldas faiscantes, fogos-fátuos brilhando, crestando-me a pele que o tempo vai lambendo/corroendo com a saliva envenenada.

Aí estão eles tentando, novamente, que eu fale. Mas falar o quê, se ele está morto, e eu sei que foi a única coisa verdadeira nesta vida de enganos? Um dia ele me disse. Olho no olho ele disse. Bem no fundo azul anil de meus olhos de estrela: “Elizabeth, és apenas uma mulher como as outras. Gorda e peituda e com um gênio insuportável”. Aí eu quebrei a garrafa de seu uísque predileto e lhe dei dois murros na cara. Ah! Mas, agora, que adianta pensar nas noites sobre o Nilo? A lua da África era mais doce quando descíamos o rio lentamente e comíamos tâmaras embalados pelo sussurro cadenciado das pás de ouro dos remos. Eu só amei a ele, não importa o que digam, mas, afinal, é

preciso respeitar meu oitavo (sétimo, sexto?) marido. Eu o amei com o melhor de meu ódio, com a fúria mais intensa; ressacas estúpidas, maus modos, grosseria e o irritante sotaque quando me falava de amor em sonetos ingleses. Os absurdos sonetos como aquele que dizia que meus olhos não tinham o brilho do sol, que meu cabelo era apenas um arame preto e que não eram de coral meus lábios, nem de rosas minha face. E que eu andava não como deusa mas como qualquer pessoa. Aí foi demais. Pedi divórcio pela segunda vez e baixei ao hospital.

Mas como posso esquecer a beleza cruel de sua boca? Aquele ricto de ironia e o selvagem pulsar do sangue disparado? Como posso apagar o seu hálito de bêbado, seus acessos de paixão e o aceso fogo de suas cóleras infundadas, se ele me fez pagar por todos os pecados que cometi em minha vida de tantos homens fracos? Nele conheci a força, o talento, o fundo do poço e o avesso de tudo. Hoje choro por ti, minha visão de inferno, hoje choro por ti, meu distante paraíso. Mas há que arrumar os cabelos e refazer a maquilagem. Afinal, haverá sempre um fotógrafo por perto.

Crônicas da província

A casa de Valdete

A casa de Valdete tem varandas. Um telhado de telhas cer-tinhas, jardimzinho na frente, com direito a brisa fresca e rede franjada, quintal com cachorro, gato, galinha e até, su-premo requinte, um casal de marrecos.

Valdete é empregada doméstica há 30 anos e tem mui-to orgulho de sua profissão. Bem-humorada, riso fácil, a tudo socorre, em tudo dá jeito. Solidária e participante na alegria e na tristeza.

Quando casou, há 12 anos, fez um pacto com a pa-troa. Ficaria morando no trabalho com o marido, até que construíssem sua própria casa. Que tinha de ser como ela queria e sonhava, no maior capricho, com cozinha, banhei-ro, sala grande onde ela pudesse receber os “filhos”, os que ela criara, pois a natureza não lhe dera os próprios.

E em todos esses anos sua vida concentrou-se neste sonho, numa história de perseverança e muita garra.

Começou com a compra do terreno. Uma das marcas de Valdete é a teimosia. Um dia anunciou: “Hoje vou com-prar um terreno”. De noite, voltou em triunfo, com a pape-lada. Dera todo o dinheiro que tinha juntado com tanto sacri-fício como entrada num “loteamento”. Agora, era só pagar as mensalidades. E ela pagou até o último centavo. Só que o tal loteamento era uma grossa marmelada. Uma dessas arapucas armadas para tirar proveito da ingenuidade de pobres coitados.

O lote onde seria construída a casa dos sonhos fora vendido a mais três pessoas. Valdete desesperou-se. O patrão, advogado, entrou com uma ação contra a imobiliária que pertencia a um figurão da época hoje já falecido. A ação está rolando há mais de 10 anos. O processo sumiu, o processo reapareceu, até que, quando ninguém mais esperava, foi dada, finalmente, a sentença. O juiz deu-lhe ganho de causa, a justiça seria feita. Valdete receberia de volta o terreno que nem existe mais hoje, que não existiu nunca. Mas o advogado do falecido, em nome do espólio, recorreu da sentença. Daí vamos dar mais uns 10 anos de bandeja. O que prova, mais uma vez, que é um bom negócio ser desonesto neste país.

Mas, enquanto isso, Valdete se virava. Comprou outro terreno. Desta vez tudo parecia em ordem, registro em cartório, o lote assinalado na planta foi entregue à proprietária, que tratou de cercá-lo bem depressa e começar a construção.

Seu entusiasmo contagiava todo mundo. Mobilizando amigos, parentes e aderentes, todo fim de semana, toda folga que tinha, lá estava ela liderando a turma. Cavou o chão, trabalhou de pedreiro, carregou pedra e tijolo. Durante anos, não fez um passeio, não comprou uma roupa, não gastou um tostão que não fosse na casa. Queriam lhe dar um presente? Fosse um saco de cimento, um metro de ladrilhos, uma janela. Não podia haver regalo melhor. E todos se sentiam felizes de vê-la tão contente.

A cada etapa vencida, ela mais se entusiasmava. A inauguração foi uma beleza. Valdete, cozinheira de mão cheia, caprichou nas comidas. Auta Rosa e Calasans Neto que o digam, foram uns dos convidados.

Final feliz esta história? Pois sim. Um dia, a bomba estourou. O loteamento era uma fraude. Fora construído em terreno invadido. O responsável, para variar, escafedeu-se. Os pobres coitados ludibriados por ele que se lixassem. A Justiça, como sempre, além de cega, surda e muda. Passaram-se os anos. Quando parecia que as coisas iam ficar por isso mesmo, um novo pesadelo veio assombrar as noites de Valdete. A construção do Parque do Abaeté ameaçando levar a sua casa foi o golpe final.

Desde então, Valdete não come, não dorme, perde peso a olhos vistos. Pânico na família. Exames. Médicos. O veredito final: segundo Dr. Hélio Araújo, autoridade no assunto, Valdete tem um úlcera. Que pode ser curada, é claro, desde que tome os remédios direitinho e siga a dieta: nada de gorduras, café, cigarros, bebidas e, principalmente, evitar aborrecimentos e preocupações.

Montado um verdadeiro esquema de pressão tipo “se não fizer tudo o que o médico mandar não fica boa nunca”, Valdete vem obedecendo às regras cuidadosamente: não come mais gordura, renunciou ao seu querido “menorzinho”, deixou a duras penas o cigarro, bebidas nem pensar, nem a cervejinha de domingo. Agora, preocupações e aborrecimentos... Ah, isso vai ser muito difícil! Só quando souber, com certeza certíssima, que a sua querida casa não vai ser demolida.

Ecologistas, ambientalistas, paisagistas, defensores eméritos do Abaeté que me perdoem, mas um sonho como o de Valdete vale bem uma duna.

Águas do São Francisco

Da janela do hotel, a gente avista o rio. Águas mansas rolando. Águas azuis carregadas de brilhos, límpidas e constantes em seu eterno e ininterrupto fluir. Do outro lado, a vizinha cidade de Petrolina, já estado de Pernambuco, com o casario branco e a matriz que se avoluma espetando no céu claro a agulha de suas torres.

Águas mansas na tarde. Por um momento, perplexa, revejo meu destino. Aqui, neste momento de sol claro e brisa macia, plantada neste solo agreste, vendo correr o rio. Apenas isto: vendo correr o rio. Ao longo de suas margens, adivinho, mais do que vejo, o debruar de verdes possíveis, as areias brancas de praias imaginárias. Mais longe, o perfil das ilhas carregadas de cajus, enfeitadas de pássaros. E, mais além das margens, a terra ressequida, o pó vermelho que um vento crespo e quente levanta em lufadas ardentes. A mancha verde das algarobas não consegue disfarçar a vegetação ressequida, os galhos retorcidos como cabeleiras emaranhadas, a emboscada dos espinhos, nesta paisagem devastada que ainda guarda o rastro dos penitentes, o brilho dos espelhos de Maria Bonita, as pegadas das alpercatas do capitão Virgulino.

Há uma espécie de violência no ar, como lâminas que se cruzassem de repente na claridade maior deste céu de cobalto. Mas há uma doçura também no riso das pessoas,

águas doces do rio lavando-lhes as feridas, os possíveis cansaços, as esperanças renovadas, apesar da eterna luta contra o sol, contra o espinho, contra a areia escaldante e, pior do que tudo, contra seu próprio irmão, quantas vezes lobo voraz na espreita de seus horizontes.

Mas aqui, desta janela na tarde, revejo meus caminhos, minhas origens marinhas. Eu, habitante de uma cidade que se encrava como concha nas encostas salgadas da baía, será que posso entender, realmente, a viagem deste rio com suas águas mansas onde dormem confundidos brilhos de navalha e cintilações de estrelas desgarradas? Será que alcançarei, com meus olhos de estrangeira ave marinha, com meus olhos de gaviota afeita ao doce respingar das ondas, o espaço inviolado desta região calcinada, desta paisagem ressequida que guarda no seu bojo de basalto cintilações de ouro, esplendores de topázio?

Olhos secos no espaço, um rapineiro gavião talvez me desse a chave, a resolução final desta adivinha que tento decifrar. O enigma desta tarde que escorre como as águas que se perdem na curva do horizonte enquanto, lentamente, o crepúsculo avermelha o canto esquerdo do céu, tingindo de escarlata a crista de suas ondas. E o rio, como uma enorme serpente, mergulha devagar noutra rio mais fundo, e a noite oleosa desce como um bálsamo e, ao longe, as luzes, pouco a pouco, começam a cintilar.

Assombrações e guardas noturnos

Menina de sono difícil, tive a infância pontilhada de noites de muitos medos. Os adultos tentavam exorcizar estes fantasmas, vindos sabe-se lá de que profundos sótãos, de porões perdidos na memória coletiva de uma ancestralidade mergulhada nas sombras, embalada em canções que falavam de emboscadas, de bichos escondidos... “Xô, xô, Papão, sai de cima do telhado”... de estranhos bois da cara preta, ameaçadores, carne de sombra quase a materializar-se nos cantos mais escuros do quarto, dançando nas chamas das velas, quando faltava luz, e o mundo subitamente se adensava, pastoso e sufocante como uma maré oleosa espalhando-se em ondas até os limites da cama. Menina sozinha, sem irmãos com quem dividir o fardo daquelas noites insones, entre a apolínea racionalidade dos pais com suas cartesianas verdades e a dionisíaca imaginação das amas com seu vasto mundo subterrâneo povoado de assombrações, de duendes, mula sem cabeça, lobisomens. Muitas vezes, esses dois mundos se misturavam à beira do sobrenatural, e, então, ainda era maior o conflito. Exemplo: minha mãe não admitia sapatos com a sola virada para cima. Davam azar. Mas, se na calada da noite, um cão vadio apunhalava o escuro com um ganido aterrador, não havia melhor remédio, segundo a minha babá, que virar os sapatos. Era tiro e queda. Onde estivesse, o bicho aquietava, mercê de que poderes, de que insondáveis misté-

rios, isso ninguém explicava. Como ninguém explicava por que os poderes mágicos do escuro transformavam inofensivos sariguês em visitantes ameaçadores e tímidas borboletas negras em “bruxas” catalisadoras de presságios funestos.

Nas assombradas noites da minha infância, a cidade ainda não estava cercada de cimento armado, e, nas tempestades, que a gente chamava temporal, o vento sul soprava livremente com seu exército de fúrias, zumbindo entre as frestas de modo aterrador. “Vento sul traz doenças”, sentenciava meu pai, e, na minha imaginação excitada pelo medo, o vento sul transformava-se numa entidade terrível, semeadora de pestes e naufrágios.

Mas nem tudo eram terrores. Das noites da minha infância guardo, também, “memórias de alegria”. Minha avó, anjo transgressor, subvertendo as regras, os horários, sentada ao pé da cama, horas a fio, como uma Sheherazade familiar desfiando as histórias, unindo os fios entre a realidade e o mito. Xarope Silva Lima e pastilhas de tolu para acalmar a tosse, a encantada descoberta das pedrinhas de açúcar-cande, joia que se derretia na boca, diamantes que brilhavam e se dissolviam em doçura. E, como um contraponto ao cortejo de inquietações, o apito solto do guarda noturno, testemunha de que não estávamos sós, perdidos nas selvas de uma noite interminável. De que, do outro lado do muro, alguém muito especial se preocupava conosco, percorrendo rua após rua, afugentando os ladrões, os desocupados e, por que não, os duendes, enviando-nos regularmente sua mensagem tranquilizadora, que acalmava nossa febre e nos fazia dormir.

Guardião invisível de nossa segurança, o guarda no-

turno fazia a sua ronda e, em nossos sonhos de criança, muitas vezes se confundia com a figura do anjo da guarda, o “zeloso guardador”, “a piedade divina”, e a quem cumpria a tarefa de nos guardar e amparar neste vale de lágrimas, livrando-nos de todo mal. Amém.

Circuito na comunicação

— Mamãe, o que é **queu digo**?

— Ah, meu bem, não sei, diga o que quiser! Qualquer coisa.

— Não, mamãe. Que é **queu digo**?

— Huumm... Eu não sei... Qualquer coisa...

— Mas não é isso, não. Eu estou perguntando o que é **queu digo**?

— Ah, não amole! Não vê que estou ocupada? Diga lá o que quiser e não chateie.

— Mas não é isso. É que eu só queria saber o que é **queu digo**?

Assim também já está demais! Que menininha mais chata, pois não vê que um adulto tem mais o que fazer que ficar inventando coisas para ela dizer? Essa é muito boa. Eu aqui, ocupada numa leitura tão séria, e ela com essa mania boba de ficar interrompendo, de ficar perguntando bobagens. Sei lá o que é que ela quer dizer. E agora começando a chorar, fazendo biquinho! Só pode ser para chamar atenção, não pode me ver quieta, já vem se exibindo.

— E ainda mais esta, está ficando maluca? Chorando só porque eu não sei o que é que você quer dizer? Ora bolas, diga o que quiser e não me chateie mais. Isso não tem o menor cabimento.

Agora, a menininha em lágrimas, vermelha, confusa. Uma revista na mão amassada. E logo, aos soluços:

Eu só queria saber o que é **queu digo**, só isso!

— Mas não é mesmo possível, esta menina está louca, doente. E engula este choro, senão vou lhe dar umas palmadas, sua impertinente.

Confusão formada, bagunça estabelecida. A menina aos berros, a revista aberta sacudida nas mãos agoniadas, a mãe, já definitivamente histérica, apelando para ameaças de chinelo. A paz da leitura irremediavelmente perturbada, a tarde perturbada. Nisto, o irmão mais velho se aproxima curioso diante de tal gritaria.

— Mas, o que é que ela tem?

— Sei lá, tá biruta! Tem meia hora que enche o saco querendo saber o que é que diz. Ela que diga o que quiser, eu é que não aguento mais uma criança tão boba.

— Mas não é isso não, não é isso — a vizinha sumida, sufocada num choro sentido. — E só queu digo. Eu só queria saber o que é queu digo...

— Mas como? Deixa ver. Está aí na revista? Mas ora, mamãe, ela só quer saber o que significa código. E não é “codígo”, sua boba.

Do porão à claraboia

Criança criada em apartamento, acostumada a tomar suco em frente à televisão, não pode entender o significado de certas palavras mágicas que funcionavam como autênticos *Abre-te, Sésamo* escancarando as portas da fantasia aos mais insólitos e inesperados tesouros.

Estou falando de coisas quase desaparecidas que faziam parte do cotidiano de sua época e que, graças às mudanças de hábito e às imposições do progresso, estão fadadas ao esquecimento. Por exemplo, quem, com menos de trinta anos, morando numa cidade de médio porte, lembra-se de ter entrado num porão, explorado um sótão, brincado num verdadeiro quintal, visto uma claraboia?

Na civilização do *playground* e dos jogos eletrônicos, do *playland* e do *shopping centers*, não há lugar para essas velharias que um dia fizeram a delícia das crianças que não precisavam do ET, porque fabricavam seus próprios monstrinhos a partir dos universos paralelos de sua imaginação sempre povoada de seres estranhos, príncipes, princesas, sereias, *cowboys* e bandidos, Robinson e Sexta-Feira, personagens da *Terra do Nunca* misturados aos habitantes do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, uma gostosa combinação, um sincretismo maravilhoso que, enfim, parece ser a essência de nossa raça.

Os porões variavam de tamanho e destinação e, às vezes, a depender das dimensões, podiam servir até de morada

ou local de trabalho. Quase sempre, porém, serviam mesmo era de depósito, tornando-se, desse modo, o natural receptáculo de trastes armazenados por várias gerações.

Alguns, situados quase abaixo do nível da rua, meio enterrados no solo, eram guarnecidos com grades de ferro, por onde entrava o ar e alguma réstia de luz. Ali eram guardados desde móveis até álbuns de retratos, documentos, velhos adereços, chapéus e vestimentas que, através da poeira, deixavam entrever a herança acumulada em anos de existência. Não é preciso dizer que também eram verdadeiros criatórios de ratos, afugentando com a sua presença os que se metiam a explorá-los.

Os sótãos, nas casas antigas, às vezes se transformavam nas deliciosas águas-furtadas ou mansardas, onde — acreditava-se — deviam viver os poetas românticos. Nas construções mais modernas, os sótãos eram apenas aquele vão que ficava entre o forro, geralmente de laje, e o telhado, depósito de coisas esquecidas que cismava-se em guardar, esperando-se nova oportunidade de aproveitá-las: brinquedos velhos, restos de azulejos e ladrilhos, baús de roupas usadas, etc.

Em casa de meus pais, havia uma claraboia no *hall* superior, construída para iluminar o vão da escada. De noite, uma lâmpada, constantemente acesa, nos dava uma sensação de conforto e segurança. Atrás daqueles vidros, escondia-se o território proibido do sótão, com todos os seus mistérios, despertando no meu coração de criança o desejo de explorar aquele lugar que imaginávamos repleto de coisas incríveis e preciosas. Era lá que minha mãe guardava, todos os anos, os enfeites da árvore de Natal, indício seguro da existência de outras possíveis maravilhas.

Penetrar num desses misteriosos territórios era ultrapassar o limite entre o permitido e o imponderável. Algumas vezes em que nos permitiam ingressar num desses templos do ignoto, sentíamos uma certa decepção mesclada com boa dose de alívio. Afinal, se ali não se encontrava o tesouro de Ali Babá, não havia também fantasmas para assombrar-nos à noite, quando todos dormiam e as madeiras teimavam em estalar, deixando-nos com a desagradável sensação de que havia alguém escondido na casa.

Era, porém, nos quintais que a infância encontrava seu refúgio e seu encanto mais completo. Se fossem de bom tamanho, teriam o imprescindível galinheiro, tanques para patos, poços para armazenar água de molhar o jardim. No quintal, ciscavam as galinhas, corriam as crianças, preguiçavam os cachorros. As árvores serviam de cenário para os bem montados teatros, os jogos de faz de conta com que se teciam os momentos disponíveis da meninada.

Verdadeiros livros da natureza com seus formigueiros, seus besouros e outros infinitos pequenos habitantes, assim eram os quintais de minha infância, feitos à medida do tempo que passava sem pressa, mundo mágico onde a imaginação, correndo solta, traçava limites incomensuráveis.

Feliz aniversário

*No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.*

Fernando Pessoa

Nasci no dia 9 de novembro, 15 minutos antes da meia-noite. Este detalhe é importante, não só para estabelecer as linhas do meu mapa astral, mas porque, sendo o aniversário de minha mãe no dia 10, houve uma grande torcida para que as datas coincidissem. Farto material para sessões de análise, se eu me dispusesse a isso. Todas as vezes que contavam essa história, eu me sentia meio culpada por não ter cooperado para fazer essa vontade à minha mãe. Afinal, não custava nada ter atrasado só um pouquinho. Em compensação, tive sempre meu aniversário comemorado em dose dupla.

A comemoração do dia 9 era uma espécie de *avant-première* curtida em família antes da grande comemoração do dia 10, reunindo parentes e amigos, crianças e adultos, numa verdadeira festança cuidadosamente programada. Criou-se, assim, uma espécie de hierarquia natalina. A comemoração era no dia 10, mas, para que o dia 9 não passasse em branco, repetia-se o ritual de maneira simplificada. Com isso, eu ganhava tudo em dobro. Minha mãe acreditava que usar roupas novas no aniversário dava sorte e, por conta disso, fazia-me um verdadeiro enxoval, desde a roupa de cama, banho, calcinhas, meias, sapatos, fitas para o cabelo e tudo o mais com que se pudesse enfeitar uma criança. E tudo

duplicado. O que usava no dia 9, mais simples: o vestidinho, geralmente costurado por ela mesma, a roupa interna de tricoline ou cambraia de algodão. Para o dia 10, lençóis de linho com bordados, encomendados às freiras, sapatos de verniz ou pelica branca, com meias de tafetá realçando o vestido, verdadeiras obras-primas, feitas de preguinhas de palito, perfilados, rendinhas e bordados, no ateliê de tia Lise, famosa pela delicadeza e esmero de seus trabalhos. Ainda hoje, guardo três desses vestidos, como relíquias do passado. Para coroar tudo, abria-se um frasco novo de English Lavander da Yardley, e eis a menina pronta para receber os convidados.

Um capítulo à parte, era a mesa de doces. Olho-de-so-gra, mãe-benta, bom-bocado, brigadeiro, casadinho, ouriço, tudo feito em casa, sem falar do bolo de aniversário e dos doces e salgados mais finos, encomendados às Geiger ou às Olinto, doceiras afamadas que conferiam a marca de qualidade da festa.

Quinze dias antes da data, minha avó mudava-se lá para casa com todo um arsenal de forminhas e caixas de papelão cheias de papel de seda e celofane, frisados com lápis, e frascos de caramelos enrolados em papel impermeável de várias cores. Esses caramelos, envoltos em papel de seda picotado, eram distribuídos à saída da festa juntamente com as “lembranças”, cuja confecção demorava meses e eram um verdadeiro teste de imaginação. Aniversário sem “lembranças” não estava completo.

Mas bom mesmo era o dia seguinte. Acordar num quarto cheio de presentes, papel rasgado por todos os lados,

numa bagunça deliciosa. Depois, os mais íntimos chegavam para o “enterro dos ossos”: os adultos entretidos com os comentários da festa, e as crianças disputando o privilégio de brincar com os brinquedos novos.

Hoje vejo aquele tempo como através de uma vidraça estilhaçada. Como reconhecer em mim mesma aquela menina de tranças e vestido bordado? Embaçada pelas lágrimas e pelas névoas do passado, vejo a imagem da casa. Cada parede demolida, cada vão de escada que não mais existe, cada mistério imaginado em insondáveis claraboias. E as begônias do jardim e os caládios, como enormes corações sangrentos, as hortênsias que mudavam de cor conforme a terra em que eram plantadas, numa mágica permanente.

Mítico território, esse longínquo país da minha infância, suspenso da memória como um postal na parede. Para ele uma parte de mim regressa sempre de si mesma, e, como um naufrago, diariamente recolhe seus pedaços.

Fragmentos de um retrato de mulher

Para Bisa Junqueira Ayres, in memoriam.

É noite e estou cansada. Os fogos do verão se apagaram tão cedo! É inverno e chove. Entre nós, duas xícaras vazias testemunham, no silêncio subitamente instalado, nesse longínquo agosto, nessa tarde de chuva fina e frio, no Rio de Janeiro, um momento especial em que a amizade permanece cristalizada como o sabor incomparável de bolinhos açucarados.

Em torno, a penumbra e a dor de existir, o coração sangrando, e o corpo como antena captando o inefável, desejando o impossível. A perfeição, o detalhe que faz a diferença.

Talvez devesse falar do teu vestido branco. Do baile de formatura e da sensualidade um tanto afoita com que rodopiavas na sala. Tinhas o dom da graça que prescinde da beleza. *Glamour*, eis a palavra. Mesmo muito tempo depois, quando sobre nós já rolara boa parte das infinitas águas do tempo, conservavas intacta a elegância dos gestos no alinhar dos talheres, na fina sabedoria de repartir a mesa e transformar em comunhão qualquer presença, qualquer jantar de amigos. E estes nunca faltaram. Tua casa era um porto a qualquer nau perdida.

Talvez não fosse branco o vestido. Numa varanda sobre o mar, deslizavas entre espelhos e samambaias verdes

que serviam de cenário. O vestido em fina renda preta e tafetá cor-de-rosa. Talvez naquela festa já se desenhasse o mapa de teu corajoso itinerário. Talvez fosse o começo.

Também vestida de rosa debruçaste sobre o berço onde dormia o menino. O filho que mostrava nos traços o mesmo rosto da mãe, a mesma marca de uma máscara que repetia o avô e outros perdidos ancestrais na linhagem do passado.

De quantas peles se faz uma mulher? De quantos minúsculos fragmentos, de quantos potes de creme, de quantas unhas polidas, de quantos cortes de cabelo? De quantas cascas que se arranca aos poucos, lentamente, para que surja, do fundo de si mesma, essa presença infinitamente cruel, misteriosa e inocente?

De quantos bordados, camisolas do dia, sandálias prateadas, receitas de bolo e esperas e esperas e esperas, sabendo que sempre e sempre será sempre tão tarde!

Da igrejinha de Monte Serrat olhávamos a cidade. Habitar Salvador era, então, para nós uma aventura, um ritual de descobertas. A manhã estava azul como um vaso da China. Subitamente, um grande barco inchou as velas e correu sobre o mar como um animal apressado. Gritando de prazer, espreitávamos o infinito como pássaros na gaiola. Na gaiola que um dia abriríamos finalmente, as asas despedaçadas, os ombros lacerados, na agonia do voo.

Assim também em Mar Grande, nas praias da Penha, então magnificamente desertas, ou contemplando as linhas puras de Santo Antônio dos Velasquez. Na ilha, em longas caminhadas, invocávamos a poesia, o amor, a liberdade e o peso real de uma palavra justa.

Tentar, tentar sempre, tentar o fim do mundo. Encontrar a alegria no trabalho bem feito, no jornal, no teatro ou, simplesmente, no encanto da casa, dos filhos que amávamos e que esperávamos crescer com a sofreguidão do artista que contempla sua obra.

Navegar no oceano azul-turquesa das mortalhas que invadiam a avenida, como um equilibrista na torre de um navio, a contemplar as vagas onde o último afogado ainda dormia envolto em algas, encharcado de vinho. E o carnaval era apenas mais uma forma de buscar as respostas.

Havia fogos no dia em que te foste. Havia festa e alegria, e o povo dançava. A voz de Pedrinho ao telefone me trouxe a notícia, e um silêncio fundo calou minha mágoa. Como uma girândola a apagar-se, vi tua imagem rodopiar entre as fagulhas e o pranto.

História de um poema

Ao saber da morte do Che Guevara, às 4h30min da tarde, num bar na Baixa dos Sapateiros, o poeta Carlos Anísio Melhor, tomado pela emoção da notícia, rabiscou um poema numa folha de papel almaço. Este ato, aparentemente tão simples, como a pedrinha atirada num lago, propagou-se em ondas concêntricas, ampliou-se numa vaga, virou um maremoto que sacudiu os alicerces da velha Cidade da Bahia, levando de roldão carreiras políticas e planos culturais importantes.

Corria o ano de 1968, e era governador do estado o Dr. Luiz Viana Filho que, fiel à sua vocação de homem de letras, tentava dinamizar a produção cultural por meio de iniciativas como a criação do Departamento da Educação Superior e da Cultura (DESC), embrião da futura Fundação Cultural do Estado da Bahia, dirigido pelo historiador Luís Henrique Dias Tavares e responsável por alguns projetos que causaram uma certa ingênua euforia nos jovens intelectuais da época, que imaginavam poder driblar a pesada censura que impedia a livre manifestação do pensamento, atrofiando as consciências e exercendo uma rigorosa fiscalização nos meios de comunicação.

O poema de Anísio, na verdade uma peça lírica, tocada de elegíaca ternura pelo guerrilheiro assassinado, foi saudado com entusiasmo pelos companheiros e acabou sendo

publicado no segundo número da revista *Porto de Todos os Santos*, que era editada pelo DESC, sob a supervisão editorial do também poeta Humberto Fialho Guedes. Foi o início da pororoca, engrossada por uma vibrante entrevista do jornalista e escritor Ariovaldo Matos e, se não me falha a memória, pelos acontecimentos que culminaram com o fechamento da Bienal de Artes Plásticas da Bahia.

Cabeças rolaram, e teve início o festival de caça às bruxas. O secretário da Educação e Cultura, Luiz Augusto Fraga Navarro de Britto, foi forçado a exonerar-se e exilou-se em Paris. O diretor do DESC, professor Luís Henrique Dias Tavares, sofreu os maiores constrangimentos, chegando mesmo a ser preso. O poeta Humberto Fialho Guedes achou melhor passar algum tempo em Lisboa até que os ânimos serenassem. Artistas e intelectuais, colocados sob suspeição, foram detidos. A revista *Porto de Todos os Santos* teve a edição apreendida em nome da segurança nacional, juntamente com outras publicações do DESC consideradas subversivas. O poeta Carlos Anísio Melhor, autor do poema causador de tanta celeuma, foi detido, recolhido posteriormente a um sanatório, iniciando um longo calvário.

Ernesto Che Guevara desceu a cordilheira da história e embrenhou-se no fantástico país dos mitos. Virou canção, virou lenda, virou pôster na parede. Eternamente jovem, eternamente belo, com a barba rebelde a emoldurar-lhe o rosto sob a boina, onde brilha, solitária, uma estrela. E sem perder a ternura. Jamais.

*América Nuestra**

Quien hubiera dicho

Guevara murió?

En aquella tarde de honesto plomo

Guevara murió?

Guevara murió?

Botellas de lágrimas

Lienas.

Guevara

Indagaban las muñecas de

Las niñas tristes.

Los ayres espantados

Guevara

Y las fuentes en si mismas se quedaban.

Guevara

Mi corazón de cenizas hecho

Ay Guevara:

Guevara quizás murió

Pero ya oigo la sangre

Delinea

Corazón de América

Nuestra.

* Poema de Carlos Anísio Melhor, segundo versão publicada na revista *Porto de Todos os Santos*, Salvador, n. 2, 1968.

Lembranças de um poeta

Advertida a tempo pelo excelente caderno de cultura deste jornal, tão bem editado pelo poeta Florisvaldo Mattos, sobre os dez anos de morte de Carlos Anísio Melhor e, ainda sob o impacto dos depoimentos de seus vários amigos e admiradores, e pelo sempre renovado prazer de ler os seus poemas, resolvi prestar também a minha homenagem com o relato de meu encontro com o poeta.

Em 1980, quando trabalhava na Fundação Cultural do Estado da Bahia, recebi de Zilah Azevedo, que chefiava, então, o setor de Difusão Cultural, a incumbência de organizar e avaliar uma série de documentos que se amontoavam num arquivo, sem nenhuma indicação de procedência. A Fundação acabava de mudar-se do Solar do Unhão para a Biblioteca dos Barris, e muitas coisas tinham ficado dispersas entre os vários setores.

Eram papéis velhos, restos de projetos, alguns originais de concurso, nada que tivesse particular interesse. De repente, encontrei uma pasta e, dentro dela, uma grande quantidade de poemas, já meio desbotados, alguns quase ilegíveis, datilografados em papel bastante danificado e que mereceram minha atenção pela beleza e qualidade dos versos. À medida em que eu lia aqueles originais, vinha-me a certeza de que já os conhecia de alguma parte. De repente, meu coração bateu forte: aqueles eram os originais de Car-

los Anísio! Eu simplesmente encontrara, em meio a velhos papéis sem nenhuma importância, os originais de Carlos Anísio Melhor que julgávamos perdidos para sempre.

Como tinham ido parar na Fundação Cultural? Zilah não tinha a menor ideia. Já deviam estar ali há muito tempo, desde outras administrações. Anísio era uma legenda viva para a minha geração. Encarnava bastante bem a figura romanesca do poeta maldito, entre iluminado e revoltado, anjo transgressor a afogar no álcool a grande mágoa de viver.

Naquela época, eu ainda não o conhecia pessoalmente, nem sabia onde se encontrava desde que, ao publicar um poema em homenagem a Che Guevara, na revista *Porto de Todos os Santos*, editada pelo DESC, incorrera na ira dos militares e fora trancafiado no Juliano Moreira, lá iniciando sua via-crúcis.

Os poemas precisavam ser autenticados pelo poeta, para que procedêssemos à publicação. E o poeta, onde estava o poeta depois de tantos anos? Rui Espinheira Filho, que me deu a pista e ofereceu-se para levar os poemas para que ele os reconhecesse, aproveitando que estava numa boa fase, relatou-me a emoção de Anísio ao reencontrar originais que julgava perdidos. Iniciamos, então, o processo de preparar a edição do livro por tanto tempo esperado. Iniciamos, também, uma bela amizade, mas sobre isto falaremos no próximo domingo.

Lembranças de um poeta (II)

A notícia de que os poemas de Carlos Anísio Melhor seriam publicados pela Fundação Cultural do Estado causou grande alegria a seus amigos, alegria que se ampliava ao saber que o poeta, recuperado e bem de saúde, estava acompanhando, entusiasmado, as providências para a próxima edição.

Enfim, depois de tantos anos, conheci pessoalmente Carlos Anísio, ou Anysius, como gostava de ser chamado, num encontro marcado pelo poeta Ruy Espinheira Filho na sala de Zilah Azevedo, na Fundação Cultural. Não me lembro de quem mais estava presente naquela ocasião, mas é quase certo que os escritores que trabalhavam na casa, como Guido Guerra, Edilene Matos e Claudius Portugal, tivessem ido receber o tão esperado visitante. Os olhos de minha fantasia custaram a reconhecer naquele senhor baixinho e um pouco corpulento, de fartos bigodes e lentes grossas sobre os olhos míopes, o anjo vingador da poesia, Anysius, o poeta vibrante das Jogralescas. Se o sofrimento de tantos anos tinha quebrado as asas do anjo, tinha apagado o archote revolucionário do jovem Prometeu, em compensação, tinha lhe colocado na frente o sinal dos iluminados, dos santos, dos purificados pela dor. Ouso dizer que o que tinha diante de mim era um homem santificado.

Cercava-o uma aura de humildade, de bondade, de resignação e, por incrível que possa parecer, de alegria; uma

alegria superior, que vinha de dentro e se espalhava contagiando a todos.

A publicação de *Canto agônico* foi um empreendimento que reuniu vários esforços, porque, mesmo com a aprovação entusiástica de Geraldo Machado, então diretor da Fundação Cultural, e do apoio de Zilah Azevedo, diretora de Difusão Cultural, os caminhos da burocracia pareciam-nos às vezes intransponíveis. Havia uma grande torcida, com apoio, inclusive, da imprensa, principalmente da coluna de Fred Souza Castro, um dos maiores amigos de Anísio. E, enfim, o *Canto agônico* foi publicado em 1982, pela Editora Civilização Brasileira, acompanhado de um erudito estudo crítico de João Carlos Teixeira Gomes, intitulado “A poesia que busca a essência humana”.

A publicação desse livro representou para Anísio um verdadeiro renascimento. Daí por diante, passou a frequentar quase que diariamente a Fundação Cultural, até que, já na gestão Olívia Barradas, foi reintegrado às suas funções na Biblioteca Central, onde passou a trabalhar na seção de Obras Raras e, posteriormente, na Diretoria de Cordel, junto ao Departamento de Literatura. Para o lançamento de *Canto agônico* veio do Rio de Janeiro Maria Cesário Alvim, musa, companheira, guardiã e mãe de sua filha, que também esteve presente, para grande emoção do autor.

Desse modo, durante alguns anos convivi com Carlos Anísio Melhor nos corredores, salas e jardins da Biblioteca Central dos Barris, onde a Fundação se encontrava sediada. Uma convivência enriquecedora, uma amizade de que só guardo saudades.

Em 1986, deixei a Fundação Cultural para dirigir a Fundação Casa de Jorge Amado, e nossos encontros foram rareando

cada vez mais. Quando soube, por Edilene Matos, que Anísio, muito doente, estava hospitalizado, já em fase terminal, não tive coragem de visitá-lo. Vivendo, naquela ocasião, o drama da enfermidade de uma pessoa da família, não tive forças para enfrentar os olhos tristes de um homem que, depois de passar por intensos sofrimentos nesta vida, partia para a longa viagem, pobre com Jó, mas com o coração cheio de poesia, de ternura e compaixão pelo seu semelhante.

Em 1998, foi publicado *Espelbo das boras*, livro póstumo de Carlos Anísio, organizado por Maria Cesário Alvim, Sylvia Maria Trusen e Paulo Nazareth, com prefácio de Edilene Matos, pela Coleção Selo Editorial Letras da Bahia, da Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia. Os poemas aqui publicados pertencem a este livro.

Poema

*As coisas são tão simples no quintal
papoulas dormem no coração da noite
A bala em silêncio
aguarda
a hora exata*

Ifigênia

*Como touros
pelo mar/ cortando
não me recordo de qualquer
vida interior*

*Só vejo a nau
pousada
linear
no horizonte*

Lindoca

Tinha eu uns três anos, quando ela foi trabalhar lá em casa. Lembro perfeitamente o momento da chegada. O vulto magro e um tanto curvado de uma senhora que falava com minha mãe. Falavam sobre mim porque, de vez em quando, olhavam para o meu lado. Eu já sabia que aquela seria a minha nova babá e fiquei meio na defensiva. Não me recordo absolutamente de outras babás anteriores. Sei que tive algumas, uma das quais se chamava Joana e perpetuou-se em minha vida em uma foto muito nítida que tiramos na praia. Era uma mulher bonita, de pele negra e lisa, cabelos crespos presos à nuca. Tinha traços regulares e um corpo forte e bem feito. De sua passagem em minha vida, nada restou além desse retrato.

Mas, eu tinha, então, três anos e uma babá nova para me cuidar. Trazia com ela as melhores referências e uma grande mala de madeira amarela onde guardava seus pertences, tudo muito limpo e bem arrumado. No decorrer de nossa convivência, muitas vezes condescendia em abrir a mala e mostrar-me seus tesouros. Era como um prêmio.

Chamava-se Arlinda. Arlinda de Araújo Góes. Nascida em Santo Amaro da Purificação, afirmava aparentar-se com pessoas importantes. Dizia ter 40 anos e, apesar do nome, era feíssima. O que não impedia que eu, na minha inocência de criança, a tratasse de Lindoca.

Hoje, ao recordar-lhe a figura, reconheço que real-

mente nada tinha de bonita. Grande e ossuda, as costas arqueadas, pés grandes com joanetes salientes, mãos com dedos de falanges muito grossas. De cor branca amarelada, com cabelos fartos e quase duros nascendo de uma testa demasiadamente estreita, sobrancelhas rebeldes emoldurando olhos miúdos, apertados pela miopia, nariz deformado em consequência de uma espinha carnal que lhe achatara uma das narinas, boca de lábios um tanto largos no rosto marcado por inúmeras rugas.

Era, sem dúvida, muito feia, mas não inspirava antipatia ou repulsa. Pelo contrário, sua presença transmitia uma sensação de dignidade e compostura. Extremamente respeitadora, a ponto de tratar os superiores, cerimoniosamente, por “vosmincê”, não era, no entanto, nem um pouco subserviente. De forte personalidade, apossou-se da minha pessoa com um carinho e dedicação verdadeiramente assombrosos.

Tomou conta de mim, de minhas roupas, brinquedos, horários. Exercendo um verdadeiro poder paralelo, inteligentemente evitava o confronto com minha mãe e, muitas vezes, vencia pelo cansaço e determinação.

Quando eu ficava doente, além da autoridade médica de meu pai, ela montava um receituário alternativo com resultados amplamente reconhecidos. Devo-lhe as pastilhas de tolu, o xarope Silva Lima, o xarope caseiro de agrião para bronquites renitentes, a pomada de Mandragore — que lhe salvara a vida por ocasião da famosa espinha carnal — e a Maravilha Curativa, panaceia para todos os males. Devo-lhe também longas sessões de benzedura com folhas para tirar

o olhar e os chás de erva-cidreira. Da cumplicidade com minha avó paterna surgiu a banana-de-são-tomé, cozida em calda de açúcar e mel de abelha, imbatível para limpar o peito e acalmar a tosse.

Suas relações com meus familiares, amigos de meus pais, etc., variavam com o grau de simpatia e a maneira como se portassem comigo. Quanto mais me agradassem e quanto mais mantivessem distância, melhor. Na verdade, a grande ameaça ao seu território era minha avó materna. As duas disputavam a minha pequena pessoa numa mal dissimulada e interminável guerra fria.

Não era muito de contar histórias. Apenas algumas proezas de Pedro Malazartes e o caso da moça que se casou com o Diabo porque tinha os dentes de ouro. Gostava muito dos folhetos de Cuíca de Santo Amaro, que comprava na feira e lia para mim escondido de meu pai. A maior parte da sua fabulação era construída no real. Nos pequenos episódios do cotidiano, da sua experiência vivida. Assim, ensinou-me a observar as coisas à minha volta. Não sendo particularmente religiosa, gostava de levar-me às igrejas para ver presépios na época de Natal, para tomar as cinzas na Quarta-Feira da Quaresma, buscar a palma benta no Domingo de Ramos. Também fazíamos longos passeios pelas hortas da vizinhança para comprar hortênsias e rosas-fausto-cardoso, as suas prediletas. Sob o pretexto de procurar meu cachorro fujão, perambulávamos pelo Chame-Chame, Roça da Sabina e parte do Jardim Brasil, lugares, àquele tempo, ainda não invadidos pela desenfreada especulação imobiliária, percorrendo as ruelas de barro com suas casinhas humildes. Desse modo,

aprendi a conhecer um pouco a vida das pessoas pobres e a respeitá-las.

Assim, durante nove anos, tive-a a meu lado, metade dragão, metade anjo da guarda, e ai de quem ousasse me tocar com a ponta do dedo. Mas, à medida que eu crescia e me tornava independente, sua relação com minha mãe mais e mais se azedava. Eu sabia que tudo aquilo tinha a ver comigo, mas, no dia do confronto final, me omiti covardemente.

Não recordo a despedida. Acredito que tenha sido amigável, pois continuou sendo bem recebida em nossa casa. Quando eu me casei, passou a tratar-me por “vosmincê”, em atenção ao meu novo estado. Vinha me visitar quase toda semana. Desejei que voltasse para cuidar de meu filho. Sabiamente se escusou, com delicadeza e muita diplomacia. Sua intuição lhe dizia que os caminhos da vida não têm volta e que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio.

Maneiras de gostar

O amigo me confessou, satisfeito, estar gostando muito de minha nova atividade de cronista.

Sabe como é, poesia nem sempre a gente saca. É preciso estar por dentro, conhecer os macetes. Agora, a crônica é outra coisa, é mais fácil. Principalmente, aquelas em que você fala de coisas que a gente conhece bem.

Meio encabulada, fico sem entender direito. Meio dividida. Devo receber como elogio ou... De repente, me dou conta de que o amigo nunca perdeu lançamento meu. Estava lá sempre, rente e quente, livrinho na mão, o primeiro nos autógrafos. E não é que agora me vem com esta: “Coisas que a gente conhece bem”. Batatas!

Olho o amigo de frente. Nada de errado com ele. Está sendo apenas sincero. Acho até que fez a confissão e se sentiu aliviado. Agora está gostando, e isto, de certo modo, nos aproxima. Pisamos, desta vez, um território conhecido, espécie de pasto comum, não as desoladas charnecas, não a terrível passagem, o vasto e incomensurável país, Inferno e Paraíso, onde, “tirante Laura e talvez Beatriz”, bem poucos se aventuram.

Mas será que os admiradores da poesia formam um grupo assim tão fechado? Será que o espaço onde ela medra, flor nascida na pedra, é assim tão rarefeito? A expe-

riência de mais de 20 anos de ofício me ensinou que, ou se vive a poesia intensamente, apaixonadamente, ou, como a imensa maioria, simplesmente se ignora, quando não se detesta, esta que é talvez a mais pura e intensa forma de comunicação entre os homens.

Mas não, não pode ser. É tudo uma questão de ponto de vista, uma visão enviesada. É isso aí. Sinto muito, meu caro amigo, mas estamos em desacordo. O que salva, na verdade, estas mal traçadas linhas não são as coisas que a gente conhece bem. Estas estão aí, ninguém precisa falar, são por demais evidentes. O que salva, o que justifica é, talvez, apenas o que não tenha sido dito, o que ficou nas entrelinhas; foi a sombra de Orfeu chorando sua Eurídice, ou, talvez, um teto onde as pombas habitam. Foi o que sobrou da terrível visão do Anjo, a música indefinida que tocamos sem cessar em nossa flauta de vértebras; uma faca só lâmina, apenas uma pedra no meio do caminho ou a última pomba despertada aos gritos da última flor do Lácio, inculta a bela.

Sinto muito, mesmo, querido amigo. Mas nem sempre vou falar de coisas simples, coisas que a gente entende direitinho e sem esforço. Também tenho direito — sabe? — de administrar minha fantasia. De, de vez em quando, virar o mundo pelo avesso. Só um pouquinho, pode crer, nada de tão perigoso, mas não me peça, por favor, para domar a poesia, nem tente, nem por um momento, que eu esqueça os insondáveis mistérios, as absurdas cavernas de onde surgem as palavras cristalizadas em poemas que atravessem a carne, cravos sangrentos nesta cruz de papel que nos redime ou condena.

O amigo que me perdoe, mas tem dias em que a cuca dispara, e até o bife com batatas fritas parece ninho de serpentes numa gravura de Bosch. E, então, não tem jeito. É ir fundo e escrever um poema. Se o amigo entender e gostar, aí é outra conversa.

Meu cavalo por um reino

Nesta semana que passou tive o prazer de entrevistar o poeta Ruy Espinheira Filho que está de livro novo na praça com o título, muito bonito por sinal, de *A morte secreta e poesia anterior*. São 18 anos de boa poesia, de coerência ideológica e assídua persistência no caminho escolhido. Ainda me lembro do primeiro livrinho de Ruy, tão fininho, quase um cordel, onde já se delineava a vigorosa estrutura de sua poesia. Na entrevista, o poeta falou das dificuldades para pagar tão modesta edição. E, de repente, me veio uma lembrança quase lírica de meus distantes começos e recordei, entre divertida e emocionada, a história de meu primeiro livro que, na verdade, também não era livro mas uma “plaqueta” como, então, pernosticamente o chamávamos. Ora, se deu que eu tinha chegado, por vias e artes de Sônia Coutinho, aos remanescentes do grupo Mapa e daí, timidamente, começava a aparecer nos suplementos literários e nas revistas da época. Foi então que Calasans Neto me convidou para publicar um livro pelas Edições Macunaíma que ele dirigia juntamente com Glauber Rocha, Fernando da Rocha Peres e Paulo Gil Soares. Fiquei deslumbrada. No momento, era mais importante para mim que publicar, hoje, pela Gallimard. Não conversei; reuni os poemas, Calá ilustrou e mandamos brasa. Iniciada a composição nas Artes Gráficas, de Hélio Santana, ainda na Rua Carlos Gomes, nos demos conta, de repente, de um doloroso im-

passa. O livro custaria 75 mil cruzeiros (antigos). Eu só tinha 25, e os editores ainda eram mais duros. Pedir à família nem pensar. Eu era do tipo orgulhoso, e o pessoal não acreditava muito na minha nova e promissora carreira. Afinal, já tinha sido pintora, fotógrafa, tentara bordados, tapeçaria, ikebana e nada dera certo. Só a tralha acumulada, a última das quais um violão encostado no canto. Mas tinha que haver um jeito. Os 25 eu dera de entrada, e o resto seria contra entrega. Quando Calasans, todo contente, me disse que o livro estava quase pronto, fiquei gelada, mas não perdi a classe. Fiz assim um ar meio indiferente, como se fosse a coisa mais natural do mundo, e fui embora de cabeça quente. Já estava quase resolvida a deixar o orgulho de lado e botar a boca no mundo, pedindo socorro em casa, quando me veio a luminosa ideia. Eu era muito nova, mas já estava casada, e meu sogro acabara de comprar uma fazenda, sonho acalentado a vida inteira. Como eu gostava muito de montar, e ele tinha uma especial predileção por mim (política à parte pois o velho era UDN e eu era do contra), me dera um cavalo lindo, lindo. O bicho parecia uma pintura; pampa, branco e castanho, que nem cavalo de índio de filme americano, com uma crina sedosa, mais fina e tratada que o cabelo da dona. Eu sabia que um irmão de meu pai tinha o olho no cavalo, e daí não conversei; falei com o tio e vendi o cavalo. Meu livro estava salvo.

Anos depois, numa peça famosa, *A tragédia do Rei Ricardo III*, de William Shakespeare, deparei com a seguinte frase: “Um cavalo, um cavalo, dou meu reino por um cavalo” e senti a relatividade de todas as coisas. Ele precisava de um cavalo para salvar a vida e por ele daria o reino. Eu fizera um percurso inverso e, pelo preço de um cavalo, comprara um reino sem limites.

Natal

Passou um vulto pela minha janela ainda há pouco. Você pode até não acreditar, mas eu juro que vi. Foi uma visão muito rápida e fugidia, alguma coisa assim como um camundongo correndo de repente entre um móvel e outro, eclipsando-se embaixo do sofá, sem deixar rastros. Uma coisa assim, meio irreal, como um camundongo numa casa tão nova e limpa: ele está lá, a gente sabe que está, no entanto, é tão impossível quanto um dinossauro pastando no jardim.

Foi assim que ele passou, meio furtivo. Só deu para ver mesmo o clarão vermelho de sua roupa brilhando sob a luz do poste do outro lado da rua. Sei que era ele, pois a figura é bem familiar. Quem, neste tempo quente, usaria aquelas roupas incríveis e sairia por aí arrastando aquelas botas? Sempre imaginei que aparecesse um dia, triunfal, em seu trenó dourado, ao galope simétrico de suas renas amestradas, esparzindo neve e perfume ao som de sinetinhas de prata. Mas, não, desta vez me pareceu apenas um velhinho cansado, desiludido de tantas histórias tristes, de tantas cobranças sobre crianças pobres, sobre sapatinhos vazios. Tive pena dele. Imagino como não deve se sentir desajustado entre coisas que não conhece, no meio desta população apressada e suarenta a acotovelar-se nas lojas, alto-falantes aos berros com as músicas mais idiotas, e aquela floresta insossa de pinheiros plásticos.

Pensando bem, não tinham nada que trazê-lo pra cá, tão longe de sua terra, de seus vastos campos nevados, onde deslizam os trenós nas noites frias, entre risos e música suave de violinos. Lá não pesaria tanto o feltro de suas roupas enfeitadas de arminho, e as longas barbas brancas aqueceriam seu velho corpo enrijecido pelas lufadas fortes dos ventos de inverno. Lá encontraria chaminés decentes para esgueirar o corpo à noite, depois que todos dormissem, e ele chegasse de manso deixando nas velhas meias, penduradas nos galhos do pinheiro recém-colhido, ainda recendendo a seiva, um presente feito mais de amor do que de compras mal-humoradas, em balcões de lojas entupidas de pessoas aflitas, pessoas cansadas do difícil equilíbrio das finanças, nesse compra-compra desesperado em que transformaram o Natal, festa outrora tão pacífica, tão carregada de significados.

A ceia de Natal, com seu séquito de doces possíveis, de vinhos degustados com calma, de amigos se encontrando sem transtorno, com o tempo todo pela frente para recordar velhos natais tranquilos, tão tranquilos como aquele em que degustavam tâmaras e rabanadas, numa festa fabricada de infância e frutas secas.

Natal da mesa do rico, fartíssima, da mesa do pobre, composta. Um espírito suave no ar, na presença da lapinha, a armação do presépio onde dormia o Menino que veio para salvar o mundo e, com fé em Deus, ainda acabaria salvando.

Onde está aquele mundo feito da espera excitante da missa do galo e do gosto adocicado das castanhas portuguesas? Que fizeram do Natal em que tudo era possível e bonito; em que havia uma criança esperando confiante e

bolinhas de aljôfar e velas coloridas, numa mágica visão de um futuro paraíso? Que fizeram do Natal e da criança?

Passou um vulto vermelho na janela. Eu juro que vi. Talvez ninguém acredite, mas, no fundo de minha perplexidade, sinto que agora já não tem mais importância.

O caso das baleias

De vez em quando, aparece uma baleia nas águas azuis desta nossa baía. A de agora caminha em círculos e carrega um filhote. Carregar não é bem o termo, pois baleia não tem braços. Melhor seria dizer arrastar, mas, ainda assim, precisaria de um vínculo mais concreto. Não, o mais certo seria dizer: a baleia segue e o filhote acompanha a mamãe no rastro de espuma, guiado pelo instinto, pois sabe que o amor de mãe pode ser feroz e, na vastidão do mar, na disputa cruel de devorando e devorado, um filhote tem de ter proteção e isto ele terá, sem dúvida, venha o que vier, custe o que custar.

Também não fui muito precisa quando disse que a baleia caminha. Ora, onde já se viu? Baleia não caminha, pois também não tem pernas. Ou será que pode-se dizer que baleia caminha usando-se da tal licença poética? Não se diz os caminhos da alma? Alma não tem pernas, ao que eu saiba.

Mas deixa pra lá. Se escrevi esses argumentos mal alinhavados só para mostrar como, às vezes, é difícil botar em letra de forma o pensamento muitas vezes livre e indisciplinado como um pássaro selvagem. Tem de estar tudo certo, senão o leitor não aceita, não entende, e aí vem um de lá e diz que a gente é um escritor hermético, e isto dito de certa maneira é como um atestado de incompetência.

Vejam, eu comecei de forma tão poética! Uma baleia desgarrada caminha (ou nada?) em círculos pelos mares

azuis dessa nossa baía. Mas é mesmo na baía? Onde é que se encontra realmente a senhora baleia? Meu Deus, que coisa terrível essa tal de precisão de linguagem. Nesta altura, não sei onde está a baleia e já estou tão chateada que a vontade é deixar pra lá e tratar de outra coisa. Assim, aqui estou eu divagando sobre uma possível baleia que, de repente, pode se transformar em gaivota ou mesmo em cardume de peixes voadores ou golfinhos deslizando à flor das águas. Na imaginação, tudo é possível. Mas, na verdade, eu tenho de cumprir minha obrigação de traduzir em palavras o que era apenas um pensamento, um fiapo de nuvem, uma pluma esgarçada no ar. E tem de ser preciso, porque senão ninguém entende. Há que se domar o pássaro/pensamento, para que ele, como um falcão amestrado, cumpra seu destino de caçador de palavras.

Mas eu não queria escrever nada disso. Queria apenas fazer uma pequena crônica poética sobre uma baleia e seu filhote. Muito bem: eu não sei onde está a baleia, se está fora ou dentro da baía. Não sei a cor da baleia. Na verdade, não sei nada sobre a baleia, nem mesmo se ela existe.

Assim, devagarinho, fecho os olhos e sinto o maior deslumbramento: minha baleia existe! Aí está ela nadando majestosa nas águas azuis da minha baía. Ela nada em círculos, cada vez maiores, cada vez mais perfeitos e, de quando em quando, lança um esguicho de água com perfume de sargaço e maresia. O filhote é lindo e vai um pouco mais atrás. É rosado, com listras cinzentas, prateadas e, às vezes, sai da rota perseguindo peixinhos e algas. Simples brincadeiras de filhote desocupado. A baleia é branca. Como aquela grande

baleia assassina que assombrava os mares e se chama Moby Dick. Mas a minha, não. A minha é tão mansa que pode até comer na mão como um golfinho amestrado. A minha baleia é *mansa* e solta suspiro suave como uma música de órgão.

E aí lança água que nem fonte luminosa. E a brancura de barbatana corta o cobalto do mar deixando um rastro fino debruado de espumas, e ela vai nadando, cada vez mais rápida, em círculos cada vez mais amplos, e já quase toca as praias da baía, e, então, se forma um redemoinho enorme, e as praias começam a girar, e os coqueiros dançam enlouquecidos, e me dá uma tontura, um vácuo no coração, um súbito desmaio e, de repente, eu me sinto no ar rodando na torrente salgada e, num ápice, bem no fundo do abismo, no centro espiralado do redemoinho, mas não sinto nenhum medo, pois minha baleia vai comigo, e sei que ela me protegerá como protege seu filhote.

Uma rua chamada saudade

Nos anos cinquenta, marco de minha adolescência, a Rua Chile era realmente a grande via do *glamour* na Bahia. Por ela desfilavam mulheres bonitas, mocinhas casadoiras, políticos, intelectuais, médicos famosos, advogados de projeção. Era uma espécie de vitrine do que havia de mais representativo na então chamada Boa Terra, que, aliás, parece que não era tão boa assim, porque as pessoas viviam suspirando pelo Rio de Janeiro, então capital federal e meca dos mais ambiciosos, que queriam fazer carreira principalmente na política e nas letras. Estes, quando vinham de férias ou a passeio, torciam o nariz para os atrasos da província, mas não deixavam de desfilarem gloriosamente pela Rua Chile.

Limitada ao norte pela Praça Municipal, quadrilátero famoso, com seus palácios antigos convivendo harmoniosamente com a modernidade do Elevador Lacerda, e ao sul pela Praça Castro Alves, com a estátua do poeta eternamente a bradar pela liberdade, a antiga Rua Direita do Palácio era realmente o ponto de encontro por excelência da sociedade baiana antes que o crescimento vertiginoso da cidade, em sua desvairada corrida para o mar aberto, esvaziasse o antigo Centro, rompendo com a sua tradição de urbe portuária, debruçada e protegida pelas águas da baía.

Hoje, quando se festeja o centenário da Rua Chile e se promovem festas e esforços para que venha a desfrutar do

antigo prestígio, eu me pergunto, melancólica, se isto será mesmo possível. Porque, se as construções estão lá razoavelmente preservadas, se o espaço é o mesmo, se ainda persiste o antigo caminho da Vila Velha, perdeu-se o encanto, a atmosfera, a alma.

Como imaginar, por exemplo, a Rua Chile sem a Confeitaria A Bahiana com seu chá delicioso, suas torradas douradas, seus *waffles* quentinhos? Sem a Livraria Civilização Brasileira capitaneada pelo saudoso Dmeval da Costa Chaves, onde Toninho e Expedito atendiam os fregueses com cortesia e conhecimento? Sem o Café de Bernadette, com seus pãezinhos macios e sua clientela de artistas e intelectuais. E a Casa Slopper? Pode-se imaginar a Rua Chile sem o requinte da Slopper com suas vendedoras escolhidas a dedo, cada qual mais bonita e elegante, cuidadosamente maquiladas e — dizia-se — de comportamento e moral vigiados pela gerência? Naquele tempo, as meninas da Slopper só competiam em charme e competência com as aeromoças de Panair.

A Slopper não era uma loja, era um magazine onde se encontrava de tudo, desde os chamados artigos de cama e mesa, presentes, bijuterias e moda feminina, até brinquedos e prataria. Para nós, adolescentes, comprar um vestido na Slopper era a glória. Ali eram lançadas as modas do Sul maravilha, as novidades usadas pelas estrelas de cinema: os vestidos de lastex, os casacos de banlon, os sapatos tipo Gilda, os maiôs de cetim, as combinações de *nylon*, a bolsa tiracolo, as saias plissadas de tergal, as sandálias anabela com saltos de cortiça, com que desfilávamos garbosamente, aos domingos, no Farol da Barra.

E o armarinho do Seu Fiúza, onde o dono atendia pessoalmente os fregueses, com a mesma gentileza e fidalguia com que frequentava as festas do Bahiano de Tênis? A Casa Milano que, no tempo da guerra, trocou o nome para Casa da Música, a Ótica Universal de seu Marquesinho, a Confeitaria Chile, onde não caía bem mulher entrar desacompanhada. A Loja Adamastor do pai de Glauber Rocha, o Palace Hotel já um tanto desbancado pelo Hotel da Bahia, mas ainda guardando as lembranças do cassino, eternizado por Jorge Amado, por meio das presenças de Vadinho e dona Flor. A Sapataria Rialto, da família Mattos, a Sapataria Clark, a Farmácia Chile, a Casa Africana, a Loja Nova América, da família Najar, com suas sedas especiais.

E, por último, como imaginar a Rua Chile sem a famosa casa de chá das Duas Américas, reduto predileto da juventude dourada, templo da paquera e da boa convivência? Quantos namoros e casamentos ali tiveram início? As histórias são inúmeras como inúmeros os artistas que lá se apresentavam para os *shows* de final de tarde.

Grande rival da Casa Slopper, a Loja Duas Américas, que foi a primeira a instalar escadas rolantes para maior conforto da freguesia, tinha no andar térreo o ponto alto de suas instalações. Ali se encontravam as seções de perfumaria e tecidos finos, onde as senhoras e senhoritas se abasteciam de cortes de seda e linho puro que seriam levados aos ateliês das mais famosas costureiras de então, Maricas e Niva, para a confecção de inspirados modelitos copiados das revistas *Vogue* e *L'Officiel*.

As clientes de maior prestígio eram atendidas pelos ir-

mãos Osmar e Magalhães, de tradicional família muritibana. Ambos, gentilíssimos, educadíssimos, tinham suas clientes cativas. Magalhães era o mais bonito dos dois, de uma elegância britânica. Diziam até que alguns maridos ciumentos, por precaução, preferiam que as esposas fossem atendidas por Osmar, temerosos do encanto de galã de cinema do irmão.

Mas, como a vida é um eterno retorno, o melhor é pensar e acreditar que aquele momento foi apenas mais um ciclo. Que outros o antecederam e que muitos ainda virão. E que a Rua Chile, com novos protagonistas e um encanto renovado, um belo dia vai renascer das cinzas, voltando a brilhar com a mesma intensidade.

A Casa do Rio Vermelho

Em fins dos anos 1950, impulsionados pelo desejo de mais tranquilidade em seu dia a dia e maior segurança para os filhos, então adolescentes, eles aportaram definitivamente a esta cidade do Salvador e, depois de alguma hesitação e muita pesquisa, acabaram lançando âncoras numa ruazinha sombreada nos altos do Rio Vermelho, num loteamento conhecido pelo nome de Parque Cruz Aguiar.

O Rio Vermelho daquele tempo ainda não era o bairro trepidante de hoje, cheio de hotéis, de restaurantes, de bares, com animada vida noturna e tráfego intenso, cercado por longas avenidas construídas para facilitar o acesso à parte norte da cidade, que então se expandia, buscando novos horizontes.

Lugar meio parado, à margem do progresso que aos poucos tomava conta da cidade, então com menos de 500 mil habitantes, situado a meio caminho entre o bairro da Barra, aprazível reduto da burguesia, e a Pituba, que iniciava, então, a escalada imobiliária que transformaria o antigo local de veraneio em grande centro residencial, era muito procurado por aposentados e artistas que ali buscavam refúgio, em nome do bom gosto e da vida mansa que ainda podia-se desfrutar naquele local tão bem dotado pela natureza.

Ali já moravam Lúcia e Mário Cravo, numa casa/ateliê extremamente acolhedora, sempre de portas abertas a amigos e visitantes como o pintor Aldo Bonadei, o gravador

Marcelo Grassmann, o cineasta Clouzot e sua mulher Vera, de tradicional família baiana, e muitas outras personalidades. Lá estava Lênio Braga, numa bucólica casinha escondida num desvão da penedia, quase sobre a praia, onde os arrecifes cantavam tocados pelas águas. E ainda Jenner Augusto, Carybé, José de Dome, Raymundo Oliveira, Willys e Licídio Lopes que, além de pintor, era também pescador e escreveu um delicioso livro de memórias editado, na década de 1980, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, no projeto História Oral dos Bairros, coordenado pela professora Tânia Penido.

E, então, eles chegaram, Zélia e Jorge Amado, à casa do Rio Vermelho, na Rua Alagoinhas, 33, endereço que se tornaria universal referência de nossa cidade e que se transformou em ponto de encontro de amigos, local de intensa fermentação de ideias e projetos que, pelo prestígio e força de atuação do casal, logo se tornariam realidade, trazendo grandes benefícios para nossa vida cultural.

Hoje, tantos anos passados, Zélia Gattai entrega ao público mais um atestado de carinho pela nossa terra, abrindo ao povo da Bahia — e certamente aos leitores do mundo inteiro — as portas de sua casa através das páginas de novo livro de memórias, justamente intitulado *A Casa do Rio Vermelho*, onde, com a graça e a espontaneidade que lhe são habituais, faz um apanhado de fatos e gentes que, durante esses longos anos, passaram pelo portal abençoado por Oxóssi, orixá protetor do dono da casa, com seu arco magnífico, cinzelado por Mario Cravo, apontando para o alto sua flecha pontiaguda.

Como uma artesã aplicada, ela foi recolhendo retalhos do cotidiano, misturando cores diversas e variados tecidos, desde a chita mais modesta até o mais precioso brocado, unindo com paciência e sabedoria os diversos pedaços, para, aos poucos, como numa colcha de tacos, compor um mosaico que refletisse em sua multiplicidade, o espírito da casa e de seus habitantes.

E, assim, a casa de largas varandas, de azulejos delicados, de esculturas de mestres, ornada de quadros de pintores afamados, grandiosa em sua simplicidade, com a vasta coleção de objetos de cerâmica trazidos de várias partes do mundo, batida pelos ventos do mar alto — desse mar bravo onde naufragaram tantas antigas caravelas, inclusive a do patriarca Diogo Álvares, o Caramuru —, cercada pela sombra das árvores que se entrelaçam sobre os caminhos tantas vezes percorridos, parece criar vida própria, eternamente suspensa pelas palavras de sua dona, permanente como uma obra de arte, feita de vida intensamente vivida, moldada no generoso barro da fraternidade e do amor compartilhados.

Minha amiga Auta Rosa

A notícia de que Calasans Neto ia casar caiu como uma bomba no grupo que costumava frequentar o IENA, em frente à Reitoria da UFBA, lugar aprazível, cheio de livros de arte e discos do melhor *jazz* dos E.E.U.U., onde, no final dos anos dourados, nos reuníamos toda tarde, jovens intelectuais dispostos a consertar o mundo. Ali, sob a égide do tio Sam — o primeiro a ser consertado —, discutia-se de parto de macaco a atracção de navio, tudo dentro do figurino politicamente correto da época, é claro.

Com certa apreensão e muita curiosidade, nos perguntávamos: quem seria a feliz proprietária do indomado coração do agitado artista, uma das atrações maiores das nossas tertúlias culturais? Todo mundo sabia que o mimado rebento de D. Frida sempre fora dado a namoros e aventuras, não podia ver um rabo de saia, mas sempre tivera o cuidado de preservar sua tão estimada liberdade. Casar... era demais!

A musa foi, enfim, apresentada. Chamava-se Auta Rosa.

E aqui, à moda de poeta antigo, invocarei as graciosas ninfas do Abaeté para que me concedam engenho e arte para traçar, embora de forma canhestra, o perfil de tão estimada e invulgar personalidade.

Em mais de trinta anos de convivência permanente com o casal, aprendi a admirar Auta Rosa pelas suas qualidades pessoais e não apenas por ser a dona do coração (e da

vontade, é mister que se reconheça) de meu querido amigo Calá. Qualidades que, diga-se de passagem, por estarem um tanto fora de moda, causam às vezes um certo mal-estar, principalmente no mundo nebuloso das relações sociais, políticas e, por que não dizer, culturais.

É que minha amiga Auta Rosa tem o hábito de declarar sempre o que pensa e a franqueza e sinceridade com que defende suas opiniões se tornam, às vezes, embaraçosas. Nesses momentos, o dedicado cônjuge escafede-se pela primeira saída e só retorna com a poeira assentada.

Auta cultiva, com a mesma paixão, afetos e desafetos. Desconfio que o seu lema pessoal seja: aos amigos tudo, aos inimigos a lei, de preferência as mais antigas, aquelas que mandavam esfolar vivo, ferver em azeite, etc...

Essa fidelidade, porém, tem as suas exigências e uma delas é a reciprocidade. Amiga incondicional, ela exige também uma total anuência a este princípio. Por não levar esta norma ao pé da letra, me encontrei, certa ocasião, na apavorante perspectiva de perder para sempre amizade tão preciosa. Foi a primeira e única vez, mas até hoje estremeço à simples recordação de tão dramático episódio.

É que, inadvertidamente, dei guarida em minha coluna, no jornal *A Tarde*, a um arqui-inimigo de Auta Rosa que iria lançar um livro. Confesso que, não tendo a mesma inteireza de caráter, sabia que ela não gostava do sujeito, mas não me dei ao trabalho de verificar a extensão e profundidade de seus sentimentos. Imaginei que fosse uma simples antipatia, resquícios de ressentimentos antigos, coisa de pouca monta. E caí na asneira de publicar uma nota sobre o indigitado. O que eu não

previa é que, com isso, iria atear um incêndio que só foi apagado com muita diplomacia, desculpas e explicações. Alertada a tempo por Jorge Amado, entrei em campo rapidamente com todo um arsenal de sedução que só surtiu efeito porque, hoje tenho certeza, sua mágoa era proporcional à sua estima por mim.

Os que costumam frequentar a Rua das Amoreiras sabem que simpatia e cordialidade fazem parte do cardápio diário do casal. Os amigos sempre serão bem-vindos mesmo se chegarem de repente, na hora do almoço, quando poderão desfrutar tranquilamente dos quitutes de Aíla, cozinheira afamada. Lá, a qualquer hora, encontrarão cerveja geladinha, sorvete de graviola, suco de maracujá, à sombra do sorriso esfuziante do mestre da gravura, no ateliê sempre renovado com seus belos trabalhos.

Mas, para bem conservar estes privilégios, convém conhecer e, sobretudo, não infringir certas normas da casa. Uma delas, a mais polêmica, sem dúvida, e a que mais tem posto à prova a firmeza de Auta Rosa, é a interdição a menores de doze anos. Quem estiver tentado a fazer uma visita aos queridos amigos, levando de quebra as adoráveis crianças, corre o risco de ser barrado na porta. Partidária convicta da famosa teoria de Herodes de que “em princípio toda criança é chata”, a dona da casa tem como preceito impedir a entrada dos baixinhos em seu território particular, principalmente em dias de festa.

São tantas as estórias de Auta Rosa, que dariam para fazer um livro e não apenas uma despretensiosa crônica como esta. Antes de terminar, porém, preciso fazer um re-

lato de como é perigoso pôr à prova a paciência de minha amiga.

Vinicius de Moraes que ela, aliás, adorava, compareceu um dia a um de seus famosos almoços — lauto almoço servido no ateliê, à beira da piscina — levando a tiracolo um amigo, hábito que não é muito do agrado da dona da casa. Como era Vinicius, ela engoliu e tratou o penetra com todo carinho e respeito. Mas este era do tipo que toma logo intimidades, se considera amigo de infância, e lá pras tantas escorregou nesta declaração perigosíssima:

— Auta Rosa, da próxima vez em que eu vier aqui, providencie mais cadeiras; detesto comer mal-acomodado. Isso, às gargalhadas, na maior gaiaticice.

Ela não se alterou, mas vi, claramente visto, um brilho maligno perpassar em seus olhos cinzentos, subitamente frios e cortantes como a lâmina de uma faca. E com voz pausada ela decretou:

— Meu filho, eu lhe juro que você jamais terá desprazer semelhante, pois jamais voltará a comer em minha casa (pausa) e, aliás, só está hoje aqui porque foi trazido por Vinicius (pano rápido).

Os que não conhecem Auta Rosa, os que não têm o privilégio de privar de sua amizade hão de estar pensando como conviver com tão temível criatura. Mas eu garanto que ela é um doce, simplesmente encantadora. E, o mais importante, além de sincera até à morte, é uma das mais sensíveis leitoras de poesia que eu conheço.

Totoca

Hoje vamos a Brotas, disse meu pai. Do distante país da minha infância, a frase chega de repente como uma lufada de ar fresco, acendendo a expectativa de momentos felizes, vento nos cabelos, cheiro de mato entrando pelas janelas. Um sentimento de prazer, amortecido pelo tempo, me diz que eu estava feliz naquele dia, embora desse passeio, perdido nas lonjuras, não recorde mais nada — só fiapos de lembranças, sensações, intuições, pequenos fragmentos que se desprendem do limbo das reminiscências, como cenas de um filme muito antigo.

Envolvida pela magia da palavra “brotas”, crocante e perfumada como biscoitos leves, como, talvez, a fina crosta das tabocas, eu cochilava no banco de trás do carro. Meus pais pareciam contentes, e isto me dava a impressão de segurança tão gostosa e perfeita, que fui resvalando, desarmada, para o colo de minha babá nova, onde provavelmente dormi até chegarmos ao nosso destino.

Como seria a casa? Onde encontrá-la agora envolta em cinzas nas brumas da memória? Sombras verdes, varandas, uma tarde comprida, os adultos reunidos em conversas intermináveis, e minha prima Isabel, magrinha e compenetrada, o rosto moreno de traços miúdos, levando-me a conhecer o limiar do paraíso nos fundos da garagem, onde, deitada em velhos panos, a cadela Florete amamentava seus filhotes.

Florete era uma bela cadela bassê de fina raça, mas, como acontece nas melhores famílias, burlando a atenta vigilância de seus donos, andara às voltas com um João-ninguém das vizinhanças, vindo a parir uma ninhada de bastardos.

Mas isso não parecia ter a menor importância. Os cachorrinhos eram lindos. Lustrosos e negros, embolavam-se na disputa das tetas, soltando pequenos ganidos que mais pareciam miados.

Desejei intensamente um cachorrinho daqueles e, não sei se pela força do pensamento ou qualquer outro motivo, o fato é que, na saída, recebi o prêmio tão esperado. A dona da casa nos deu um cachorrinho de presente, depois de tecer comentários sobre sua origem e condição de nascimento.

Não digo que meu pai fosse totalmente despido de preconceitos, mas, como era um romântico, simpatizara com a transgressora e, com um afago afetuoso e um sorriso cúmplice, adotou-lhe o filhote sem ligar para o *pedigree*.

O retorno foi triunfal. Embalada pelos sacolejos do bravo carrinho verde, um Ford meio velhusco carinhosamente chamado de Calango, com o cachorrinho no colo, eu era a mais feliz das criaturas.

Ao chegarmos em casa, com o novo membro da família já devidamente alimentado e acomodado numa caminha improvisada, começamos a discutir, em assembleia familiar, a difícil escolha de um nome para o recém-chegado.

Difícil? Ora, direis —, à moda do bardo famoso — um nome, o que é um nome?

Um nome é tudo. Nomear é reconhecer a existência.

É rotular. Um nome, uma vez aprovado, cola-se a seu dono como uma segunda pele. É referência e destino. Se Julieta não tivesse o nome de Capuleto, seria outra a sua estória

Daí a responsabilidade da escolha.

Fui para a assembleia pisando firme, de cabeça feita e nome no bolso do colete. A babá nova, hábil articuladora de bastidores, tinha-me soprado um nome perfeito, sugestão que logo adotei com o maior entusiasmo. O cachorrinho iria chamar-se Joli.

Joli? Mas isto é nome de cachorro fresco, cachorro de madame.

Bati o pé, irredutível. Tão pequena e já disposta a defender meus pontos de vista, por mais equivocados que eles depois se revelassem.

Pensando na origem do bastardo, meu pai sugeriu um nome que me pareceu depreciativo:

— Totoca, ele tem cara de Totoca.

Ofendida, não aceitei a provocação e fiz valer meus direitos de proprietária. O nome seria Joli e acabou-se:

— Mas — acrescentei, num rasgo de condescendência conciliadora — o apelido pode ser Totoca.

Um cão do Tibet

A menina meteu na cabeça que queria ter um cachorro. A mãe falava nisto todo dia. A mãe disse que não: cachorro dava um trabalho danado, estragava as plantas, sujava tudo, um horror. O pai disse que não: cachorro custa muito, come como o diabo, tem de tomar vacina toda hora, late de noite, incomoda os vizinhos.

Nenhum argumento convencencia a menina.

— Todo mundo tem um cachorro. Como é que uma criança pode viver sem um cachorrinho! — Os irmãos apoiavam a ideia. — Afinal o que custa ter um cachorro? Tem espaço bastante, e ele não precisa entrar dentro de casa.

— Como não entrar em casa — bradou a menina. — Meu cachorro vai dormir no meu quarto.

Aí mesmo é que o pai protestou:

— Cachorro no quarto é falta de higiene. Bicho não dorme com gente. Era só o que faltava.

— Minha colega, Carolina, ganhou um cachorrinho de presente de aniversário. Por que só eu não posso ter um cachorro?

E a cantilena continuava dia após dia, já quase uma obsessão, até que a mãe teve um momento de fraqueza e pronunciou um imprudente “Vamos ver”...

Frase fatídica! Imediatamente, formou-se uma verdadeira rede de informações, todo mundo interessado na descoberta de um possível cão a ser adotado.

O pintor e gravador Calasans Neto, amigo da família e guru para inúmeros assuntos, prometeu usar sua influência junto ao também pintor Carlos Bastos, notório criador de cães de raça, para descolar um filhote da próxima ninhada de sua cadela dálmata. Foi um delírio. Baixou um complexo de nobreza, e todos já se imaginavam desfilando com uma legítima representante da aristocracia canina a quem de antemão batizaram com o pomposo nome de Fedra Eliodora da Pedra do Sal. E cada um projetava suas fantasias, ao tempo em que esperava ansiosamente a chegada do prometido filhote.

Calasans, diariamente pressionado, desdobrava-se em explicações, até que um dia veio a infausta notícia: a ninhada não correspondera à expectativa.

Os cachorrinhos nasceram defeituosos, o que era comum na raça. Eram todos surdos. Foi a maior decepção.

A menina, em prantos, não se conformava:

— Quero assim mesmo, não me importa que seja surdo, não tem nada demais.

A mamãe, que conhecia de sobra as manhas do mestre Calá, desconfiou daquela surdez coletiva. Vai ver que ele prometeu o que não existia e, pressionado, tirou o time de campo, pensou consigo mesma. Mas não disse nada, e o assunto jamais foi devidamente apurado.

Diante do impasse e do desespero da menina, a mãe, resignada, pôs-se em campo para descobrir um cachorro que atendesse às exigências, sem comprometer as finanças. Foi quando alguém informou sobre uma loja de cães, perto do Porto da Barra. Mobilização geral! Mamãe, a menina e o caçula puseram-se, imediatamente, em campo, dispostos

a resolver de uma vez a questão. Embora se chamasse Ao Cão Elegante, a loja, modestíssima, não oferecia muitas opções. Apenas três ou quatro filhotes bastante desenxabidos. E agora?

A menina não se dava por vencida:

— Levo um cachorro. Quero *qualquer* cachorro.

Foi quando o caçula descobriu uma graciosa cadelinha que corria e dava cambalhotas com a natural alegria da idade:

— Veja, mamãe, que gracinha, tão sabida, tão redondinha, parece uma bolinha!

Espertíssimo, o vendedor logo deu jeito de amarrar na exibida um laço de fita encarnada que a tornava ainda mais charmosa e atraente.

— Quero essa, quero essa. É linda, tão redondinha, vai se chamar Bolinha.

E, assim, por um preço mais do que razoável, foi resolvido o problema, e voltaram para casa muito felizes com o resultado da compra.

É verdade que não tinha *pedigree*, mas o vendedor afirmou que era uma cadelinha de raça, o pai fora premiado em várias competições e tudo mais. Era um legítimo cão do Tibet, raça excelente no trato com crianças.

Os compradores não acreditaram muito na conversa. A cadelinha parecia mais um pequinês disfarçado, e ninguém jamais ouvira falara desse tal de cão do Tibet.

A chegada à casa foi triunfal. A menina, orgulhosa, carregando a prenda numa cestinha, e o caçula disputando espaço para usufruir da companhia.

Mas, como acontece em alguns momentos felizes, um travo de amargura quase transformou aquele momento de euforia numa desagradável e ácida discussão, pois os irmãos mais velhos, que haviam corrido para ver a novidade, mostraram-se decepcionados, tratando a recém-chegada de forma grosseira e preconceituosa:

— Que diabo de cachorro é esse? Cão do Tibet, coisa nenhuma. Isto é um pequinês mestiço de vira-lata.

Revoltado, o irmão mais velho ameaçava:

— Se este animal ignóbil atravessar o meu caminho, vou esmagá-lo como a uma barata.

Mas, passados os primeiros instantes de estranhamento, nobre ou plebeia, a cadelinha tornou-se a alegria da casa. Era dócil, inteligente e engraçada.

— Não é um cachorro — dizia a dona, toda encantada, — é uma pessoinha.

E, assim, muitos anos se passaram na mais completa felicidade. Bolinha era parte integrante da família. Tão amada que nunca mais se falou de sua origem bastarda. Ela era meio esquisita, pois lembrava um pequinês com suas patinhas curtas, onde uma mancha branca denunciava a possível mestiçagem, o pelo sedoso, que disfarçava a carinha achatada, o focinho redondo e as orelhas caídas que voavam ao vento quando ela se debruçava na janela do carro em um de seus passeios prediletos. Volta e meia lembravam o episódio da compra e davam risada:

— Que grandessíssimo vigarista! Cão do Tibet, vê se pode!

E assim viveu Bolinha, cercada de carinho, até que,

cumprindo seu destino aqui na Terra, fechou os olhinhos redondos e finou-se, deixando um rastro de saudades e boas lembranças.

Anos depois, muitos anos passados, a menina, já moça casada e com filhos, folheava distraída uma revista de variedades, quando desatou num berreiro, para surpresa dos circunstantes:

— Coitadinha, coitadinha!...

Seu semblante refletia indignação, mágoa e uma ponta de triunfo ao apontar, na página aberta da revista, uma reportagem sobre cachorros:

— Vocês estão vendo? Está aqui, um cão do Tibet, e é a cara de Bolinha. Ninguém acreditava, mas ela era mesmo um cão do Tibet, um legítimo cão do Tibet, e passou a vida toda considerada uma reles mestiça de pequinês de quinta categoria.

Como já aconteceu tantas vezes na história da humanidade, só nos resta reabilitar a memória de uma pequena fidalga que passou a vida como plebeia legítima.

Um gato, de manhã

Na curva do caminho, destampou com a figura. NO coração bateu forte. Tão pequeno! Uma isca de pessoa. Quase uma bolinha de pelos! Sarapintado de amarelo, ainda úmido do orvalho da noite; fiapos de lama e folhas secas nos pelos miúdos.

Mas os olhos... Ah, os olhos! Duas amêndoas de luz. Doces, tão infinitamente doces como só podem ser os olhos de um gato.

Quase não se mexia ali perdido, na beira do asfalto, àquela hora matinal. Apenas a cauda movia-se suavemente, desenhando, na luz dourada do sol, a curva de uma interrogação, o enigma de seu destino.

O pé tateou instintivamente o freio. Recolheria o gatinho, sim, por que não? No escritório, sempre haveria um lugar para ele no depósito, atrás dos caixotes. Arranjariam alguma coisa para lhe matar a fome, e talvez até as moças da recepção cuidassem dele, o limpassem, devolvendo-lhe com o trato o ar aristocrático e misteriosos dos gatos, porque no momento era somente um bichinho encolhido e emporcalhado.

No escritório, o gato fez sucesso. As moças, como esperava, deram gritinhos encantados. E passaram o resto do dia a escovar-lhe o pelo, à carregá-lo no colo, num exagero de carinhos, bagunçando o expediente e quase atrapalhando o serviço.

No final do dia, cansado mas feliz, levando com ele o novo companheiro, tomou pressuroso o caminho de casa. Pensando bem, depois do trabalho exaustivo, podiam se dar ao luxo de um descanso merecido. O regaço do lar, a sopa quente e um pires de leite no canto da cozinha.

Quando chegaram, a mulher estava sentada na sala assistindo à novela. Televisão a postos. Novela das sete. Levantou meio de má vontade para recebê-lo e já ia oferecendo um rosto resignado para o beijo distraído, quando notou o bicho em sua mão.

— Mas o que é isto? O que é que você vai fazer com isto, homem de Deus?

Não houve jeito ou modo de convencimento. Todas as ternuras prometidas eram rebatidas, na hora, com argumentos de uma lógica inarredável. E nem adiantou lembrar a proverbial e comprovada higiene dos gatos, sua elegante postura de hóspede cerimoniosos e asseado. Nem causou efeito a quase chantagem, a apelação para os mais nobres sentimentos de fraternidade:

— Um pobre coitadinho abandonado no mundo, com frio, fome, sede, ao desamparo, sozinho.

A mulher irredutível:

— Muito pior são as crianças por aí ao relento. Mas isso você não vê, porque não lhe interessa. Nem quis comprar aquele cartão do bingo para ajudar aos nordestinos flagelados. E agora vem pra mim com esta história de gato. Não, não e não. Não quero ver minha casa cheia de pelos, pegadas, estofados sujos, jarras quebradas. Mais um pra comer e dar trabalho.

No outro dia, o gatinho foi dado à lavadeira. Mais uma vez vencera o dogma, o bom senso, o duro realismo. Agora a casa parecia maior, fria e deserta. Num canto da cozinha, o pires sujo. E alguma coisa doendo bem no fundo do peito. Como encontrar forças, argumentos, para convencer aquela mulher, emparedada em suas verdades, que a vida é isto mesmo? Requer uma boa dose de paciência, renúncia, desprendimento. E o amor, então? O amor não é feito só de alegria, olhos nos olhos, beijinhos. O amor é quentura, é regaço, mas é também um rastro de terra, um rasgão, uma mancha, alguns cacos quebrados.

O amor custa caro. E é um privilégio dos santos, dos loucos, dos poetas. Dos que sabem recolher os gatinhos na estrada.

A mulher deu muxoxo e foi lavar os pratos.

Malhado

Aquela seria uma manhã especial para o menino. Metido numa roupa de caubói, as botas quase engolindo as pernas curtas e um imenso chapéu vermelho à Roy Rogers equilibrado nas orelhas que se destacavam no rostinho ansioso, não tirava os olhos da estrada por onde deveria chegar o cavalo.

No pasto ao lado, indiferente ao desenrolar dos acontecimentos, Cabrito, aquele sonso, pastava com o ar mais inocente do mundo. Ingrato! Tanta espiga de milho, tanta escova no pelo, tantos agrados e aquela paga: um belo par de coices no traseiro!

Escândalo! O menino a berrar, coberto de carrapichos, a mãe a exigir, dramática, o sacrifício do criminoso:

— Só matando este jegue infeliz!

O pai, pacificador, sentenciando:

— Jegue é assim mesmo, não merece confiança, é traicoeiro, não serve para montaria de criança, eu cansei de avisar.

E o menino chorava. Mais que a dureza dos cascos, doía-lhe a ingratidão inesperada:

— Ele era meu amigo — soluçava, numa cantilena sem fim. — Eu não fiz nada com ele, só queria brincar...

— O jumento tá vadio... o tempo todo no pasto, só comendo, sem fazer força... — atalhou o vaqueiro, que nunca compreendera aquele luxo de jegue criado como cavalo de raça. — Eu falei pra vosmincês...

Serenada a tempestade, decidiu-se pela compra de um cavalo para substituir Cabrito, já, então, definitivamente em desgraça para servir de montaria ao menino.

Logo chegou a notícia de que havia um cavalinho à venda, mansinho, bom de passo, dócil no comando, bem na medida desejada.

Sentado na varanda, olhos presos na porteira, chicotinho na mão, o menino aguardava o presente prometido com incontida ansiedade. Afinal, depois do que lhe pareceu um tempo infundável, chegou o vendedor puxando pelo cabresto o tão sonhado cavalo. Era um pampa, branco e marrom. O menino extasiou-se:

— Parece cavalo de índio!!!

O vendedor, animado com a perspectiva de um bom negócio, apostou alto no preço, confiado em que a insistência do filho ajudaria a convencer o pai da excelência do cavalo. Mas, na ânsia do ganho, exagerou na proposta, desanimando o comprador, que não estava disposto a ser enrolado. Como não chegassem a bom termo na transação, deram o dito por não dito, e lá se foi o pangaré, porteira afora, pela mesma estrada por onde viera.

O menino, que já se sentia dono do rocinante, não podendo compreender aquele desfecho inesperado, ensaiava novo berreiro.

— Meu filho, o cavalo não presta, é muito feio, estava até meio roído de um lado. Depois a gente compra um melhor, mais bonito. Esse aí não vale a pena — consolava o avô —, por isso que seu pai não quis comprar.

Já estava quase convencido, quando o dono do cavalo,

arrependido de ter, com sua gananciosa intransigência, deixado de fazer um bom negócio, deu meia-volta:

— Doutor, o menino quer o cavalinho. Vá lá, deixo pelo preço que o senhor ofereceu. É uma pechincha, mas... faça-se a vontade do garoto. Fico no prejuízo. Negócio fechado.

Aliviado, o pai encheu o cheque na hora, antes que o outro mudasse de ideia e, vitorioso e sorridente, entregou o cabresto ao menino:

— Pronto, aqui está o seu cavalo.

O moleque aprumou-se nas botas, o rosto suado, ainda vermelho do choro, e declarou entre amuado e desdenhoso:

— Esse aí? Eu não quero. Vocês não disseram que era feio, sujo, um pangaré velho e roído? Agora não quero.

— A gente lava bem ele, filho. Corta o cabelo, penteia o rabo, fica novo, novinho em folha.

— Não quero, é feio.

— Não é, não. É lindo, parece cavalo de índio comanche, daqueles de filme, todo malhado.

Deu um pouco de trabalho, mas, afinal, pareceu convencer-se e, ainda um pouco desconfiado, aceitou o cavalo. Não se arrependeu. Em pouco tempo, bem tratado e bem fornido, Malhado tornou-se a atração da fazenda.

Com uma vistosa manta vermelha sob o selim lustroso, cabresto de seda torcida, caçambinhas de alpaca nos estribos, lá ia o menino todo prosa em seu cavalinho pampa, fazendo figa ao renegado Cabrito, que, destituído da honrosa posição de montaria do primogênito, passara a ostentar

um bom par de cangalhas, o dia inteiro a carregar mandioca para a casa de farinha. Belo castigo para a imperdoável ingratição!

Enquanto isso, Malhado, nédio, mimado, protegido de todas as possíveis canseiras, tornou-se o xodó das crianças da casa, que faziam dele gato e sapato, até morrer de velho e ser enterrado sob uma frondosa jaqueira, ali mesmo na fazenda onde chegara um dia, quando o menino era ainda tão pequeno que precisava de um banquinho para subir-lhe nas costas.

As lanchas de Mar Grande

Lembro com saudade os antigos verões, recordação que me leva diretamente aos caminhos do encantamento quando fazíamos a travessia da Baía de Todos-os-Santos, rumo a Mar Grande e sua extensa faixa de praias paradisíacas.

Nos tempos de minha adolescência, a travessia era realizada pelas lanchas da carreira que até hoje continuam servindo regularmente à população, com segurança e regularidade, com direito a usufruir a visão de um dos mais belos cartões-postais da cidade do Salvador.

As lanchas de Mar Grande são parte da minha memória, companheiras de um percurso repetido muitas vezes, desde que me entendo por gente. A princípio, eram apenas duas e costumavam marcar as horas da então pequena comunidade de moradores e veranistas da Ilha com o apito que anunciava aos retardatários o momento da partida, quando deixavam as pontes de atracação, na verdade dois pequenos atracadouros — um no Duro e outro na Ilhota, este bem em frente à nossa casa. Eram, então, o único meio de transporte, além dos saveiros, estes mais lentos e menos confortáveis.

Durante muitos anos, reinaram sozinhas e, aos poucos, foram sendo substituídas por embarcações maiores e mais resistentes, aprimoraram os serviços, tornaram-se mais rápidas, mais eficientes. Tinham perfil e nome próprios: às

pioneiras Gaivota e Águia, seguiram-se a Maria José, a Séfora, a Maria Quitéria, a Cavalinho, a Ana Nery, a Joana Angélica...

Já navegavam há muito tempo, quando foi construída a Ponte do Funil, ligando a Ilha ao continente pelo lado da contracosta, pela estrada que iria integrar o sistema *ferryboat*, que surgia, então, como uma possível opção ao transporte de veículos e passageiros.

E assim continuaram seu percurso, indiferentes aos rumores dos primeiros projetos de construção da famosa ponte sobre a Baía de Todos-os-Santos, formidável obra de engenharia que volta e meia vem à baila e um dia, quem sabe, para o bem ou para o mal, será mesmo construída.

Enquanto tentava-se implantar experiências importadas de outras realidades, como o *overmarine*, de curta existência, e os catamarãs, que também não deram certo, as lanchinhas de Mar Grande, as famosas “lanchas da carreira”, que já serviram a tantas gerações, seguiam procurando manter sempre o mesmo padrão de eficiência, oferecendo um serviço digno e seguro, atendendo moradores e visitantes, cumprindo horários — nesta terra onde o atraso é uma constante —, servindo não só ao usuário da Ilha, o que já não é pouco, mas também aos habitantes de outras localidades do Recôncavo.

Integrando-se à paisagem, em seu vai e vem constante, contribuía igualmente para uma democrática aproximação entre os passageiros veranistas e moradores, que disputavam seus espaços em igualdade de condições.

Com o correr do tempo e o aumento da população,

com muita gente optando por morar na Ilha e trabalhar em Salvador, as duas modestas lanchinhas que iniciaram esse percurso multiplicaram-se com os anos e, atualmente, temos treze embarcações trafegando sem parar, realizando a travessia de maneira segura e confortável. Segurança que pode ser atestada com a comprovação de que nenhum acidente foi registrado até hoje, ao contrário dos que já ocorreram em outros transportes. De pequeno negócio, transformaram-se, com a demanda crescente, em promissora atividade, gerando cobiça aos concorrentes.

Além de oferecer transporte rápido e seguro, as lanchas de Mar Grande, em seu vai e vem constante, se incorporaram de tal modo aos hábitos, costumes e paisagens da Ilha, que já se tornaram um patrimônio cultural a ser protegido e respeitado.

Lembranças

Uma das coisas ruins de se ir envelhecendo, me diz Jorge Amado, é que, a cada dia que passa, a gente perde um amigo. Verdade verdadeiríssima. De repente, me dou conta de que também já começo a ampliar o meu cantinho de lembranças. Tantos queridos amigos que se foram, deixando uma recordação, fiapos de conversas, *flashes* da memória que nunca se apagam — um sorriso, uma palavra, um gesto de carinho, uma confiança, alegrias e tristezas partilhadas. Viajantes do obscuro, alguns partiram sem um aceno, outros nos legaram o último olhar de despedida, todos, acredito piamente, estão por aí como estrelas brilhantes guiando nossos passos, consolando, acalmando, quando as dores do mundo se tornam mais atroz.

A morte de Mirabeau Sampaio abriu no meu coração uma ferida muito doce. Lembrança de um tempo já antigo de peregrinação a antiquários à procura de tesouros disfarçados, quando os antiquários, mais do que casas de comércio, eram pontos de encontro, de trocas, quando a descoberta de um objeto de valor artístico assinalável era saudada com o maior entusiasmo por uma espécie de confraria que estava sempre a reunir-se garimpando preciosidades, muitas vezes a preço de banana, nos seus pontos prediletos: Carioca, Jorge Tarap, David Musse eram alguns dos antiquários mais frequentados. Todos bons de prosa, conhecedores do assunto. Um dia ainda vou tentar escrever sobre este tempo.

Mirabeau frequentava a nossa casa diariamente. Ele e meu pai formavam uma dupla incansável na procura de santos. Um e outro esnobando-se mutuamente ao sabor das descobertas. Lembro ainda o dia glorioso em que Mirabeau, ao tentar livrar um santo que comprara recentemente de uma grossa camada de tinta, encontrou a assinatura de nada menos que frei Agostinho da Piedade, santeiro ilustre, de obra disputadíssima, entrada garantida nos melhores museus. Foi um acontecimento. Mirabeau, fala mansa, gestos medidos, conversando horas com meu filho de quatro anos, tratando-se ambos simplesmente por amigo, nas visitas ao grande barracão da Casa Stela, de repente transformado em depósito de móveis antigos, de onde vinham os dois sempre muito contentes, o menino trazendo de cada vez um modelo de bota ou tênis, presente de amigo.

Pintor de traço suavíssimo, de madonas e santos debruados a ouro, Mirabeau, pintor e personagem, disputado pelos anjos, continua no céu seu trabalho predileto, com modelos ao vivo e tintas luminosas.

Santo Antônio, rogai por nós

No próximo dia 13 deste mês de junho, festeja-se um dos santos mais populares do calendário católico. Nascido Fernando de Bulhões, a 15 de agosto de 1195, em Lisboa, falecido em Arcela, perto de Pádua, na Itália, a 13 de junho de 1231, Santo Antônio de Lisboa, também chamado Santo Antônio de Pádua, teve sua devoção espalhada no mundo pelos portugueses, consolidando-se no Brasil em centenas de freguesias, multiplicando-se em capelas sem conta, em altares e oratórios de quase todas as casas. Seus milagres ficaram conhecidos ainda em vida, e seu prestígio cresceu através dos tempos, sendo rara a cidade que não tenha um logradouro batizado com o seu nome.

Mais que um membro da corte celestial, Santo Antônio firmou-se na tradição como um competente e atento auxiliar, tanto nos momentos de comoção nacional, como guerras, pestes e catástrofes, quanto nas mais simplórias atividades do dia a dia. Grande orador sacro, tinha o dom de ser entendido mesmo quando pregava para povos de língua diferente, e seu poder oratório era tão maravilhoso que, certa vez, em Rimini, na Itália, quando os homens não quiseram ouvi-lo, dirigiu-se aos peixes que, embevecidos, punham as cabeças fora da água, para escutar suas palavras.

Do poder das palavras passou a padroeiro das armas, sendo transformado em arma eficaz contra os exércitos

inimigos. Aqui mesmo na Bahia, em 1705, foi capitão na Fortaleza da Barra, hoje Farol de Santo Antônio da Barra, alferes no bairro da Mouraria, em 1800, sargento-mor, em 1810 e tenente-coronel em 1814, com soldo e tudo. Também em outras partes do Brasil, foi chamado a tomar armas contra os inimigos, sendo que, nos dias de festa, a imagem existente no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, usava chapéu orlado de arminho, espada, banda e dragonas de oficial superior.

Outra das atribuições de Santo Antônio, segundo a crença popular, além de dar conta de achados e perdidos, é a de casamenteiro infalível. E, nesse caso, vale tudo, desde orações, trezenas e responsos até intimidação e chantagem. Para alcançar a graça de um bom casamento, o retorno de um amante, a amarração de um marido, submete-se o pobre do santo a todas os possíveis sacrifícios, desde roubar-lhe o Menino Jesus até colocá-lo de cabeça para baixo, ou mergulhá-lo num poço.

Por tudo isso e muito mais é que Antônio tornou-se o santo predileto de todas as classes sociais no Brasil, livrando seu povo da peste da guerra e dos invasores, trazendo alegria aos tristes e aos desesperados de amor. Assim sendo, talvez fosse de bom alvitre, neste momento de aflição por que estamos passando, com tantas nuvens negras no horizonte, com ameaças de apagões e outras desgraças, que se redobrem as súplicas ao santo para que encontre uma saída para este país, que ilumine não somente nossas ruas e casas mas também a mente de nossos governantes, para que possamos viver momentos melhores. Amém. Assim seja.

Esparsas

As adolescentes voadoras

Um corpo risca o ar como uma flecha. Gaivota no espaço de um mergulho perfeito. Poucos segundos apenas e um desenhar de asas. Quase um ruflar, diríamos, nesta ilusão de pássaro. Cada movimento sustentado por um músculo que vai além do seu limite num permanente desafio.

Poucas coisas serão mais belas do que um corpo em movimento. Assim, no recorte final desta última Olimpíada, as ginastas aparecem como um momento inesquecível. O instante em que forma e movimento se combinam para criar um objeto de beleza. Um minuto fugaz de harmonia e de encanto. Linhas que se atraem e se repelem, volumes que se contraem e se dilatam, criando uma tensão, um ritmo que arrebatava o coração e alegrava a vista.

O que encanta profundamente nas ginastas é que aí não há nenhuma meta a atingir, nenhum recorde a quebrar. A perfeição é a sua meta. Cada uma cria seu próprio desafio. O resultado não é o fim mas o instante. São premiadas pelo que fazem e não pelo que alcançam. O meio é mais importante que os fins. E, assim, se tornam eternas num segundo.

Tão eternas em sua beleza e juventude palpitantes, que vê-las é contemplar por instantes o mistério da poesia. E eis que, recuando no tempo, recrio um outro espaço e desenho na mente altos muros de um palácio onde habitam etéreas outras jovens ginastas, perpetuadas na pedra por uma mão inspirada.

No palácio de Cnossos, na ilha de Creta, habitação presumível do legendário Minotauro, foram encontrados afrescos representando cenas em que jovens, de túnicas esvoaçantes e guirlandas de floras, compõem um balé de salto ante a plateia extasiada. Só que este não era apenas um espetáculo mas também um ritual, uma função religiosa. Os saltos, as piruetas, os voos rasantes eram executados num espaço sagrado entre touros selvagens. E a perfeição, no caso, era um estado de risco.

Os meios mudaram, mas a mensagem é igual. Transmitida via satélite, impressa em fotografias ou desenhada nas pedras de ruínas seculares; retratando modernas atletas disputando medalhas ou jovens cretenses equilibrando-se em touros coroados de rosas, revela sempre a fugacidade de um momento fixo eternamente num instantâneo de beleza.

Crônica nostálgica à Cidade da Bahia

As pessoas da minha geração, os adolescentes dilacerados entre os Anos Dourados e os Anos Rebeldes, trazem, marcada na alma a ferro, fogo e saudade, a nostálgica lembrança de uma cidade onde se podia viver e transitar com conforto e segurança, desfrutando a relativa paz dos homens, já que a paz absoluta é privilégio dos deuses.

Uma cidade sombreada de oitis, mangueiras, tamarindeiros, onde se podia curtir com tranquilidade os fins de tarde no Farol da Barra, no Alto de Ondina ou na igrejinha de Mont Serrat, descansando os olhos na curva do casario ou na ilha defronte, aconchegada no mar como um enorme crocodilo alimentado pelo vento.

Hoje olho para os lados e não me reconheço. Mudou a cidade, mudei eu. O tempo disparou nos relógios em pânico. Transformados em personagens da fábula de Alice, vivemos sob a ditadura dos horários, repetindo sem parar, como coelhinhos apressados: “É tarde, é muito tarde”.

Todavia, não era assim quando a cidade preguiçosa escorria das ladeiras pelo trilho dos bondes. Uma ida a Itapagipe era um passeio e uma viagem. Caminho de Areia, Porto dos Tainheiros, sem poluição e sem a dolorosa paisagem de Alagados. O sorvete na Ribeira, degustado sem pressa, depois, a passagem pela Penha, a obrigatória oração na Igreja do Bonfim com suas fitinhas coloridas e seus “milagres”,

ex-votos que testemunhavam, e ainda testemunham, a força da fé que remove montanhas. A volta por Monte Serrat, com a igreja e o forte, com seus canhões e suas lendas. Quem não tinha carro, podia perfeitamente fazer seus longos passeios no conforto dos bondes sem aperto e sem exploração, que as passagens eram baratas e, salvo nos horários de volta do trabalho, os lugares sobravam.

Na década de 1950, Itapuã era arrabalde, veraneava-se na Pituba, e a Barra era um bairro tranquilo onde as crianças podiam andar de bicicleta e, aos domingos, muitas famílias ainda botavam cadeiras na porta. O Cinema Oceania era o *point* da juventude dourada em suas sessões de domingo, que começavam, às 3 da tarde, após o banho de mar pela manhã e o *milk-shake*, depois, na Sorveteria Oceânica.

A intelectualidade disputando os caminhos da Universidade, que, de repente, abria os horizontes da província com a criação das escolas de Teatro e de Música, os famosos Seminários Livres de Música que tanta importância tiveram nas transformações de nosso meio cultural, antes que o gigantesco Castro Alves, renascendo das cinzas, monopolizasse os grandes eventos internacionais, já àquela época bastante prejudicados pela subida vertiginosa do dólar.

Hoje a cidade explode com seus milhões de habitantes, carências, violências, assaltos, ruas bloqueadas como fortalezas. Ninguém mais para numa praia deserta para ver o pôr-do-sol. Serenatas? Nem pensar. Passeios, nos pouquíssimos parques que nos restam, só em horas determinadas e com guardas por perto. Por todo canto, a desconfiança, o medo, a insegurança. A cidade inchada como um

tumor expõe suas mazelas. A miséria, sem pudor, avança a passos largos com seu cortejo de sombras que nos fazem meditar sobre o destino que nos aguarda; sobreviventes da classe média, encastelados em nossos derradeiros bastiões, empastelados entre a pobreza absoluta e a usura desmedida. A sonhar com areias douradas do Porto da Barra depois de um mergulho restaurador na fria água tranquila, sob as asas protetoras da vela dos saveiros, que, como grandes aves marinhas, velavam a nossa paz.

Devoções

Como todo brasileiro que se preza, embora não fosse particularmente religiosa, minha mãe tinha suas devoções. Católica praticante à sua moda, nunca foi de frequentar sacristias, não tinha confessor, não tomava conhecimento das tendências do Vaticano e só ia a conventos para comprar sequilhos e encomendar doces. Mas não perdia missa aos domingos e jejuava e abstinha-se de carne nos dias de guarda, conforme mandava a Santa Madre Igreja. Assim, em nossa casa, durante a Quaresma, o cardápio, às sextas-feiras, era sempre na base de peixe, preferivelmente bacalhau e feijão de leite, um dos pratos prediletos de meu pai. Acredito que não era por sacrifício que faziam esta dieta santificada, porque, mesmo passado o tempo pascal, continuávamos a degustar pratos da cozinha baiana, invariavelmente, às sextas-feiras. Sem pecado e sem culpa, que naquele tempo ainda não tinham inventado o colesterol.

Minha mãe tinha uma relação especialíssima com o divino, relação mais de camaradagem que de adoração ou subserviência. Alguns dos santos de sua predileção ficavam distribuídos em prateleiras especiais em seu quarto e tinham orações particulares impressas em postais coloridos, os “santinhos”, espalhados em bolsas e, principalmente, em malas, quando de viagem. Santo Antônio era, sem dúvida, o predileto, com direito a novenas (ou seriam trezenas?) e

visitas, às terças-feiras, de preferência nas mesmas igrejas: de Santo Antônio da Barra, de São Francisco ou da Piedade. Ao Bonfim, por ser mais longe, íamos pagar promessas, em datas indeterminadas: até hoje não consegui decifrar o critério dessas visitas. São Judas Tadeu era outro santo muito invocado, e o Coração de Jesus, reinando solitário e soberbo com seu coração resplandecente sob uma redoma de vidro.

Um detalhe interessante é que meu pai colecionava imagens sacras, mas estas não eram levadas em consideração na hora das promessas e das rezas: eram santos de enfeite, não mereciam confiança.

A literatura religiosa de minha mãe era restrita ao *Adoremus* e algumas novenas. Não gostava do missal, que considerava complicado e, das missas, não apreciava os sermões, acho mesmo que sempre dava um jeito de chegar um pouco atrasada para “pular” o sermão e entrar logo no “Santos”, o que validava a cerimônia. Mas, se por acaso atrasasse demais e passasse do tempo considerado válido, achava por obrigação repetir a missa seguinte.

Na Sexta-Feira Santa, minha mãe jejuava. De manhã, só um café preto sem açúcar até a hora do almoço, onde nos esperava um banquete, a mesa repleta de iguarias do mais puro gosto baiano, com azeite e moquecas devidamente acompanhadas de um bom vinho tinto. Aí, segundo ela, podia-se comer a fartar, desde que, à noite, se contentasse com uma modesta ceia, se é que alguém ainda conseguia comer alguma coisa.

Dos idos de minha infância, cada dia mais longínqua e mais desfocada, guardo a lembrança de dois momentos em

que a devoção de minha mãe se tornava motivo de alegria para mim: o romper da Aleluia, no fim da Quaresma, e o Mês de Maria. O sábado de Aleluia naquele tempo, antes da reforma que decidiu que a ressurreição do Senhor se dera à noite, era festejado às dez horas da manhã e tinha um caráter festivo e alvissareiro.

Depois da tristeza da Sexta-Feira Santa, quando realmente se reverenciava o Crucificado, com a proibição de festas, músicas e até roupas berrantes, quando, nas igrejas, as imagens cobertas de roxo lembravam o sacrifício do Cristo, o romper da Aleluia era realmente um momento mágico: os sinos das igrejas repicavam alegremente; as buzinas tocavam; no porto, os navios apitavam; soltavam-se foguetes; e iniciava-se um “panelaço”, com as crianças batendo as tampas das panelas, e os adultos dando vivas à ressurreição do Cristo.

Depois do alvoroço, minha mãe me chamava para rezarmos juntas a ladainha. Para mim, era um ritual de importância acender a vela e fazer coro aos Kyrie Eleison, diante do coração flamejante do Cristo ressuscitado. Mas era no Mês de Maria que realmente se afirmava a devoção de minha mãe. Uma grata lembrança, reconfortante, a leitura diária do livrinho, com as histórias exemplares de milagres e conversões de ímpios e pecadores, lidas à luz de vela, ao cair da tarde, sempre acompanhadas da doce invocação a Maria, numa das mais belas orações conhecidas, o “Lembraí-Vos”, e novamente a ladainha, com ênfase especial nas invocações à Virgem Maria; Torre Ebúrnea, Rosa Mística, Harpa de David, palavras difíceis, cujo sentido, muitas vezes, me

escapava, invocações em latim inteiramente desconhecidas ao meu fraco vocabulário infantil, mas que transmitiam um sentimento de comunhão com algo muito profundo, misterioso e incompreensível e, no entanto, confortante e sereno como aquele Jesus que perdoava os pecadores mais terríveis e os trazia de volta ao rebanho pela graça dos convertidos.

Como um murmúrio muito suave ainda ressoam nos meus ouvidos as palavras sagradas “Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, dai-nos a paz”. Assim seja.

Elegia para um morto em sua cadeira

Já nada mais te atinge. Nem o sangue do Cordeiro nem o ruflar de asas, sombra de anjos na parede. Não te moves sequer. Nem a lembrança dos dias vividos te estremece. Não sei quem sou/quem és, que *avis rara* te premiou com penas, te espedaçou o fígado. Coração, coração... teu é o espaço perfeito para o grito que não houve. Teu canto das sereias absurdas do mal. E o descanso dos obscuros laços que te atavam, lobo noturno e enigmático, aos cofres do imponderável.

Não sei de corpo mais cansado, matéria vil de enganos. Putrefacta flor de pétalas sem retorno. A teus pés, dormem dragões alados, anjos domesticados que choram a tua perda como um cão chora seu dono. Foi esta a tua moira, a mais pesada insídia. Estás na morte sentado como um rei em seu trono. A corte está vazia. Somente o bobo vomita sobre o tédio todos os risos de angústia. Dorme em tuas mãos um pássaro empalhado. Um filete de sangue escorre de tua boca e escreve, sobre os muros da memória, a inquietante estória de teus dias.

Um relógio bate sozinho no descompasso da espera.

Fundo de gaveta

Um colar de contas de cristal com fecho quebrado, uma enfiada de chaves que já não servem para nada, um lençinho de cambraia com uma data bordada e um nome, uma caixa de veludo azul para guardar velhas cartas de amor que nunca foram escritas, um relógio quebrado, uma agenda de números apagados, uma radiografia da face indicando um ligeiro velamento, incipiente sinusite que nunca foi além de uma breve ardência, uma sensação de peso ao inclinar da cabeça, um porta-tinteiro de prata sem tinteiros, uma caneta Parker de bocal de ouro e iniciais gravadas, um isqueiro Cartier, um chaveiro de esmalte com uma gôndola e um nome, Venetia, um mapa de Paris, um velho álbum de fotografias onde a vida se revela e se desdobra em poses, em sorrisos, em paisagens, em mistérios escondidos nos gestos que, perpetuados no tempo, levaram para o silêncio das tumbas segredos nunca revelados, amores impossíveis, soluços engolidos às pressas, dores, desejos recalçados; um passaporte vencido, o manuscrito de um poema jamais publicado, um santinho de primeira comunhão, a oração do Divino, uma receita de biscoitos de nata, o risco de um bordado, uma frase latina para um possível *ex-libris*, um calidoscópio, um frasco de botões a serem aproveitados, uma flor seca, as penas de um pavão, um leque de sândalo, uma fivela de metal ornada com golfinhos, um baralho miniatura para jogar paciência, um número de te-

lefone sem data e sem nome, uma semente de baobá, o olho azul do profeta, um frasquinho de água benta do Santuário de Fátima, três parafusos e uma porca, uma lanterna sem pilha, restos de uma coleção de caixa de fósforos, cadernetas de hotel com impressões de viagem, um pedaço de pedra do Palácio de Cnossos, um chocalho de cascavel, uma escovinha de unhas, um recorte de jornal com uma foto e um necrológio, a carapaça de um besouro, sombras verdes, violetas e nacaradas de um estojo de maquiagem, um porta-perfumes, um porta-lápis, um marcador de livros, uma espátula, um sonho irrealizado, uns restos de esperança, um ramo de saudades esquecido num canto...

Janelas

Janelas são espaços de fuga. Maneiras de viajar num doce abismo. De espreitar desvãos, inventar caminhos; insuspeitadas paisagens, desconhecidos horizontes.

Janelas são olhos arregalados para o mundo, mas, as vezes, são apenas espelhos, águas paradas refletindo o rosto ambíguo de nosso próprio desespero. Olhos perdidos num mundo que nos foge como um peixe irreal na superfície de um lago.

Janelas são veredas abertas para o sonho. São passagens para a distância infinita que nos chama com seu poder de encantamento, com a magia do ignoto. Debruçar-se numa janela é respirar o mundo. É aspirar o ar salitroso das manhãs cheirando a fruta e maresia. É ser tocado por um vento quente num dia de verão, quando o sol racha os campos, e o aroma do capim se mistura na memória com o cheiro bom dos currais; a espuma macia do leite transbordando das canecas lustrosas.

Momentos impressos na retina: um homem no barro vermelho, um homem caminhando carrega meu destino. Vejo da janela um homem que caminha e, quando ele tiver passado aí, eu retomarei o espaço do cotidiano, aí eu novamente estarei pronta, a postos para o que devo cumprir, para enfrentar novamente a fortuna. É só um jogo.

Somente a tentativa de brincar um pouco na janela, de

dar um corte no tempo, de ter a consciência nítida daquele homem caminhando como o ponteiro inexorável de um relógio invisível. Vai parar, talvez, vai parar. Mas ele passa alheio àquela sombra na janela. Ele nem sabe que eu existo, mas é meu tempo que ele conta, meu curto tempo que escorre, entre sombras, numa tarde que finda.

Janelas são pórticos de oração, pouso para reflexão. São limites, campos de decolagem, cais de navios que partem inutilmente, ondas azuis batendo nos caixilhos, redemoinhos que passam com suas algas de luz dispersas nas volutas que se fecham aos últimos raios de sol colorindo as vidraças.

Rastros de lua no céu, estrelas distantes e um sentimento de perda irreparável que nos faz mergulhar de cabeça no frio azul distante, lá bem longe onde habitam fantasmas perdidos na infância, quando inventávamos na janela histórias infundáveis, olhando a copa das árvores e casinhas minúsculas, ou as nuvens vagarosas criando sem cessar perfis de bichos e velhas e castelos que se desfaziam ao mais leve sopro, aos caprichos do vento, escultor incansável.

O homem caminhando, cada vez mais longe, até que, por fim, se perde numa curva da estrada. Um vento frio soprou. Fecho a janela.

Jorge Amado, para sempre

Um escritor, como as aranhas, vive do que tece. Sua matéria-prima é a emoção, com ela fabrica suas teias, seus enredos, seus poemas. Mas, às vezes, quando muito forte, a emoção torna-se um obstáculo, e a teia, que se deseja simétrica e coerente, torna-se um embaralhado fio, a repetir-se sem nexos.

Compartilhando este espaço, aos domingos, neste jornal que serve como canal de interação entre mim e os meus possíveis leitores, era natural que quisesse, e precisasse mesmo, compartilhar minha dor com outros tantos que, como eu, acompanharam os últimos momentos do escritor Jorge Amado.

Várias vezes, tentei começar a escrever esta crônica, mas sempre ficava paralisada, a cabeça inteiramente vazia, os dedos, que pareciam engessados, negando-se a obedecer a um comando inexistente. No entanto, nestes últimos dias, não tenho feito outra coisa senão falar, comentar, dar depoimentos, explicações. Mas as coisas se complicam quando se trata da palavra escrita com seu peso de fetiche como um avatar, este recorte silencioso na página a repercutir como um sino de bronze no íntimo de nossas almas. Porque a palavra escrita tem um poder de sedução e um peso de sentença que, às vezes, assusta. É um registro permanente, uma marca indelével.

Do alto do casarão azul do Pelourinho, sede da Fundação Casa de Jorge Amado, procurando um caminho, um fio que me conduzisse através do labirinto de recordações que me afogavam, como ondas de um mar invisível, sentia-me como uma pessoa que, no meio de uma ventania, procurasse agarrar algumas folhas rodopiantes para colá-las num álbum. As palavras se dispersavam, a memória fragmentava-se. Meu coração está dividido. De um lado, cumpre exaltar o grande escritor, a figura internacional de um homem que soube conquistar o mundo com seus personagens construídos e amalgamados com o barro e o sal da grandeza e das misérias humanas. Ele mesmo, personagem maior do universo literário, a construir uma obra que, só no futuro, quando conveniente e extensamente estudada, poderá vir a tornar-se um parâmetro de aferição da sua importância. Por outro lado, o que me conforta recordar, o que me serve de consolo, nesta hora de despedidas, são os momentos em que pude desfrutar de uma amizade sem preço, da convivência de um ser humano verdadeiramente excepcional.

Na casa do Pelourinho, onde estão preservados seus acervos, ou na casa do Rio Vermelho, onde, sob a velha mangueira, repousam suas cinzas, no apartamento do Marais, debruçado sobre o Sena, seu espírito sempre pronto a generosamente dividir, ensinar, orientar, estará permanentemente conosco. Por essas ladeiras centenárias, tantas vezes palmilhadas, pelos caminhos dessas ruas que descem para o mar como corredeiras cinzentas, julgo poder vislumbrar, por um segundo, seu vulto ágil, de mãos dadas com Zélia, no meio da multidão dos personagens que percorrem sem

cessar esse território encantado onde vivem dona Flor, Vadinho, Quincas Berro D'água, Jesuíno Galo Doido, Pedro Arcanjo e tantas outras figuras eternizados na obra deste grande escritor do povo baiano que se chama Jorge Amado.

Lisboa revisitada

*Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,
[...]
Mas, ai, a mim não me revejo!*

Fernando Pessoa

Para um brasileiro, ir a Lisboa é o mesmo que voltar à casa paterna. Uma casa de onde, talvez, nunca tenha realmente saído. Pode parecer um lugar comum, um enunciado de frases feitas, mas, para um brasileiro, principalmente se nascido na cidade do Salvador da Bahia de Todos-os-Santos — berço e relicário desta civilização amalgamada nos trópicos pelo gênio português —, ir a Lisboa significa refazer um caminho de encantamento e fantasia, bafejado pelos mesmos ventos salitrosos que impeliram as velas marcadas pelo signo da cruz na rota fantástica dos descobrimentos.

Portugal! Que imenso país em tão restrito território! Sua grandeza não se pode medir em quilômetros, mas numa escala que transcende o limite dos mapas, invadindo novos horizontes, criando desconhecidos mundos fantásticos, a emergirem do mar como paraísos reinventados.

Pela primeira vez em Lisboa, em 1986, diante da Torre de Belém, assaltou-me um pressentimento de que toda a minha existência tinha sido construída apenas como pretexto para aquele exato momento. Diante do majestoso escoar do Tejo, contei os dias vividos e fui além, fui mais além, argonauta de um tempo às avessas, regressando sobre o sulco azul das caravelas no oceano do tempo sem limites.

Na abençoada terra de meus antepassados, dos ancestrais que forjaram a incrível aventura de criar uma civilização em que se encontram e convergem todos os possíveis caminhos — num difícil aprendizado de tolerância, num delicado equilíbrio de raças, de línguas, de crenças e costumes —, foi que consegui finalmente entender, integralmente, a grande herança que nos foi legada por este povo admirável, fruto da pedagogia ditada pelo jeito português de entender o Outro como a si mesmo e, dentro da diferença, encontrar o equilíbrio.

Começava, naquele instante, um interminável jogo de amor, uma paixão que não se fundamenta propriamente em conhecimento, mas que se alicerça na emoção, no deslumbramento de percorrer caminhos que vêm de muito longe e que, de súbito, se cristalizam transformando o que antes era apenas fantasia em realidade concreta e integralmente vivida.

Porque conhecer uma cidade é como explorar um corpo amado. Tatear, buscar, cheirar, perder-se nos mil possíveis labirintos, dissolver-se nos ventos que a envolvem, no crepitar das folhas secas nas calçadas, nos reflexos do sol nos olhos fixos das vidraças.

Lisboa é um cheiro de castanhas, um odor de sardinhas sobre as brasas, um voitar de pombos nas sacadas. Como um pássaro grimpado nos penedos, pássaro Roca de asas prontas para o salto, o castelo de São Jorge espreita a cidade moura a escorrer pelas ruas estreitas da Alfama, debruçado sobre o grande vale onde se agita o coração da antiga urbe com suas praças magníficas, seus palácios, seus monumentos sombreados pela pátina de tantos séculos.

Do outro lado, no ondear suave das colinas, o Bairro Alto e suas lojas de antiquários guardando o sabor de velhas coisas impregnadas de histórias; madeiras polidas pelo verniz suavíssimo dos dedos, espelhos onde se contemplaram tantas faces, tapetes que ainda guardam o peso de tantos passos, no silêncio apenas tocado por um leve roçar de sedas, a esvaír-se como um rastro de perfume no incenso das naves.

Talvez deva falar das praças... As praças de Lisboa! A dos Restauradores com seu obelisco, o Rossio com suas fontes, a Praça do Comércio, também conhecida como Terreiro do Paço, com sua arrogância simétrica, ao escoar das ruas que aí vão desaguar como afluentes caprichosos, dominada pela notável estátua equestre do rei D. José I, franqueando a cidade aos que chegam, através da magnificência de seu arco triunfal, ali defronte ao Tejo, de onde partiram as caravelas à descoberta de novos mundos.

Os pátios, os conventos, as capelas... Uma nostalgia de fados, um balbuciar de poemas, um leve encanto de mouros remanescente nas fachadas, herança de templários, de cavaleiros andantes que se fizeram marinheiros pela glória de Deus e pelo orgulho dos homens.

Sozinho em sua praça, o marquês de Pombal equilibra-se no tacão de seus sapatos, acariciando os leões que se agacham a seus pés, pacificados como gatos. Diante de seus olhos de mármore, desdobra-se a Avenida da Liberdade com suas árvores exatas.

Sopra do rio um vento frio, e o azul da tarde se cristaliza em azulejos no mirante das casas, enquanto, nas sacadas

rendilhadas de grades, sombras esquivas debruçam-se sobre os umbrais carcomidos pelo tempo.

Lisboa se dissolve na bruma dourada do crepúsculo a iluminar a fachada dos Jerônimos, retorcida de cordoalhas, bússolas, esferas, astrolábios, enquanto “o macio Tejo, ancestral e mudo” continua a fluir suas águas de encanto.

Maratona

Todos viram quando, na disputa da maratona, a representante da Suíça chegou se arrastando e caiu quase morta de cansaço nos braços solícitos do pessoal da equipe médica. Um espetáculo grotesco aquela mulher titubeante ziguezagueando, aos tropeços, até cruzar a linha de chegada.

À primeira vista, pode parecer uma teimosia absurda levar uma competição até aquele ponto. Em certos momentos, o patético chega a tocar a beira do ridículo, e acredito que algumas pessoas tenham sentido um certo mal-estar diante da chegada, trôpega, da moça.

Mas os que assim fizeram desconhecem, provavelmente, o espírito da maratona e a história desta competição instituída pelos gregos 460 a.c. para comemorar a vitória dos atenienses sobre os persas na Batalha de Maratona. Durante a primeira guerra médica, tendo os persas exigido de Atenas e Esparta, cidades gregas, terra e água em sinal de submissão, seus embaixadores foram jogados num poço, onde, segundo os gregos, teriam água e terra em abundância. Pra vingar a afronta, Dario, com uma frota de 600 navios, desembarcou uma poderosa tropa na planície de Maratona, a cerca de 40km de Atenas. Os atenienses aterrorizados pediram socorro a Esparta que, entretanto, negou-se a ajudá-los, alegando motivos religiosos. A destruição da cidade parecia iminente; no entanto, os atenienses, com um exérci-

to de apenas dez mil homens, conseguiram bater os persas e forçá-los a reembarrar. Segundo a tradição, Diomedon, mensageiro ateniense, após a vitória, correu de Maratona a Atenas e caiu, morto de fadiga, depois de dizer uma única palavra: “Vencemos!”.

Para comemorar tal façanha, foi criada a prova olímpica da maratona, corrida a pé num percurso de 43,5 metros. Dentro do espírito em que foi criada, o ideal da prova é chegar, de qualquer jeito. E, talvez, no fundo do seu coração, a moça cambaleante tenha repetido a mesma frase do herói morto: “Vencemos!”.

Nostradamus não está com nada (ou o amargo sabor das profecias)

O irado profeta despejou sua fúria no palco iluminado. A rainha das serpentes encrespou um sorriso nos lábios vermelhos. Ai, flor de cactos, mandacaru, passiflora, que sabe o profeta dessas coisas estelares? O bom das profecias é que nunca se realizam. Ficam suspensas no tempo como adagas, como foices brandidas, suaves, no bailado da morte, esqueletos salpicados de carmim e lantejoulas; a morte, um rubi na testa e os requebros do ídolo. A multidão ululante persegue o sonido, o dó das guitarras, e o diabo louro se assenta bem do lado direito. Um prato balança, como um disco dourado suspenso no abismo da última galáxia. Pai, perdoai-lhes. Eles não sabem que existem os com fome de pão, os sedentos de justiça. O último fígado foi estraçalhado ali mesmo no palco. Melhor é que ninguém se intrometa. O diabo é vivo e arma seus conchavos atrás dos bastidores, no camarim da estrela, atapetado de confetes. Piedade, Senhor, para a rainha louca. Do fundo do sertão, o profeta maldisse e rasgou a carne e a túnica nos espinhos selvagens dos mandacarus ardilosos. Eles são jovens, Senhor, e a alegria? É um crime? No grande circo obscuro, a bailarina cega desliza no trapézio. Um salto sem redes é preciso. O diabo sorri enviesado. A loura pinta os dedos de sangue e ensaia uma ópera. Um fio de saliva escorre da Etiópia e inunda o Nordeste. Pai, afasta de mim este cálice. O que será

de nós nesta hora de juízo final? Ozzy Osbourne não me negará esta última dádiva. Seu corpo de sáurio, membros retorcidos de demônio no escuro. Que manequim talhou as roupas que se grudam como cascas em sua pele? Ó anfíbio, batráquio odioso! Que fiz para merecer odiar-te assim? A desvairada guitarra como um cavalo no peito. Seu relincho selvagem, ó mula sem cabeça, vitrine de enforcados. Devorador de morcegos, pendura os corpos decapitados de teus gatos na última fresta do inferno povoado de gritos, de tambores selvagens. Eu varrerei o palco depois do apocalipse, quando as quatro bestas apaziguadas resistirem a abandonar sua ração de alfafa. A Besta, então, já terá assumido o seu lugar de presidente da companhia, com uma gravata de bolinhas e óculos reluzentes. A Besta não está com nada e vai dormir com a secretária, mas Ozzy Osbourne, no centro do espetáculo, toca a sétima trombeta e começa a devorar um vampiro de plástico sob os aplausos delirantes dos fãs envenenados. Nostradamus, no infinito, cruza os braços e cala.

O calor da fogueira

Ele viveu e pregou no deserto. Comia gafanhotos vestido apenas por um velo curtido e malcheiroso. Era primo de um Deus e partilhava Seu destino; na anunciação e no sacrifício.

Nunca plantou, nunca colheu. Sua messe era a palavra. Sua colheita, as águas do batismo.

Sua morte foi a última provação. O derradeiro sacrifício. Por não ceder aos encantos da filha de Herodíades, foi degolado. E sua cabeça, presente macabro, foi dado a Salomé numa bandeja de prata. Trágico arremate para uma vida inteira dedicada a orações e jejuns.

Mas, neste mundo, a história e as lendas dão voltas e voltas. E foi assim que, aos poucos, o sombrio eremita transformou-se em padroeiro da mais doce, alegre e popular das festas da cristandade.

É difícil dizer quando e como o ascético pregador tornou-se o santo amável, o herdeiro dos ritos e cultos do deus pagão das colheitas. Não tão difícil, porém, é adivinhar-se o rastro desta mutação que, passando através dos gnósticos, mais precisamente pela seita designada Cristãos de São João, trilha caminhos de Dioniso e páginas do Corão.

Desse modo, no subterrâneo entrecuzar-se de lendas e costumes (religiosos ou profanos) que permearam a Idade Média com sua herança de múltiplas culturas, o terrível pre-

gador, que bradava nos desertos “Preparai os caminhos do Senhor”, transformou-se no patrono de um culto à vida e à ressurreição, no padroeiro das graças alcançadas mercê de adivinhas, superstições e crendices, no doce São João, com seu carneirinho. São João, na tradição brasileira o mais povo dos santos, o mais chão, o mais humilde e, por isso mesmo, o mais festejado, o mais profundamente ligado aos costumes de nossa gente, porque teluricamente associado a ritos que se enraízam no tempo, que se alongam mais fundo que a própria história da cristandade.

Há, no espírito da festa de São João, alguma coisa particular e delicada. O retorno à ancestralidade esquecida, aos cultos domésticos, aos costumes passados. Mito de ressurreição e festa da colheita.

Na mesa do pobre ou do rico, as mesmas oferendas: as espigas e o vinho. Muito mais que de animais sacrificados a festa se faz dos frutos da terra: o milho, o amendoim, a batata doce, o aipim, a mandioca. Ao natural ou transformados em bolos, em pamonha, em canjica, a depender das posses e das habilidades. E os vinhos, os licores: de jenipapo, passas, maracujá, tangerina...

O calor das fogueiras revivendo a crença dos antigos braseiros. Com o fogo se festeja, porque pelo fogo se vive. Assim, homens e natureza comungam do mesmo ardor religioso.

Pássaros

Vejo no calendário que hoje é dia dos pássaros. Quem assim determinou eu não sei, mas, por causa disso, me ponho a pensar nesta criatura tão infinitamente intrigante que é um pássaro. Da mais desajeitada à mais graciosa, as aves sempre incendiaram a imaginação dos homens que nelas procuravam explicações que, se não explicavam nada, liberavam, em compensação, as fantasias mais desatadas. Na religião e nas artes, as aves estiveram sempre presentes, e acredito que não tenha existido mitologia sem seus pássaros, ou poeta que neles não buscasse inspiração para um poema. Os egípcios acreditavam num grande ovo cósmico feito pelo deus Khnum com a lama do Nilo. De fato, do abismo primitivo, surgiram os deuses de vários nomes, Khnum, Thot ou Ptah, o grande deus modelador, “o que pensava como coração e ordenava como língua” e, na sua roda de oleiro, modelou um ovo no qual foi incubada a Terra. Pássaros, pássaros: uma águia para Zeus, uma pomba para Noé, Leda fecundada por um cisne que, em sua plumagem, escondia um deus. Entre os persas, Simurgh e, entre os hindus, Garuda, o vento como um pássaro de açoite. Entre os cristãos, o Espírito Santo encarnado numa pomba. E no cotidiano? Os colibris dão sorte, as corujas, azar. Gaivotas como almas penadas de marujos afogados, e andorinhas trazendo o verão como as cegonhas traziam crianças. Na ânsia de serem pássaros, símbolo de transcen-

dência e liberdade, os homens criaram os anjos e dançaram enfeitados de penas como fazem os pássaros na época de se acasalarem. Nas vísceras dos pássaros, estava escrito o destino, e uma das mais piedosas lendas mostra o pelicano como aquele que estraçalha a própria carne para alimentar os filhotes.

Pássaros, pássaros... Uma noite, um corvo entrou pela janela, pousou no ombro de Palas e, ao poeta que cismava, embalado pelas lembranças, respondeu apenas: “Nunca mais”.

Pássaros, pássaros: aves canoras, aves de rapina. Mensageiras da vida, arautos de desgraças ou apenas belos e inúteis arabescos; como flores aladas, como poemas, como o rastro da passagem suavíssima de um sonho.

Réquiem para um poeta assassinado

Negro é o fundo do poço. E negro o instante do acerto final. Lâmina entre dentes, o canto prenuncia punhais. Teu canto, negro como a pele refletida em mofados espelhos. Gritas. Não te ouvem. Nunca ouvem. No vazio absoluto, só o baque surdo do corpo e olho vidrado da mãe. Agora, todas as mães do mundo choram filhos mortos: o peso no regaço. Negro é o fundo do poço, o alçapão que se abre. Cantas a última canção, e te levam para a morte. Estás sozinho no escuro, o escuro é o teu país. Mas o canto... o canto soa claro e é luz na sombra. Que pode, afinal, um poeta de mãos negras, de negro coração sequioso de vingança? A fúria dos cães está completa. A fome dos punhais.

Canto agora teu canto. O que cantaste, caminhando devagar em direção aos loucos patamares, aos degraus do suplício. Houve um minuto de assombro, bolha de silêncio. Depois, o choro amargo da mãe e um ódio longo como um rastilho de pólvora.

Poetas rebelados de todos os quadrantes, uni-vos! Este é um tempo de lama, náusea e grito. O sangue coagulado clama por nós em Pretória.

Hermafrodito

Subitamente, instalou-se o milagre. Correram todos para **S**ver o impossível. Um cachorro com chifres? Um bezerro de ouro? Um touro com cabeça de gente? Não, apenas uma mulher belíssima, com jeito adocicado, um brilho entre perverso e inocente nos olhos um tanto juntos e os caninos perfeitos, ligeiramente salientes na ambiguidade do sorriso. Um ser de longos cabelos pretos, misterioso e inquietante em sua dupla natureza, um andrógino; a força alquímica dos contrários.

E o prodígio falou. Com sua voz aflautada, sacudiu os cabelos e disse:

— Eu sou o outro, eu sou o que ficou atrás do aço dos espelhos. Alguém que mora em mim, intruso e forasteiro. A minha mãe é Afrodite, a Beleza, e meu pai o incansável mensageiro, Hermes, o senhor dos caminhos. Não sei mesmo como começou esta incrível aventura. Uma manhã no banho, mirei-me nas águas e vi uma jovem ninfa que me olhava. Imediatamente, apaixonei-me. Ali estava o Outro, o Duplo, a Metade. Hermafrodito, ela disse, e abraçou-se a mim com tal apaixonado anelo, e de tal modo me envolveu e envolveu-se, que sua pele rósea grudou-se à minha carne, seus membros delicados uniram-se ao meu corpo de efebo. Sobre minha cara, desenhou-se o suave contorno de sua face. Seus olhos mergulharam nos meus olhos, e fomos dois

num só. Apenas múltiplos de uma estória comum. Depois o sexo se alteou de leve como um junco no lago, e os seios desabrocharam como pomos no jardim das Hespérides. Isto foi longe e há muito tempo, mas ainda guardo no corpo os sinais da tormenta.

Tristeza

*Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!*

Carlos Drummond de Andrade

O mal se chama “tristeza” e está matando o boi do campo. O bicho morre devagar, definhando aos poucos, enlanguescendo, perdendo as forças até findar-se numa cardiopatia assassina. Daqui de meu canto de cidade, fico a imaginar como será um boi atacado de tristeza. Homens, já vi muitos. Padecentes de males muitas vezes não diagnosticados. A princípio, apenas uma leve angústia, um peso indefinido, uma nostalgia, um desespero manso. Às vezes, a tristeza nos homens também mata. Assim morriam os escravos atacando de banzo, distantes de sua terra. Assim morrem os que perderam a esperança e a força de viver. Os que perdidos de amor deixam a vida, deixando com ela a razão do sofrimento.

Volto à imagem do boi. Num campo verde, vejo o boi doente de tristeza. Pode haver coisa mais triste do que um boi triste? Manso, quieto, ruminando seus males. Toda a força guardada, recolhida no peso desta doença sem cura. Toda a fúria, todo o ímpeto do ataque, toda a possível estocada dos chifres ali desmanchada nesta melancolia concentrada em si mesma, em seu sofrimento que nem as árvores nem a terra em volta pressentiam. Um bicho triste, o boi, já de nascença. Uns olhos úmidos, pedinchões, um ar cansado, o

passo lento como se carregasse no lombo toda a carga do mundo, como se levantasse para sempre e sem descanso toda a dor de uma invisível ferroada.

Solidão, solidão. Um homem passa na rua, e sua tristeza faz dele apenas mais um desgovernado barco à deriva de sonhos. Um homem e sua dor, um homem triste e seu fardo, sua bruaca angústia. Centrado e concentrado em seu ruminar de grandes/pequenas angústias, um homem com sua paixão, sua dor de corno, sua fome, suas dívidas, sua angústia metafísica, sua luta inglória, sua batalha cotidiana.

Tristeza é uma palavra doce e amarga: sabor de mel ou quássia. Cicatriz que se resolve com o dedo, a dor antiga revivendo por instantes como brasa soprada. Na solidão de um campo verde ou de uma rua movimentada, homem/boi curvados sob o peso de uma coisa maior e mais forte que os irmana. A mesma mágoa, o mesmo desconforto que, subitamente, inexoravelmente, atinge a todos. Miséria e fragilidade da humana/bovina condição.

Metamorfose

— Quem foi que disse aí que não acredita em Lobisomem? Eu mesma já vi vários...

— A senhora está brincando! Lobisomem nem existe...

— Como não existe, pois eu estou dizendo que já vi? E não foi eu só, não, aqui por estas bandas quase todo mundo já se deparou com um. É um bicho feio danado, assim na feição de um cachorro. Só que não é tão peludo. É mais tipo um homem mesmo, só que sempre está nu e anda de quatro, rosnando. A cara é que fica horrorosa quando ele se transforma, toda torcida, cheia de pelos, aquelas orelhonas...

— A primeira vez que eu vi era mocinha. Eu tinha ido fazer farinha com a minha finada mãe, e ficamos por lá distraídas, e o tempo foi passando, e todo mundo já tinha ido embora. E a gente lá, às voltas com o masseiro. Já perto de meia-noite, o serviço acabado, lá vem nós pela estrada, o panacum nas costas. Não tinha lua nenhuma, mas até que a noite estava bonita. Nisso, a gente viu um vulto passando por detrás de umas moitas, bem ali perto da casa do finado Honório. Deu logo aquele susto, aquele desassossego. Aí o bicho uivou... Não foi nada não, meu sinhô... Pernas pra que te quero? Ganhei o mundo numa carreira que nem me lembrei da velha. Foi um carreirão só. Minha mãe atrás, largou a tralha toda e afundou no meu rastro.

— De outra vez foi pior. Pois não é que o desgraça-

do foi atentar dentro de casa? A gente já dormindo, noite fechada, quando, de repente, ói o cachorro dando sinal. Naquele tempo, meu marido criava galinhas. Umas frangas bonitas, de pescoço pelado, uma novidade. O galinheiro ficava, assim, rentinho à casa. Acordamos com a cachorrada latindo. Meu velho aprontou a carabina e já ia virando a taramela, quando ouvimos aquilo na porta. Era um barulho esquisito: slept, slept, slept, como uma orelha enorme batendo, batendo. Aí foi um alvoroço. Menino chorando, mulher desmaiando. Uma gritaria de acordar um morto. O bicho, quando ouviu aquilo, zasp! afundou no escuro que ninguém viu nem o cheiro. No outro dia, a gente foi ver no terreiro, tava lá as pegadas. Cada pezão destamanho... E o pior, um tufo de cabelo vermelho grudado na cerca, bem no lugar em que o arame foi forçado. Este até eu desconfio quem seja. Tenho cá minhas desconfianças... Que é gente da zona ninguém me tira do juízo, é gente daqui mesmo...

— Agora, caso bonito de virar, mesmo, é o de César. Um camarada que mora pras bandas do Cipoal, perto da casa de Zé, quase frente à venda de Totonho. De vez em vez, tá lá ele, virando casa de cupim.

??????!!!!

Casa de cupim, sim, senhor, Outro dia mesmo, uma mulher foi buscar uns sacos de farinha e, quando foi chegando, ele estava na janela. Ela salvou, e ele desapareceu. Quando ela chegou mais perto, bem na soleira da porta, olha lá a baita casa de cupim. E dele, nem sinal, tinha sumido.

Mas... melhor mesmo é aquela que meu pai sempre contava...

Papai Noel não existe

Pouco antes do Natal, a menina fez a grande descoberta: Papai Noel não existe!

— É o pai da gente, boba, — disse, com ar de conspiradora, a amiguinha um pouco mais velha e já se iniciando nos mistérios da vida. — Meu primo João, o ano passado, fingiu que estava dormindo e viu quando o pai entrou de mansinho e botou os presentes no pé da cama.

Filha única, a menina não tinha com quem compartilhar tão importante revelação. Não tinha coragem de perguntar à mãe, pois ela poderia se zangar e não fazer mais nada das coisas boas que aconteciam em casa a cada Natal.

De repente, talvez mamãe ficasse zangada ao ver o seu grande segredo descoberto e desistisse de enfeitar a árvore, com suas bolas coloridas, os festões prateados, as luzinhas tremelicando no canto da sala, transformada, pela magia do mito, em território de todos os encantamentos.

Perguntaria à babá. Lindoca jamais poderia lhe negar o direito de saber a verdade. Queria a história toda, nua e crua. Naquele momento, a menina ainda não sabia, mas um poeta já afirmara que é melhor morrer ciente do que viver enganado. Não, positivamente não era um caso de morte, mas, na sua inocência, a menina tinha um vago pressentimento de que alguma coisa grave poderia acontecer.

— Lindoca, me diga uma coisa, Papai Noel existe

mesmo, ou é nosso pai que bota os presentes? Não minta pra mim. Jure, jure que você vai me dizer a verdade.

Pegada de surpresa, a babá deu uma risada, disfarçou o embaraço e respondeu:

— Oxente, e onde se viu tanta bobagem. Então, Papai Noel não existe? Que ideia maluca. E quem foi que lhe deu aqueles presentes todos no último Natal? E, então, pra que fazer carta pra ele? Mas claro que existe. Jurar não juro, que jurar é pecado. Mas lhe afianço que existe, vem do Polo Norte, naquele carro dourado puxado por aqueles bichos grandes, feição de veados, com cada chifrão enorme, lindos, têm nomes de renas. Espera todo mundo dormir e, então, entra nas casas e deixa os presentes...

— Entra nas casas como, se tudo está trancado? Ele é fumaça? É encantado, para entrar pelo buraco da fechadura? Você não quer jurar porque não tem certeza. Não é nada de pecado, porque toda hora você diz “Pela bênção de minha mãe” pelas menores bobagens.

— E a carta? Todo ano você não escreve a carta e põe no correio, direitinho, e ganha os presentes que pediu, tudo certinho? Se ele não existisse, pra que a carta? Pedia direto ao papai e pronto.

A menina ficou pensativa. É verdade, tinha a carta... mas não era uma prova segura. Todo mundo participava da feitura da carta, dava palpites, sugestões. De súbito, ocorreu-lhe um detalhe suspeito. Havia uma espécie de censura prévia aos pedidos; coisas muito caras, muito grandes, difíceis de conseguir eram vetadas, sempre, sempre, sob a alegação de que Papai Noel não ia achar, não podia trazer

no saco, isso e aquilo. Mas, para quem vinha do Polo Norte — aliás, onde ficava mesmo o Polo Norte? — num carro dourado, a galope, pelos ares, não haveria problemas. Papai Noel deveria ter tudo.

Mas... e se Papai Noel não existisse mesmo?

E, a cada dia que passava, aquela dúvida, aquela suspeita. No quatinho cor-de-rosa, na cama de sucupira, toda enfeitada de babados de fina cassa florida, a menina treinava todas as noites para ficar acordada. Seria a única maneira de saber a verdade, pois os adultos não lhe contariam nada. Perdiam-se em risadinhas cúmplices, que a humilhavam um pouco, e pareciam não dar importância à sua dúvida cruel. Os primos mais velhos, nem se davam ao trabalho de ouvi-la, menina boboca, e os menores viviam embalados nas músicas natalinas, embevecidos com os presentes, os burrinhos, o Menino Jesus, os carneirinhos, esperando com fervor os presentes de Papai Noel.

— Mas se ele não existe?

Enfim, chegou o grande dia. O dia do confronto final: Verdade ou Mentira? O Natal naquela família era cansativo. Visita aos avós, a vários tios, festas e comilanças sem fim. Depois de cumpridos todos os roteiros, enfim, de novo, em casa. A árvore rebrilhando, o som das músicas, a distribuição dos presentes aos empregados e...

— Vamos pra caminha, que Papai Noel também está cansado.

Como por milagre, pela primeira vez, ela obedeceu sem pestanejar, deixando de lado os presentes recebidos dos avós, dos tios, dos amigos.

— Está morta de cansada —, disse a mãe, com um riso maroto.

Subiu para o quarto com a babá, deixando os adultos na sala. Já no quarto, olhou o rostinho franzido de expectativa no espelho oval da penteadeira, e declarou num rompante:

— Só durmo quando ele vier...

— Boba, assim ele não vem. Papai Noel só vem se você dormir. E vamos pra cama, e feche os olhos pra dormir bem depressa.

A luz do corredor dormia acesa. A claridade filtrada pela claraboia de vidro espalhava no quarto uma penumbra gostosa. Encolhida na cama, de olhos bem fechados, a menina esperava, quase vencida de cansaço, rezando baixinho: Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, fazei que eu aguente acordada, fazei com que veja...

Não sabia bem o que desejava ver. A figura de um velho de longas barbas brancas, roupas vermelhas, botas enormes, saído do nada, parecia sufocá-la. Ah, como a verdade é terrível!

Já quase vencida pelo sono, cochilava de cansaço quando, entreabrindo os olhos, viu no chão uma sombra que se aproximava pela porta... uma sombra enorme, sem rosto.... E o medo foi tomando conta do corpinho suado.

— Psiu, não vá acordá-la, cuidado. — A voz da mãe tranquilizadora sussurrava no escuro, dissipando os temores. Os dois, pai e mãe, unidos na tarefa de espalhar os presentes sobre os sapatinhos cuidadosamente arrumados embaixo da cama.

De olhos semicerrados, a menina espreitava, enquanto um tumulto de sensações desencontradas sacudia-lhe o peito: alívio, decepção, culpa. Sentia-se envergonhada de estar ali a espreitá-los, como se fosse uma traição ter descoberto o segredo. Sentia-se também de certo modo enganada e frustrada, porque o melhor presente estava perdido para sempre: o milagre, o sobrenatural.

— Papai Noel não existe! — A frase doeu no fundo da alma e era como se, de repente, o Natal também deixasse de existir.

Sáiram do quarto de mansinho, pé ante pé, e ela ficou sozinha encolhida entre os lençóis sem coragem de conferir os embrulhos que se amontoavam ao pé da cama. No dia seguinte, abriu os presentes sem entusiasmo.

A difícil travessia

Um dia, ainda escreverei sobre este assunto. Um dia, quando tudo tiver finalmente passado e a dor for só uma leve comichão na pele, um aperto no coração, quase imperceptível mordedura. Um dia, talvez, quando o tempo já tiver lançado a sua misericordiosa mão sobre o nosso sofrimento, eu talvez fale. Mas hoje, não. Não me peçam isto, por favor, agora, não.

Hoje eu só quero esquecer. Quero fingir que tudo vai dar certo. Que tudo seguirá adiante, e a vida é assim mesmo, temos de continuar. Continuamos. Difícil é esquecer aquele homem sozinho, lutando desesperado contra um inimigo insidioso, um adversário cruel que não fará acordos, para quem de nada adiantará sua conhecida diplomacia, sua comprovada experiência em conciliar os contrários. Eu disse sozinho, e isto talvez cause espanto, pois nunca se viu tamanha corrente de solidariedade no país, tantos médicos, tantos familiares, tantos amigos apreensivos, o povo todo unido na mesma prece angustiada, o coração batendo forte a cada notícia, a cada boato, a cada leitura de um boletim médico que não traz mais esperança, mas que ainda insinua um milagre. Eu disse sozinho. E é isto mesmo. Ele está sozinho, porque é assim sempre nos momentos mais graves. Um homem sempre está só, quando enfrenta o destino. Um muro de silêncio e solidão o separa do mundo, e o sofrimento é pouco diante de tamanho desamparo.

Eu não quero lembrar, mas não posso esquecer. Há sempre uma imagem na lembrança, uma foto encontrada, um cartaz, fiapos de conversa. Há, sobretudo, doendo no fundo, a frustração do sonho espedaçado, a esperança aniquilada, o direito de esperar o que talvez não viesse nunca, mas que era direito nosso esperar, porque a esperança foi tudo o que restou para nós, último dom da caixa de Pandora.

Eu não queria falar e, no entanto, estou aqui remoendo palavras arrancadas do coração com o maior sacrifício. Não pode haver consolo, explicação ou amparo. É tudo um pesadelo impossível, um terrível equívoco, uma louca fantasia. Mas a gente sabe que ele está lá, morrendo a cada dia e a cada dia matando um pouco de nós mesmos.

Caminho sem volta

Nós não merecíamos isto. Depois de tanta inquietação, de tanta luta, de tanta praça ocupada, de tantas bandeiras, tantas esperanças nesta difícil travessia, não merecíamos, afinal, como prêmio, a quarentena. Este chegar e não chegar. Esta visão do porto sem porto. O rodar em círculo sobre um aeroporto sem teto. Como se, depois de sete anos e mais sete anos mais sete, em vez da noiva prometida, Jacó recebesse um frio pedaço de papel; em lugar do corpo da amada, uma procuração para que se consumassem as bodas. A festa se realizou, os convidados estavam ali, houve até quem sorrisse, sorrisse, mas havia em todos os corações um grande peso, como um grito doendo na garganta, como um choro contido que a gente tenta disfarçar com os dentes apertados.

Agora, ao apagar das luzes da celebração que não houve, os brasileiros ainda esperam, confiantes e temerosos, a atenção voltada para o centro do país, à procura de respostas às suas inquietações: o último boletim dos médicos, a última da família, a última providência dos ministros. E o país inteiro pulsa e se aflige como um grande coração batendo de ansiedade e sofrimento, como um coração aflito que só aceita esperar o melhor, porque sabe que o sonho não pode acabar assim, que isto já vai passar, foi só um susto, um aviso.

Não, decididamente a gente não merecia isto. A ale-

gria devia ter sido o toque final, o último acorde desta canção que aprendemos a cantar juntos no entusiasmo do verde-amarelo enfim resgatado, expressão e símbolo de nossas esperanças.

Mas tudo bem, tudo bem. Se isto pode servir de consolo, estamos traumatizados, mas estamos tranquilos. Afinal, aprendemos muita coisa nesta difícil caminhada. Agora, mais do que acreditar num homem, e na força e carisma deste homem devemos crer em nossa força de povo. Precisamos do senhor, Presidente Tancredo, e muito. Como se precisa de um pai, de um guia, de um amigo. Mas precisamos também ter a medida exata de nossa própria grandeza. A sua força é a nossa força. A força de uma nação que se afirmou, firme e pacificamente, nas praças e sabe que, haja o que houver, o caminho foi aberto. E não haverá retorno.

Cave ne cadas

De uma velha senhora, gente simples do povo, aprendi, há algum tempo, uma lição preciosa. É que eu costumava fazer planos, programar o futuro, como se as coisas fossem acontecer sempre na medida dos meus próprios desejos. Todas as vezes em que eu afirmava convicta: “Vou fazer isto ou aquilo, sábado irei a tal lugar, próximo ano, etc.”, ela ouvia em silêncio e, com um ar muito sério, respondia solene como uma sibila cabocla: “Se Deus quiser”. Da primeira vez, a frase me soou como uma advertência. Fiquei meio parada no entusiasmo dos projetos, sentindo um certo mal-estar, presentindo, naquelas palavras tão simples e tão usadas por todo mundo, um toque de sabedoria milenar, aquela sabedoria que vem dos fundos do tempo, aprendida às custas de muito sofrimento, de imemoráveis experiências, de um saber atávico que não se encontra nos livros nem se aprende na escola, mas se bebe com o primeiro leite, com o primeiro sorvo de ar aspirado com ânsia por um delicado pulmão que, enfim, se descola.

Que sabemos nós, afinal, deste impreciso roteiro? Deste caminho sem voltas, onde nem sempre as marcas da margem são visíveis aos que caminham? O dia seguinte, o minuto seguinte, a próxima encruzilhada? Que demônios ou anjos estarão de atalaia? Que precipício, que emboscadas espreitam na passagem? Ah, destino, destino! Quanta cruel-

dade às vezes semeias, quanta coisa que parecia tão certa e, afinal, se desmancha como cartas empilhadas. Ah, destino, destino! Que lobo voraz vigia nossos passos: salteadores talvez, ou talvez apenas o que não esperávamos encontrar e que nos pega de surpresa bem na curva da estrada?

Vamos com calma, humildes e prudentes. Vamos bem devagar, contentes do que conseguimos vencer, deste dia que, afinal, nem sempre merecemos; o presente alcançado, o outro lado do muro. Com vagar, chegaremos. Isto é, se Deus quiser, se os fados permitirem, se for esta a nossa moira. Porque certeza mesmo neste mundo ninguém pode ter, de coisa alguma. A gente faz por merecer: luta, trabalha, se esforça, sonha, projeta. Mas, de repente, o destino nos prega uma surpresa e, em meio à nossa vaidade, aos acordes voluptuosos de nosso próprio triunfo, como no cortejo dos Césares, a voz soturna e monótona marca os limites de nossa insignificância a lembrar que somos apenas mortais, e o nosso quinhão é sempre o imprevisível. A voz noturna e distante como um agouro ou um aviso: “Cuidado, não caias”.

Um retrato no jornal

Vi seu retrato no jornal. Primeira página. Um jovem como tantos outros. De calça Lee, tênis, blusão. O detalhe do tênis é importantíssimo. No claro-escuro da foto, aqueles sapatos brancos, luminosos. Exatamente iguais aos que meu filho usava ontem à noite ao sair para o clube. Iguais aos milhares de outros que milhares de jovens usam, diariamente, no mundo todo: no colégio, no trabalho, nos passeios, no cinema, nos jogos. Marca universal do conforto, da descontração, da juventude.

Observo melhor a fotografia. Apenas mais um instantâneo, de mais uma guerra. O jovem tem o rosto contraído, mas parece bonito. A face bem equilibrada, dividida ao meio por um nariz reto. Cabelos curtos, encaracolados. Alguma coisa familiar naquele rosto. Uma linha ancestral, um sinal, uma marca.

O rapaz estava fugindo e carregava com ele uma criança pequena. Um irmão? Um filho? Ou apenas um estranho, apanhado na rua? Mais um sobrevivente da matança geral?

A criança era muito pequena mesmo. Uma criança de colo.

Na fotografia, os dois estavam sós. Limitados pelo espaço da lente, prisioneiros de um minuto, capturados pelo *click* da máquina, salvos pelo instante e trazidos até mim pela

magia do telex, invadindo meu sossego nesta sala silenciosa.

Os dois estavam sós e estavam fugindo. Senti no coração um grande peso. Como se, de repente, eu fosse responsável pelos dois. Como se a culpa de tudo fosse minha.

A gente sabe que as pessoas estão morrendo. A gente sabe que as pessoas estão se matando como animais doentes. Mas um número é um número. Uma fria abstração. Aquele jovem na foto era dolorosamente real. Não como nas imagens dos noticiários da TV, trágicas mas passageiras. Eficientes e rápidas como um golpe de faca. Um retrato pesando em minhas mãos como um pecado de séculos. Impresso indevidamente, queimando-me a retina, incomodando como um prego no sapato.

Na sala vazia, eu respiro fundo, enquanto no meu coração um pensamento egoísta começa, insidiosamente, a infiltrar-se. Aqui estamos salvos, aqui ainda estamos salvos. Eu não conheço este jovem. Como o Mandarin do célebre romance, ele está do outro lado. Não posso ser culpada. Ele é apenas alguém que eu não conheço. Em minha sala silenciosa, eu fecho os olhos um instante para não ver a inocência daqueles sapatos fugindo. E tento não pensar no clarão suicida, no cogumelo crescendo como uma flor malsinada ao ritmo alucinado do galope das bestas.

Nós somos o mundo

É isso aí, irmão, vamos cantar juntos. Vamos dar as mãos numa grande ciranda e tentar exorcizar os fantasmas da fome, os duendes da guerra, as bruxas da discórdia. Vamos fazer nossas preces dos desvalidos, a fome dos abandonados, a fraqueza dos tíbios, o cansaço dos exploradores. Vamos dar água a quem tem sede de justiça, pão aos famintos de liberdade. Vamos cantar. Cada compasso marcando o ritmo de nosso próprio coração angustiado, cada sílaba balbuciando a mesma oração esquecida, a mesma invocação.

Nós somos o mundo. Nosso é este abismo que se alarga a cada dia. Nossa é a responsabilidade pelo exercício cotidiano da solidariedade. Ninguém está sozinho. Pois não disse o poeta que homem algum é uma ilha? São nossas as dores do mundo, são nossas as alegrias, juntos giramos sem parar nesta bola perdida num universo misterioso de segredos infinitos, de infinitas distâncias. São nossos os gritos e os gemidos nos campos de batalha, os ossos furando a pele das crianças da Antióquia. É nosso o remorso de Hiroshima, a pele calcinada das vítimas de Nagasaki. Nosso é o dedo em riste do carrasco, os fornos de Buchenwald, os frios calabouços da Sibéria. É nosso irmão o guerrilheiro barbudo e aquela criança de olhos profundos e cabelos escuros, aquela menina explodindo com sua fúria para vingar um crime sem explicação e sem clemência. Nós somos os tiranos e a

força que nos sustenta, nossa é a culpa porque somos tíbios, porque somos omissos e não queremos doar além do que é preciso, como a esmola jogada de longe para alcançar um remorso, para esconder uma culpa.

Nós somos o mundo. Somos o sentimento que faz bater, num mesmo ritmo, corações tão distantes no mesmo entusiasmo febril na busca de um caminho, de uma estrada que nos leve a um lugar mais seguro, a um futuro em que não haja sempre sobre as nossas cabeças uma espada de cobalto. Um futuro em que estar vestido e alimentado não configure um pecado diante da multidão de famintos, da legião de desesperados a quem falta pão, esperança, amparo e morada. Um futuro sem humilhados e ofendidos, sem carrascos e opressores, no qual o vinho que se bebe não seja a anunciação de sedes mais severas, e a comunhão seja possível mesmo entre contrários, mesmo entre distantes pela razão e pelo espírito.

Nós somos o mundo. Pela boca e pela voz de nossos cantores proclamamos esta verdade. Somos o mundo, somos o futuro. A sobrevivência ou a catástrofe, a redenção ou o crime. Nós somos.

História Natural

Cientistas descobriram uma coisa notável. O homem pré-histórico não comia carne ou cereais; nem bebia leite além do tempo necessário. Eram maiores e mais fortes do que nós, seus civilizados descendentes. Frutas silvestres, raízes, talvez insetos, quem sabe pequenos lagartos ou caramujos, seriam parte da balanceada dieta que provavelmente os deixaria leves e desintoxicados o bastante para se pendurarem graciosamente na copa das árvores, como fazem ainda hoje os macacos assanhados.

Seus dentes eram perfeitos, sua digestão era breve. Deviam ser pacíficos estes habitantes da altura. E, provavelmente, felizes. Viviam ao sabor das estações, à revelia do acaso. Nada os prendia, nada os subjugava; nem casa, nem família, nem deveres, nem horários. Bastava estender a mão ao fruto mais próximo, escavoucar a terra à procura de raízes ou, simplesmente, coçar-se uns aos outros à procura de lêmbeas.

Ninguém sabe ao certo o momento do mergulho, do despencar-se do lastro seguro das alturas até o solo, terra de ninguém onde caninos aflitos dilaceravam a presa ao mínimo descuido, à mais leve inocência.

Foi uma longa aprendizagem. Da abundância à escassez foi um duro percurso. Um labirinto de florestas devastadas, de colheitas dizimadas. Os frutos rareavam e as semen-

tes tornaram-se objeto de admiração e de culto: talismãs e erário. Quem poderá saber do gosto do primeiro sangue? Da fome impulsionando as pernas na corrida, o gosto da caça crescendo entre os dentes, e a mão multiplicada em garras-facas-chuços-achas?

Depois, talvez tenha sido o altar dos sacrifícios. Os deuses sedentos em fúrias sangrentas. Depois, foi o ter e o haver, cercas crescendo em volta, aprisionando as bestas livres, prendendo os homens libertos. Um dia, um homem plantou seu chuço no chão e arreganhou os dentes para o vizinho mais próximo. Lutaram até a morte. As proles aflitas agruparam-se em bando, e teve lugar, então, um demorado conflito. Muito mais tarde, os remanescentes do grupo sentaram ao pé do fogo e relataram suas lutas; de como venceram os inimigos com bravura e de como mereceram a terra que adubaram com o sangue dos heróis e a carcaça dos vencidos.

Este foi apenas o princípio de um longo caminho. De um itinerário tortuoso entre píncaros e abismos. Séculos e séculos carregando um aguilhão como um espinho na carne. A lembrança do momento da perda inocência, quando o bem e o mal se tornaram diferença. Frutas silvestres, raízes, hortaliças, gramíneas, que gosto podiam ter comparadas ao acre sabor venenoso devorado com a carne e o sangue do animal abatido?

Menudos

Ovelho William certamente não foi muito feliz ao declarar naquele dia: “Um nome! O que é um nome?”. Às vezes, um nome pode ser tudo. Um nome é muito mais que um nome se por acaso carrega, além do significado, aquela carga sutil de ocultas insinuações que fabricam a fantasia. Se eles se chamassem Miúdos, ou Pequenos, ou Pirralhos, não tinha *marketing* que aguentasse. Mas Menudos rola na língua e se dissolve como um bombom de coco. Com a mesma adocicada chatice de seus requebros vendidos a peso de ouro por uma propaganda que já fabricou antes tantos mitos vazios, tantos heróis de coisa nenhuma e sempre devidamente acompanhado pelo cortejo de fanzocas dilacerando-se aos empurrões em troca de um sorriso, de um aceno, ou (supremo galardão) de um naco de camisa. Este delírio é antigo e tem um nome muito bem posto. Mas, quando ataca meninas, deixa na gente uma impressão nauseante. A exploração também tem um limite. Pagar 200.000 cruzeiros pra tomar chá, lanche, ou seja lá o que for, com menudo é dose! Lemos no jornal declarações de mães insatisfeitas, queixando-se da desordem da promoção pela qual pagaram quase um milhão de cruzeiros só para levarem as filhinhas. Ora, vá pentear macacos! Não tenho nada contra miúdos ou graúdos, pois cada um tem o ídolo que merece, mas explorar a fantasia das crianças atrás de um lucro fácil, enrolando os pais desavisados

(e até os avisados que não têm como resistir às pressões) é, no mínimo, golpe baixo. E não venham falar em fenômeno, lembrar os Beatles, os ídolos de sempre, etc., etc. Os que têm valor estão aí, os Beatles mudaram uma época, influenciaram um comportamento, outros não deixaram nada além do apagado rastro dos ataques histéricos. Tudo bem, tudo bem, mas poupem as crianças do ridículo, da imposição de falsos ídolos, bezerrinhos de ouro da propaganda mal dirigida. Tem coisa melhor por aí e bem mais barata por sinal. É só dar uma voltinha no Jardim Zoológico.

Bem, como nem tudo neste mundo é sim, sim, não, não, devo declarar que vejo no grupo uma face bem simpática. É que os seus promotores bolaram uma coisa genial. Conseguiram, finalmente, descobrir a fórmula da eterna juventude: o herói perpetuamente adolescente. E o conseguiram de uma maneira muito prática: eliminando do grupo os membros que ultrapassassem os limites da idade além da qual a vozinha aflautada destoasse das demais. Os italianos antigamente resolviam o caso de modo mais drástico, mas, agora, não ficaria nada bem. Os tempos são outros. Isto tem uma grande vantagem, pois com o individualismo dissolvendo-se nos limites do grupo eternamente renovado, estaremos dispensados, daqui a alguns anos, de deprimentemente espetáculo do ídolo desesperado agarrando-se freneticamente a uma imagem perdida, atrás de perucas, cintas, com roupinhas modernas que assentam mal em sua silhueta de aspirante “coroa”. E tome plástica! Com os Menudos, não. Como ídolos descartáveis serão perpetuados, até que os consumidores encham o saco e partam ansiosos em busca

de outra imagem qualquer, ou que os promotores, sentindo no ar o cansaço da plateia, descubram, no cesto sem fundo das celebridades fabricadas, uma nova galinha dos ovos de ouro.

Sic transit...

Passaram. Deu um pouco de trabalho, mas, afinal, se foram. Deixaram ainda, é claro, uns restos de entulhos. Coisas velhas no porão, alguns acólitos que, coitados, teimam sempre em permanecer no rastro dos que se afastam na doce ilusão de pegar das sobras do futuro. Quem sabe, os que virão deixarão cair um pouco dos benefícios, não repararão em seus rostos ansiosos, em seus olhos aflitos de cães de guarda dos palácios? Talvez se esqueçam de que já lamberam outras mãos, de que já rastejaram em outros passos. Não custa nada tentar. Afinal, são profissionais competentes, peritos bajuladores, puxa-sacos autênticos. Sua grande experiência sabe que os poderosos são vulneráveis. Quem pode resistir ao elogio apropriado, à lisonja bem feita, à renovação diária das próprias proclamadas virtudes?

Mas, enfim, já passaram. Antes, tiveram o cuidado de limpar as gavetas. Os sucessores devem achar a casa limpa. Os tapetes varridos, os vidros brilhantes. Ao lixo a papelada, os planos não cumpridos, as promessas furadas. O futuro, às baratas.

Passaram como passa o verão, como passam os anos, como passa o que passa, as areias douradas na eterna ampulheta. Ah, poeta, como são frágeis os “podres poderes”! Como se esfacelam de repente na sinuosa curva do tempo! E, no entanto, como se agarram a seus tronos bichados, a

seus mantos puídos, a seus cetros remendados, sem compreenderem que nada vale nada, tudo são favas contadas do destino inexorável, e que a boca que hoje baba a sua mão amanhã não sorrirá, sequer, à sua passagem.

Passaram como a vida passou, como passaram os sonhos. Como passaram os ventos destes anos todos, esculpindo em nossa pele seus sulcos implacáveis. Depois do pó assentado, do terreiro varrido, da casa arrumada, tentaremos escrever novamente a palavra esperança. Sabendo, porém, que em nós alguma coisa ficou perdida, inexoravelmente. Uma certa inocência feliz que nos fazia acreditar que tudo era possível, que ainda haveria um jeito, que dos sonhos mortos nasceram cravos e que a vitória, afinal, teria um doce sabor de veneno.

Gralhas & gralhas

Não, positivamente não dá. Desta vez, foi demais. Já, já sei de tudo que vão me dizer: revisão é isto mesmo, sacis vermelhos em cada página, até Lobato falou que é impossível vencer as “gralhas”. Aceito. Tudo bem. Tenho engolido várias. Mas, desta vez, a coisa assumiu uma conotação (por favor, é assim mesmo) mais sombria. Fiquei mesmo deveras traumatizada (um dicionário, por obséquio).

E olhe que eu sou daquelas pessoas, como se costuma dizer, “de bom acomodar”. Não sou de criar casos e, além de algumas eventuais explosões tão flamejantes quanto passageiros — afinal, um escorpião tem de honrar o seu signo —, sou de convivência tranquila. Mas, se há uma coisa na qual sou rigorosamente implacável, é na defesa da absoluta fidelidade ao que escrevo. E não adianta dizer que em jornal é diferente, não precisa tanto rigor, tudo é muito transitório. Para mim não é, não, e nisso sou neurótica confessa e declarada. Por isso, encontrar uma palavra trocada no meu texto é como um susto na esquina, um tiro de emboscada.

Uma letrinha ainda vá lá. Se der pra perceber o sentido, tudo bem. Erro de ortografia não me aborrece. Pode escrever jeito com g, atrás ou atraz não tem tanta importância se a essência do pensamento continua íntegra (ai, meu Deus, olha o acento). Mas não suporto, não posso suportar a distorção da linguagem, a traição do sentido, a quebra do significado.

Assim foi na minha última crônica, no domingo passado, aqui mesmo neste espaço. Havia um parágrafo, a certa altura do texto, que dizia o seguinte: “Sentiu o sal na boca de muito longe pressentiu, ou antes escavou de bem dentro de si mesma, um **destino** marinheiro. Alguma rosa-dos-ventos, tatuada bem no fundo, como um mágico **mandala** a indicar-lhe o ponto exato, a exata passagem para um oceano maior e mais profundo onde navegaria sem fronteiras”.

Ora, aconteceu que em lugar de **destino marinheiro** tascaram, sei lá por que, um **distinto** marinheiro. Agora, convenhamos que escavar no fundo de si mesmo um destino marinheiro é até, modéstia à parte, uma imagem aproveitável. Faz evocar (ou pretende fazer) toda uma ancestralidade de navegadores, toda uma história visceralmente impregnada de lendas marinhas, avós portugueses desbravando oceanos, colônias fenícias ou simplesmente navios partindo, mil possíveis imagens guardadas no inconsciente e que num átimo (é átimo mesmo, ótimo uma ova!) afloram. Mas daí passar para um **distinto** marinheiro é transformar tudo em paródia, num ridículo atroz que corta no ato a tensão da leitura. Tudo destruído pela súbita e insólita aparição de um distinto marinheiro de roupinha engomada e tudo.

E o pior é que, não contentes com isto, ainda me transformaram um **mandala**, isto é, um círculo mágico utilizado no Oriente como instrumento de meditação e aperfeiçoamento interior, num prosaico tempo do verbo mandar e deste modo um **mágico mandala** virou um mágico **mandá-la** que não mandou coisa nenhuma e, se pudesse, mandava.... bem, deixa pra lá.

Meu caro Revisor: tudo bem, tudo bem. Como já disse, sou de bom acomodar e bem viver, mas não posso resistir à tentação de lhe rogar uma praga. Que o distinto marinheiro assombre seu sono. Você vai sonhar com ele todo dia. Mil e uma noites. E ele vai obrigá-lo a comer três latas de espinafre e ainda ouvir a voz de Olívia Palito. E eu, bem, eu vou buscar o Centro, a Passagem, o Nirvana, na insondável contemplação de meu mágico mandala.